

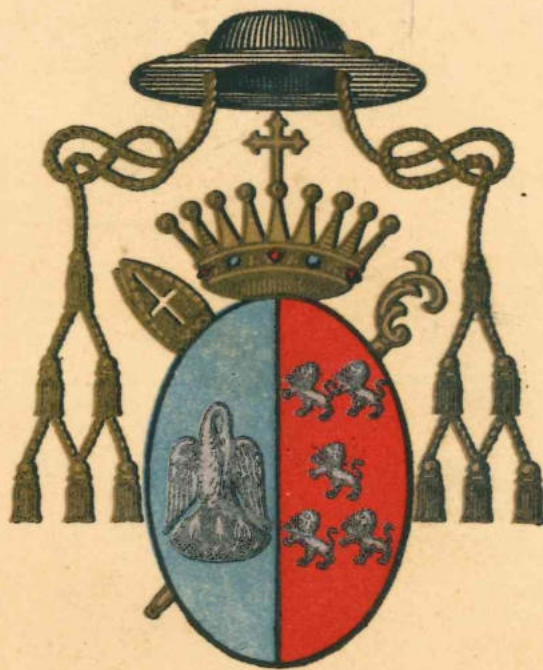
UM HERÓI DA EPOPEIA PORTUGUESA NO ULTRAMAR

D. António Barroso

POR

António Ferreira Pinto

Bacharel formado em Teologia pela Universidade de Coimbra
Professor e Reitor do Seminário de N.^a S.^a da Conceição do Porto
e Cônego da Sé Catedral



PÓRTO

1931

ESQUIVA, L.^a

Livros de Arte
Antigos Raros e Curiosos

R. Afonso Lopes Vieira 126, (ao Foco)
Telef. 65314-4100 PORTO

D. António Barroso

Outras publicações do Autor:

Memória da Fundação, Mudança e Restauração do Seminário Episcopal do Pôrto.
Três discursos na abertura solene das aulas do Seminário, em 1903, 1907 e 1919.
Duas conferências na Associação Católica do Pôrto.

Discurso na abertura solene das aulas do Seminário em 1927, seguido de 31
Parábolas com reflexões.

Indultos Pontifícios — Comentário em forma de perguntas e respostas —
2.^a edição.

Lições de Teologia Pastoral.

In Memoriam — no primeiro centenário do nascimento do Snr. Cardial D. Américo, Bispo do Pôrto.

Três opúsculos sobre : Pontualidade, danças e modas.



John Thomas, Bishop
1899

*Do meu amado amigo P. José M. de F. e Silva
com muita estima,*

Um Herói da Epopeia Portuguesa no Ultramar

D. António Barroso

POR

of

António Ferreira Pinto

Bacharel formado em Teologia pela Universidade de Coimbra
Professor e Reitor do Seminário de N.ª S.ª da Conceição do Porto
e Cônego da Sé Catedral

Prefácio

do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Bispo do Porto



1931

Tipografia Porto Médico, L.da
Praça da Batalha, 12-A
Porto

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Nº 60176

Barcelos



*À seu am.º e obzga P.º Frei M. de F. e Ruho,
Com mte. estima,*

Um Herói da Epopeia Portuguesa no Ultramar

D. António Barroso

POR

of. António Ferreira Pinto

Bacharel formado em Teologia pela Universidade de Coimbra
Professor e Reitor do Seminário de N.ª S.ª da Conceição do Pôrto
e Cônego da Sé Catedral

Prefácio

do Ex.mo e Rev.mo Snr. Bispo do Pôrto



1931

Tipografia Pôrto Médico, L.da
Praça da Batalha, 12-A
Pôrto

MUNICIPIO DE BARCELOS

BIBLIOTECA MUNICIPAL

Nº 60176

Barcelos

Com licença eclesiástica

PREFÁCIO

Num gesto de bem merecida homenagem e não menos louvável gratidão, vai a nobre cidade de Barcelos lembrar, ainda este ano, em patriótica e religiosa comemoração, as singulares benemerências de D. António Barroso, um dos mais ilustres filhos daquela terra, de bem cristãs e velhas tradições.

Como quem quer saldar uma dívida em aberto no coração de muitos dos melhores filhos de Portugal e da Igreja, apresta-se a municipalidade de Barcelos para levantar-lhe uma estátua-monumento, que lhe perpetue as virtudes cívicas, em que poucos se lhe avantajaram.

É dever patriótico apontar às gerações que vão passando os que amaram até ao sacrifício e elevaram à maior altura a terra em que nasceram e que sempre serviram devotadamente.

Para consagrar-lhe as altas virtudes apostólicas decidiram os homens da Igreja organizar um Congresso Missionário, que, no elenco dos seus trabalhos, fôsse um vibrante despertador de alguns dias, a recordar ao Portugal católico e cristão a sua vocação histórica como evangelizador dos mundos.

E tudo isto, por ser ainda dever de religião acordar energias de Fé, talvez latentes nas almas, pela imitação dos que, de cruz na mão e alma abrasada em fogo de apostolado, souberam chamar ao convívio dos filhos de Deus tantos e tantos que dormiam às sombras da morte.

Ninguém desconhece que D. António Barroso, no ultramar, e, duma forma muito especial, no Congo Português, deixou obra imorredoura de evangelização.

Nesta diocese que hoje servimos como sucessor do insigne Bispo, grande patriota e ardente missionário, em colaboração

muito directa e muito espontânea com todos os organizadores dessas justíssimas comemorações, teve o Rev.^{mo} Snr. Doutor António Ferreira Pinto, cónego da Nossa Sé Catedral e Reitor do Nosso Seminário Teológico, a feliz ideia de fazer publicar esta Memória, em que se traçam as linhas dominantes da vida dessa nobre figura de Prelado, que foi ornamento ilustre da Nossa diocese do Pôrto.

Parece ainda acertado que daqui, desta cidade e diocese, e até dum dos Nossos seminários e pela pena competente dum dos seus mais abalizados professores, saísse êste contributo de admiração e reconhecimento, a emprestar tons de muita verdade, a projectar clarões de muita virtude e bondade no quadro magnífico, em que vai fazer-se, para edificação de todos, a ementa preciosa das muitas benemerências de D. António Barroso, algumas das quais andam ainda bem vivas na memória de todos.

Bem merece da Nossa diocese o Snr. Dr. Ferreira Pinto por mais êste louvável esforço, que vem enriquecer a história já bem gloriosa da diocese do Pôrto.

Trabalho idêntico produziu, ainda há pouco, a sua tenacidade de investigador incansável e de amigo dedicado, em homenagem ao Snr. Cardial D. Américo, por ocasião do primeiro centenário do seu nascimento.

Ninguém como o autor pode fazer obra conscienciosa sôbre as notas biográficas dum e doutro, pelos contactos de intimidade que com êles manteve nos respectivos pontificados.

Por isso, não deixa de fazer transparecer em cada uma das páginas dêste livro de escrupulosa observação, a par da têmpera

de aço de D. António Barroso na defesa dos sagrados direitos da Igreja, a sua serena bondade, que é o traço mais saliente de toda a sua vida e que dêle fez essa figura de porte hierático e de sorriso sempre igual, figura popular e quasi lendaria, que viverá por largo tempo no espirito e no coração dos povos que sentiram a sua influência bemfazeja de Pastor das almas.

Dos pobres e dos humildes fez os seus amigos de todos os dias, e o sorriso que a todos dispensava era já esmola bemdita que fazia enorme bem às almas.

A todos acolhia como se fôra pai, e, raro traçava a cruz da sua bênção, que não deixasse minorada a dôr de alguém.

Essa virtude, e muitas virtudes, e todas as formosas qualidades que lhe enriqueciam a alma de eleição aí ficam dispersas como flores neste livro que gostosamente prefaciámos, e que desejariamos chegasse às mãos de todos os nossos queridos diocesanos e até de todos os portugueses de boa vontade.

Nele vai toda a alma da Nossa diocese no agradecimento de filhos que muito devem à acção pastoral de D. António Barroso e no voto fervoroso de que, diante do trono do Senhor, obtenha para esta diocese e para Portugal inteiro aquele espirito de Fé e amor da Pátria que foi o timbre da sua vida, desde o berço ao túmulo.

† A. A., BISPO DO PÔRTO.

COOPERANDO TAMBÉM...

Anunciado o Congresso Missionário e a inauguração do monumento que a fidalga cidade de Barcelos erige à memória dum dos seus filhos mais ilustres, um português que foi duplamente soldado — soldado da Igreja e da Pátria, — admirável de virtude, à qual juntava a heróicidade, um português cuja vida se orientou pelo lema de bem servir, lembrei-me logo que não ficava bem o silêncio do Seminário do Pôrto.

O Snr. D. António Barroso, que muito amou esta casa de formação eclesiástica, foi seu dedicado Reitor de 1899 a 1918; êle, que sempre aqui vinha como pai carinhoso, muito a ilustrou com a sua presença, discursos e alocações nas festas; ampliou o edificio, construindo uma grande livraria e aulas bem iluminadas; êle também para aqui me nomeou como Vice-Reitor, em 1906, dizendo, expressamente, que era para executar o plano do aumento da casa, como fica referido. Impunha-se portanto a homenagem dêste Seminário de Nossa Senhora da Conceição, cujas tradições são de muita gratidão para com os bispos que lhe consagraram o seu carinho e solicitude pastoral.

Recordei e recordarei sempre com muita saüdade as viagens a Remelhe, durante o seu longo exílio, acompanhando os ordinandos, que sòmente do seu bondoso Prelado e de mais ninguém quiseram receber ordens; a Barcelos acompanhei o cadáver do grande Missionário do Congo e assisti à sessão camarária que resolveu erigir o monumento destinado a perpetuar a sua memória; não esqueci ainda que ajudei a transportar, aos ombros o cadáver para a última jazida... e lembrei muitos outros acontecimentos e circunstâncias que terão referências nas páginas dêste livro. Recordei os trabalhos de sete longos anos como secretário

do Snr. D. António Barroso, a vida de intensa actividade, de cooperação permanente e, por isso, resolvi contribuir,

COOPERANDO TAMBÉM, com esta publicação para o bom êxito do Congresso Missionário.

A apresentação desta Memória não é luxuosa, embora eu empregasse todos os esforços para que fôsse o menos indigna possível da pessoa, cujo perfil pretendo apresentar. As ilustrações dão realce ao trabalho, conquanto nem tôdas sejam perfeitas. Depois de longa investigação não foi possível encontrar fotografias melhores. Algumas são já muito antigas; não consegui outras.

Quanto ao valor intrínseco, na parte cuja responsabilidade me pertence, sei que é pequeno.

O tempo urgia e, por consequência, não houve ocasião para longas e repetidas revisões, como ensina Horácio. Queria êste insigne poeta que se conservasse fechado por muito tempo, a sete chaves, o original que se destina à publicidade de modo a poder aperfeiçoá-lo. Não obstante a recomendação do grande mestre ⁽¹⁾

(1) ... Si quid tamen olim
Scripseris, in Metii descenda iudicis aures
Et patris et nostras, nonumque prematur in annum.
Membranis intus positis, delere licebit
Quod non edideris; nescit vox missa reverti.

Se um dia escreveres algum trabalho, mostra-o ao crítico Mécio, ao teu pai e a mim, e guarda-o durante nove anos.

Poderás destruir o que estiver guardado, ao passo que jamais voltará a obra publicada.

da lingua latina — nescit vox missa reverti — vai esta Memória com alguns defeitos, que o leitor inteligente e benévolo facilmente suprirá. Ignorei e desprezei talvez bagatelas que no aperfeiçoamento literário têm grande importância, o que não é de admirar em quem nunca teve muito tempo disponível nem uma feição especial para a literatura. Paciência! e outros mais competentes supram as minhas faltas.

O assunto é muito superior às minhas forças e faculdades, assim o creio, sobretudo no que se relaciona com a vida missionária que não conheço; ⁽¹⁾ guiei-me, contudo, por fontes que julgo seguras e mais ainda por aquilo que tantas vezes ouvi ao Missionário homenageado e li no seu interessante diário de Moçambique.

Com a minha resolução, um pouco ousada, eu quis «carrear um pequeno pedregulho» para a obra do Congresso Missionário, já que não me julgo capaz de levar «aos caboucos do grande edifício, os enormes blocos da eloquência católica e patriótica», parafraseando assim uma passagem do grande Missionário no

(1) Sumite materiam vestris, qui scribitis, aequam
Viribus et versate diu quid ferre recusent,
Quid valeant humeri.

Vós que escreveis, escolhei assunto que esteja de harmonia com as vossas faculdades e pensai, maduramente, naquilo que podem ou não os vossos ombros.

seu livro «O Congo — seu passado, seu presente e seu futuro», publicado em 1889 (1).

No meu trabalho encontrará o leitor referências a acontecimentos que eu presenciei, lições que ouvi, história dos meus dias — tudo, quasi sempre, em estilo conciso, lacónico até. Tem isto como origem o temperamento e a feição especial que sempre me têm dominado — transmitir ideias. Demais, estou já no declinar do dia, como disseram os discípulos do Senhor no caminho de Emaús e é tarde para me esforçar na aquisição duma forma literária florida, elegante e patriótica. A idade madura — a idade do frio, já não é muito própria para nova orientação (2). Mas ao Congresso de Barcelos irão outros mais competentes para o converter numa verdadeira batalha religiosa e patriótica, em favor da grande obra missionária que Portugal deve amar, que Portugal recomeça e tem obrigação de intensificar se não quiser

(1) Em apêndice, publico o principio dêsse livro e a última parte, importantíssima para a organização das missões.

(2) «Notam-se de ordinário duas fases na dição do escritor público, correlativas às duas épocas da sua existência — juventude e virilidade madura. Na primeira domina o estilo difuso, na segunda o estilo conciso. O escritor novel expande-se em desenvolvimentos floridos e pouco succulentos; o da segunda fase prefere laconizá-los em poucas palavras, onde domina a ideia. Estes dois estados do espirito são correlativos aos da atmosfera. O calor produz a dilatação do ar, o frio condensa-o. No homem, o calor é a juventude, o frio é a idade madura, escreveu Sena Freitas, no «Dia a Dia dum Espirito Cristão», onde também disse: O estilo não se aprende, é um talento, é o talento literário do escritor; pode somente aperfeiçoar-se».

atraíçoar cobardemente a sua missão gloriosa de povo civilizador.

O momento que passa é duma flagrante oportunidade para êste Congresso. A França inaugurou, há poucos dias, uma patriótica exposição colonial e dizem os jornais que lá está um grande pavilhão das missões católicas, tendo como remate a cruz. Belo e grandioso relêvo dado à Epopeia missionária! É a solene confissão, perante o mundo, da sublime obra da Igreja Católica civilizando em todos os continentes, obra em cujo serviço Portugal tem páginas que nenhum país pode igualar.

Acertadíssima, pois, a resolução do Congresso que vai realizar-se em Barcelos.

Nessa assembleia, oradores autorizados, sugestivos e conhecedores do problema missionário levantarão, como creio, um brado eloqüente, unísono e entusiasta, de modo a despertar esta Pátria, que todos muito amamos, da apatia, do sono verdadeiramente letárgico em que há tanto tempo está mergulhada; aí soltarão, repito, um brado eloqüente e zeloso que faça aumentar o número dos operários que vão cavar a vinha do Senhor nas colónias portuguesas, cujos interêsses religiosos e civilizadores tanto apaixonaram o Snr. D. António Barroso, que foi, sem dúvida, um missionário modelo de missionários. Foi um gigante diante dum mundo novo a conquistar para Jesus Cristo, um missionário que realizou uma grande obra sobretudo no Congo e em Moçambique, cujos habitantes convertidos são outras tantas coroas, de que podia gloriar-se, à semelhança do que S. Paulo dizia dos Filipenses: meus muito amados irmãos, gosto meu e coroa minha, estai firmes no Senhor (Filip. iv).

Essa obra perpetua-se ainda hoje. Êle foi verdadeira e indubitavelmente, em menores proporções é certo, o Lavigerie ⁽¹⁾ português.

« Que colosso! Que alma de fogo, de acção, de cólera e de paz! Uma imaginação poderosa sempre em criação. Uma intelligência clara, profunda, capaz de abraçar, rapidamente, num relance de olhos, as questões mais difíceis; um coração bom, que a caridade abrasa, que a bondade — uma bondade engenhosa — impele em todos os sentidos, para tôdas as obras que a exprimam em actos. Uma vontade de ferro, uma vontade inquebrantável diante dos obstáculos, ainda os mais difíceis, que dificuldade alguma faz dobrar, que nenhum revés abate, que nenhuma autoridade estranha à hierarquia legítima pode submeter, vontade severa, perseverante e triunfante ». Tal é o perfil que do grande Cardial Lavigerie, magistralmente, traçou o distinto escritor francês Edmond Renar ⁽²⁾.

Quem conheceu o Missionário Padre Barroso, quem leu os seus livros — « O Congo », « Um relatório de Moçambique », o « Diário » —, quem ouviu doutros missionários referências a respeito

⁽¹⁾ *Em 1860 Lavigerie estabeleceu as bases para as escolas do Oriente, já iniciadas em 1856 por M. Jammes, e que tiveram um grande desenvolvimento.*

Em 1863 foi nomeado bispo de Nancy e em 1867 arcebispo de Alger. Em 1868 fundou a congregação dos missionários de África ou Padres Brancos. Foi também administrador apostólico da Tunísia. A 27 de Março de 1882 foi nomeado Cardial; a 10 de Novembro de 1884 foi restabelecida a sé archiepiscopal de Cartago e o Cardial nomeado arcebispo. Morreu em 1892, tendo nascido em 1825 em Baiona, onde lhe levantaram uma estátua.

⁽²⁾ *Revue des Jeunes, Julho de 1930, n.º 11.*

dos trabalhos realizados pelo homenageado, não deixará de confessar que este filho de Remelhe participa da personalidade do missionário Lavigerie. A sua alma de fogo bem se manifestava nos seus escritos missionários, nas conferências, nas suas alocuções e, por isso, merece da Igreja e da Pátria que a sua memória não seja esquecida.

Barcelos, no Congresso Missionário, galhardamente, pagará por todos nós uma infinda dívida de gratidão com a homenagem que vai prestar-lhe. Pois bem: que toda a alma portuguesa se una àquela reunião numa apoteose que seja ao mesmo tempo uma romagem de saúde, um preito de admiração. Assim nos mostraremos dignos do herói que Deus nos deu.

«Ali me alistei... ali pelejei...

com a coragem que me dava um coração de português», afirmou o Snr. D. António, no templo dos Jerónimos ⁽¹⁾. «Fui soldado duma milícia, que também combate além-mar pela honra do nome português» ⁽¹⁾, eis a suprema honra, de que se orgulhou o Snr. D. António Barroso.

E, porque bem combateu, entendo que é de justiça dar a esta obra o título «Um Herói da Epopeia Portuguesa no Ultramar», — Herói da Epopeia missionária que os portuenses não devem esquecer, mas lembrar, porque ele foi também seu Bispo — Pastor, sobretudo, caritativo.

⁽¹⁾ *Vêja-se o apêndice I.*

Irá o livro correr Portugal, e eu sei como já disse com Horácio — «nescit vox missa reverti» — publicado não voltará para ser corrigido ou até destruído.

Será lido, criticado por alguns mestres na arte de escrever, talvez amigos ainda do Snr. D. António Barroso; irá às mãos de missionários e coloniais distintos, que conhecem as regiões de África e da Índia por onde trabalhou o ilustre Barcelense. Não os receio, porque não busco o interesse pessoal, a vanglória de escritor que se deleita com apreciações elogiosas ou outro motivo de semelhante natureza. Se isto fôsse o meu intento, tinha, no fim de contas, de reconhecer que me enganava.

Eu simplesmente quis ser a voz humilde dum auxiliar do Snr. D. António Barroso durante o seu Episcopado no Pôrto.

Êle morreu, mas a sua bondade não se extinguiu; na verdade, a sua figura missionária e caritativa vive ainda e viverá e jamais será esquecida nas páginas da história.

«Mihi quidem quanquam est subito ereptus, vivit tamen semperque vivet; virtutem enim amavi illius viri quae extincta non est», escreveu Cícero.

A nobreza do homenageado consistiu no trabalho da evangelização dos indígenas e na prática da caridade.

«Denique nobilitas sola est atque unica virtus», afirmou Juvenal.

Nos Lusíadas, «a honra incorruptível de Portugal», como lhes chamava um ilustre professor de Medicina que também foi clérigo, respiguei algumas passagens da Epopeia marítima que

aliei à missionária, não esquecendo pensamentos da idade de ouro latina, porque, embora os seus autores sejam pagãos, as ideias têm admirável senso cristão; procurei, assim, não repetir o que escrevi logo depois da morte do Snr. D. António Barroso, dando variedade ao trabalho. Dêste modo, escrevendo da virtude, de que fala Cícero, e da verdadeira nobreza que não consiste somente em pergaminhos, títulos e brasões herdados, como proclamou Juvenal, mas daquela nobreza que tem como principal fonte a bondade, a prática do bem, o sacrifício pelo próximo, significado até no pelicano das armas episcopais do homenageado, eu quis estar em Barcelos, lá no Congresso Missionário,

COOPERANDO TAMBÉM.

*Seminário de Nossa Senhora da Conceição,
12 de Junho de 1931 (Festa do Coração
de Jesus).*

ANTÓNIO FERREIRA PINTO.

I

NAS MISSÕES

Disposições Sagradas

É próximo à morte e quando o homem se prepara para o derradeiro passo que as manifestações da última vontade traduzem, geralmente, a alma e todo o ser de quem as transmite ao papel ou vocalmente. Há testamentos que valem o retrato espiritual, um retrato perfeito do testador, e traduzem tôda a sua alma,—tôdas as suas superiores qualidades.

De Luís Veuillot (¹), o católico combativo de comunhão freqüente, cuja pena foi o terror, o flagelo constante dos inimigos da Igreja como director do jornal *Univers*, são as seguintes palavras que valem um volume:

« Colocai a meu lado a minha pena; sôbre o meu coração o crucifixo, meu orgulho; sôbre os meus pés êste volume e fechai em paz o meu túmulo ».

Nestas palavras testamentárias, formidáveis de fé, o grande jornalista, o temível polemista francês, resumiu tôda a sua vida, traduziu a sua alma, deixando assim um docu-

(¹) Le journaliste-né, l'esprit fait homme, como alguém classificou Veuillot.

mento do seu valor e da sua inquebrantável fé. São admiráveis e profundamente cristãs. Mais tarde, quando, em 1899, os católicos franceses inauguraram um monumento na capela de S. Bento da Basílica de Montmartre, em homenagem ao grande e temível lutador da imprensa católica — monumento simples mas significativo — « *um busto tendo ao lado duas figuras alegóricas, o valor cristão e a fé* » —, alguém escreveu também esta síntese: *Acreditei*.

Na minha vida, conheço alguma coisa semelhante: — *as últimas disposições, o testamento do Snr. D. António Barroso*. Realmente, êste grande Prelado, a síntese mais perfeita do patriotismo e da crença nos últimos tempos, deixou um testamento, verdadeiramente, notável; fez disposições que retratam a sua alma, as suas grandes qualidades. São disposições sagradas.

« Pobre quero morrer em obediência e acatamento às sábias leis da Igreja Católica ».

« Em exéquias, que se me façam, não quero elogio fúnebre, consentindo-o apenas nas da catedral desta minha diocese do Pôrto, sob a condição de versar sôbre as tremendas responsabilidades do Sacerdócio e do Episcopado, visto o púlpito não ser lugar para louvores, mas sim para ensino ».

Palavras admiráveis, conceitos fecundos, disposições sagradas, que retratam a grande alma do Missionário operoso e do Bispo ilustre, traduzem a sua humildade profunda, todo o seu ser, permitindo êle sòmente aquela oração fúnebre que também é permitida, oficialmente, pelo Cerimonial dos Bispos.

Como Luís Veuillot, também êle, o Missionário Barroso, podia mandar colocar ao seu lado a pena com que

escrevera artigos para jornais e revistas, prefácios para livros, importantes relatórios sôbre missões, exposições aos governos, pastorais e diferentes trabalhos dispersos; aos seus pés podia mandar colocar a Bíblia ou o catecismo que ensinou aos infieis do continente Africano, e levou à Índia, mas contentou-se em afirmar a sua pobreza, o seu permanente desapêgo dos bens materiais,—feição muito especial do seu temperamento e da sua alma, o seu mais lídimo brasão.

Proibiu elogios fúnebres, permitindo sòmente o da Catedral e êste ainda em condições especiais — *versar as tremendas responsabilidades do Sacerdócio e do Episcopado*.

Não mandou que lhe colocassem a cruz, porque sabia que ela é companheira inseparável do católico, à hora da morte, e o missionário e o bispo trazem-na, sempre, sôbre o peito. Levou-a ao Congo como Missionário e a Moçambique como Bispo; acompanhou-o à Índia e prestigiou-o no Pôrto; foi sua companheira no túmulo, como fôra em tôda a sua vida. Cruz, trabalho, sofrimentos..., a pobreza — a sua maior glória: — *Pobre quero morrer*.

Testamento notável êste, disposições sagradas, palavras que deixaram à posteridade uma exemplar lição pastoral.

Mas os altos juizos de Deus, e também os dos homens, nem sempre respeitam tôdas as recomendações dos mortos quando estas não merecem o esquecimento. E assim o nome do Missionário do Congo é, cada dia, mais glorificado, elogiado e transmitido às gerações vindouras. Se há personalidades que, ràpidamente, esquecem e vidas que pouco lembram além da campa; se há glórias que se arquivam mas não encontram admiradores nem leitores, com o Padre António Barroso dá-se justamente o contrário. Missionário e Bispo, vive, cada dia, mais intensamente, mais

intimamente, no coração daqueles que o conheceram em vida e choraram na morte.

As gerações actuais procuram transmitir às vindouras as glórias do Missionário e Bispo que, por tóda a parte illustrou a Igreja e a Pátria. Filho da humilde freguesia de Remelhe, a longínquas paragens levou a cruz, o Evangelho e o nome da sua ditosa Pátria e, por isso, a sua memória não será esquecida.

Os seus admiradores mandaram construir uma artística jazida junto da Igreja onde recebeu o baptismo e onde celebrou a primeira Missa. Com exéquias solenes e oração fúnebre, para a jazida trasladaram o cadáver do falecido Bispo do Pôrto — que assim ficou mais lembrado, *muito glorificado*.

E, na cidade de Barcelos, será levantado um monumento que ficará a consagrar, ainda mais públicamente e indelêvelmente, as grandes virtudes do Snr. D. António Barroso, os seus relevantes serviços à Igreja e à Pátria.

No bronze e na pedra, ficará perpetuada a memória do Missionário e Bispo, cuja vida, virtudes e valiosos trabalhos as gerações não devem esquecer, antes são obrigadas a relembrar e propor à imitação da vida missionária e episcopal.

Honra e glória aos promotores do monumento, aos seus auxiliares e aos que tomarem parte no congresso missionário.

Na base do monumento, lê-se uma passagem do nosso grande Épico:

DILATANDO A FÉ, O IMPÉRIO.

Estas palavras exprimem, admiravelmente, a finalidade

missionária — *propagar a fé, alongando os domínios da Igreja e da Pátria.*

É o valor cristão do Missionário católico, é a sua ardente fé—ACREDITEI.

A lei tenho daquele a cujo império
Obedece o visibil e invisibil,
Aquele que criou todo o Hemisfério,
· · · · ·
E que do ceo à terra emfim desceo,
Por subir os mortais da terra ao ceo.

LUS. I, 65.

Muito superior ao busto de Veuillot e às figuras alegóricas será a estátua do grande Missionário e Bispo, filho de Remelhe, que os seus admiradores e amigos lhe levantarão, no largo Municipal da cidade de Barcelos.

Lá, atestará às gerações a energia e constância do Missionário, o Episcopado zeloso do Snr. D. António Barroso, a actividade de quem não economizou sacrifícios, arriscando a vida em benefício das almas infieis, servindo a Igreja e a Pátria.

DILATANDO A FÉ, O IMPÉRIO.

Ficará essa estátua como tuba muda, apontando às gerações o caminho missionário e patriótico, o caminho do dever para com a Igreja e para com a Pátria, conquistando almas e dilatando o domínio de Portugal.

DILATANDO A FÉ, O IMPÉRIO.

LUS. I, 2.



O MISSIONÁRIO P.º ANTÔNIO BARROSO COM SEUS PAIS, IRMÃO, CUNHADA E SOBRINHOS

De Remelhe ao Congo

O Snr. D. António Barroso começou os seus estudos já tarde, mas devo confessar que nisto reconheço bastantes vantagens para muitos casos. Há inteligências que não desabrocham cedo; cortá-las parece natural; fazê-lo será, de facto, muitas vezes, um crime.

Entrou para o colégio das missões de Sernache do Bomjardim, em 3 de Novembro de 1873. Nascera, em 5 de Novembro de 1854, ano em que foi definido o dogma da Imaculada Conceição, a cujo cincoentenário êle havia de presidir, como Bispo, na sua diocese do Pôrto, em 1904.

Antes de partir para o colégio, os estudos de António Barroso limitaram-se ao exame de instrução primária e lições de latim que Bernardo Limpo, proprietário vizinho, lhe dava nas horas vagas. Verdade é que António de Sousa e D. Eufrásia Barroso também mandaram o filho para Braga, quando já tinha 17 anos, mas circunstâncias várias frustraram os seus desejos. António Barroso não se deu com a vida buliçosa do estudante bracarense, e, já muito tarde, na conversa íntima fazia referências que não lisonjeavam os seus camaradas que, por êsse tempo, na cidade dos arcebispos, se preparavam para o sacerdócio. A permanência

na aldeia foi mais proveitosa ao futuro missionário; muito proveitosa até!

Não sei se Bernardo Limpo chegou a traduzir com António Barroso as Geórgicas do grande poeta Virgílio, verdadeiros tratados de agricultura, mas não ignoro que amava muito o lugarejo em que nasceu—Tôrre de Moldes—situado na freguesia de Remelhe e estimava a pacatez que ali gozava, auxiliando seus pais no amanho e granjeio da modesta lavoura de família, contacto êste com a terra que muito contribuiu, creio-o bem, para a sua boa formação moral e missionária no ensino da lavoura aos pretos, como veremos.

Quer António Barroso fôsse iniciado ou não por Bernardo Limpo, quer, pela sua inteligência e simples esforço, observasse, atentamente, os trabalhos agrícolas e os auxiliasse, sei que falava muito da agricultura, dos campos da sua terra e da pequena produção que os atrasados processos do nosso agricultor tiravam do solo.

Na conversa sôbre a lavoura salpicava, com um chiste que lhe era peculiar, a rotineira do trabalhador do campo, parecendo ter diante dos olhos o que no seu tempo de menino e moço teria visto no Virgílio.

*Et quid quaeque ferat regio, et quid quaeque recuset.
Hic segetes, illic veniunt felicius uvae;
Arborei fetus alibi, atque injussa virescunt
Gramina.*

GEÓRGICAS, I, 53-55 (1).

(1) Castilho traduziu:

O que um sítio dá bem, já noutro não convinha;
aqui, prospera a messe; além triunfa a vinha;
aqui, medra o pomar; lá, sem cultura, as ervas.

Às vezes lastimava a preguiça de muitos, a indolência doutros, apregoando que, tanto o semeador do campo como o do Evangelho, precisam de muita diligência, actividade e afan, de contrário será inútil e perdida a sementeira.

. *Pater ipse colendi*
Haut facilem esse viam voluit, primusque per artem
Movit agros, curis acuens mortalia corda,
Nec torpere gravi passus sua regna veterno.

GEÓRGICAS, I, 121-124 (1).

Tôda a actividade agrícola de António Barroso até sair, definitivamente, para os estudos devia ter contribuído, eficazmente, para reconhecer bem que se o desbravar do campo demanda muita fadiga e suor, o desbravar inteligências para a luz e corações para o bem exige maior esforço actividade e constância.

Creio bem que êsses anos passados entre os montes e os campos da sua tebaida — *Tôrre de Moldes* — em comunicação constante com a natureza, terão contribuído muito para desenvolver os sentimentos de bondade e transigência de que era, superiormente, dotado o grande Missionário e

(1) Castilho traduziu :

. O Pai, rei da natura,
 bem podia alhanar o trato da cultura,
 mas não quis ; preferiu, porque o mortal se adestre,
 se estimule, se active e o reino seu campestre
 não viesse a perder-se um dia ao desamparo,
 que o lavrar fôsse afan e indústria o seu preparo.

Bispo. E tanto isto é verdade que, em pastoral de 25 de Abril de 1918, dizia assim:

«A Igreja teve sempre uma acentuada predilecção pela agricultura, indústria simples, fortificante e inspirativa que, como nenhuma outra, fala ao homem de Deus infinitamente poderoso e infinitamente bom. A natureza campestre é um pouco para o lavrador o que foi para o Salmista: uma sugestão bemfazeja e salutar que lhe levanta para o Céu o espírito e o coração».

Com a preparação ministrada por Bernardo Limpo e a que aproveitou dos trabalhos agrícolas, António Barroso desenvolveu-se intelectual e fisicamente. A sua compleição tornou-se robusta. Os seus modos simples, a lhaneza do seu trato, leal e desinteressado, tudo deixava antever o missionário forte, sadio, suficientemente apetrechado para os árduos trabalhos do respectivo ministério. E assim aconteceu para honra da Igreja e da Pátria.

*

Entrou no colégio. Os seus estudos correram sempre bem, mesmo muito bem. Colegial inteligente, já com idade bastante para apreciar as responsabilidades que ia assumindo e as que teria de suportar no futuro, modesto, afável, trabalhador, cursou com brilho as disciplinas preparatórias. Nos diferentes anos de Teologia foram mais evidentes as provas do seu talento. Exceptuando a matemática e a música, sobre as quais, às vezes, referia peripécias engraçadas e chistosas, próprias e alheias, as suas aptidões para tôdas as outras disciplinas eram variadas, grandes e intensas,



O MISSIONÁRIO P.^e ANTÔNIO JOSÉ DE SOUZA BARROSO

como ainda terei ocasião de referir em outros muitos lugares e passagens dêste trabalho.

A conduta moral, religiosa, civil e disciplinar do brioso seminarista foi sempre irrepreensível, conquistando a simpatia e a amizade dos seus contemporâneos, alunos, superiores e professores.

No fim do ano lectivo de 1879, no mês de Setembro, recebeu a ordem de Presbítero e logo, em 15 de Outubro, celebrou a sua primeira missa, na Igreja de Remelhe.

Prêgou nesta solenidade o professor de Sernache Rev. Doutor Francisco Martins, que pelo seu discípulo tinha grande simpatia e ao qual dedicava muita amizade e consideração. Êste professor foi, mais tarde, Lente da Faculdade de Teologia, na Universidade de Coimbra e desempenhou o lugar de Reitor do Liceu do Pôrto, durante 5 anos, sendo hóspede do Bispo D. António Barroso.

Sei que o mestre, em disposições testamentárias particulares, não se esqueceu do discípulo. Belo exemplo de camaradagem académica contraída nos bancos do colégio, que, mutuamente, se prolongou pela vida fóra e não esqueceu, à hora da morte. Belo exemplo digno de imitação.

E assim estava o Padre António José de Sousa Barroso preparado para começar a vida de sacrifício.

Êle vai partir. Na sua imaginação escaldada pela ânsia de praticar o bem e que está pronto para todos os *sacrifícios*, êle veria estenderem-se suplicantes os braços de criaturas que têm uma alma a salvar e tendo olhos não vêem, ouvidos não ouvem. E êle vai partir... e numa imolação santa, quer prêgar o Evangelho, quer dar a sua vida por elas, por essas almas suplicantes. Inteligência viva e pronta, facilidade para transmitir os seus pensamentos, paixão de grandeza missionária, grande poder de insinuação, cará-

cter e temperamento vivos, propensão para a vida agitada, bondade expressiva, desinterêsse, aspirações religiosas e patrióticas, coração ao alto, — alegre, vai partir; eis o benemérito Missionário do Congo, o Bispo de Moçambique, de Meliapor e do Pôrto, *soldado da cruz e da Epopeia religiosa, arauto do Evangelho, benemérito da Pátria* — que vai partir,

DILATANDO A FÉ, O IMPÉRIO.

No Congo

«Ali o mui grande reino está do Congo,
Por nós já convertido à fé de Cristo,
Por onde o Zaire passa, claro e longo,
Rio pelos antigos nunca visto.»

Lus. V, 13.

É assim que o imortal Épico se refere ao Congo quando narra o roteiro da armada de Vasco da Gama. E, para desenvolver a notícia dada por Camões e melhor conhecimento dessa grande região onde o Padre Barroso começou e desenvolveu a sua fecunda actividade missionária, o seu patriotismo, nunca desmentido, não serão descabidas algumas referências à evangelização do Congo.

Descoberto, em 1484, por Diogo Cão, logo o rei e os seus habitantes se converteram ao Cristianismo, porque, sempre ao lado da espada do guerreiro, seguia a cruz de Cristo, — o religioso missionário, seu pregoeiro zeloso.

Mais tarde, cónegos regulares de S. João Evangelista (lórios), Franciscanos e outras ordens religiosas, colheram abundantes frutos na prègação e evangelização do Congo, chegando até D. Manuel a pedir ao Sumo Pontífice Leão x que elevasse à dignidade episcopal D. Henrique, filho do rei, o qual estudava em Portugal, havia já alguns anos.

D. João III também ali mandou alguns jesuítas, por 1547, que foram bem recebidos, percorrendo os sertões, doutrinando os indígenas e edificando escolas e templos.

Mas, porque os missionários condenavam a poligamia, as feitiçarias e outras muitas depravações e superstições gentílicas de que o monarca do Congo era o primeiro a dar o exemplo, excitaram-se as paixões contra os padres, suportando estes, como é do Evangelho, tôda a qualidade de vexames e perseguições.

Desde 1570 a 1582, missionários Dominicanos, Carmelitas Descalços e outras ordens religiosas, abordaram ao Congo, não só com a intenção de civilizar os indígenas, mas também para combater os êrros de Lutero, Calvino e outras seitas que os Holandeses espalharam naquela vastíssima região.

São interessantes as questões suscitadas por causa dos Capuchinhos italianos que, por 1651, foram admitidos no Congo.

É curioso o provimento da Sé do Congo a começar em 1597 com D. Fr. Miguel Rangel. O sexto Bispo foi D. Fr. Simão Mascarenhas que, em 1626, transferiu para Luanda a Sé do Congo, passando a denominar-se a diocese Angola e Congo. Omito, porém, notícias sôbre êste assunto para dizer que já, em 1690, há grandes queixas pela falta de missionários no Congo e, na primeira metade do século passado, houve um grande abandono das colônias por falta de evangelizadores.

Causas diversas contribuíram para a queda da acção missionária, sobressaindo entre elas a expulsão dos jesuítas pelo Marquês de Pombal e a extinção das ordens religiosas, em 1834.

Por isso a *Propaganda* mandou missionários e esta-

beleceu a Prefeitura do Congo. Foi, porém, em 1859, que esta região começou a sentir a acção benéfica do Padre Duparquet e outros, estabelecendo-se a seguir as missões de Landana, Cabinda, Lucula e S. Salvador do Congo.

Foi esta fundada pelo Padre Barroso que, primeiramente, esteve designado para apostolizar na Índia, chegando a estudar o Concani, dialecto muito falado no Industão, mas a Providência encaminhou os acontecimentos de modo que o nosso Missionário foi para a costa ocidental da África. Nomeado para as missões de Angola, partiu, em 1880, em companhia de D. José Sebastião Neto. Em Janeiro de 1881, seguiu para o Congo o Padre António Barroso acompanhado dos auxiliares Padres Sebastião José Pereira e Joaquim Folga.

Esta resolução foi, em grande parte, tomada, para atender ao rei do Congo que, insistentemente, pedia para o seu povo uma missão católica e permanente.

A história religiosa dêste vastíssimo território, as suas vicissitudes, as tradições católicas e patrióticas, eram grandes, muito conhecidas e tinham sido aproveitadas pelas sociedades bíblicas de Londres para ali estabelecer também uma missão protestante, à sombra da Acta de Bruxelas e da Conferência de Berlin, que abriram as portas das colónias a tôdas as confissões religiosas.

Esta missão inglesa, dispondo de recursos abundantes e de pessoal bastante, constituiu um grande embaraço à acção católica, embaraço que, afinal, foi vencido pela intelligência esclarecida, e actividade constante, fecunda e zelosa, do Padre António Barroso.

Desigual era a situação das duas missões, protestante e católica. Aquela poderosa, já com raizes nos indígenas e esta,

em princípio, pobre, com exíguos recursos fornecidos pelo governador geral da província de Angola.

Grande tinha sido a evangelização católica do Congo, como se viu, mas agora encontrava o Padre Barroso ruínas, restos de padrões gloriosos, aos quais se referiu quando fez conferências na Sociedade de Geografia de Lisboa e no Ateneu Comercial do Pôrto. Nessas conferências, cujo assunto se encontra no livro *O Congo, seu passado, seu presente e seu futuro*, disse o seguinte:

«Durante o meu tirocínio eclesiástico, em Sernache do Bomjardim, no colégio das Missões Portuguesas, colégio para mim de inolvidáveis recordações, li alguns livros sobre assuntos africanos, em geral, e, em particular, sobre as antigas glórias nacionais.

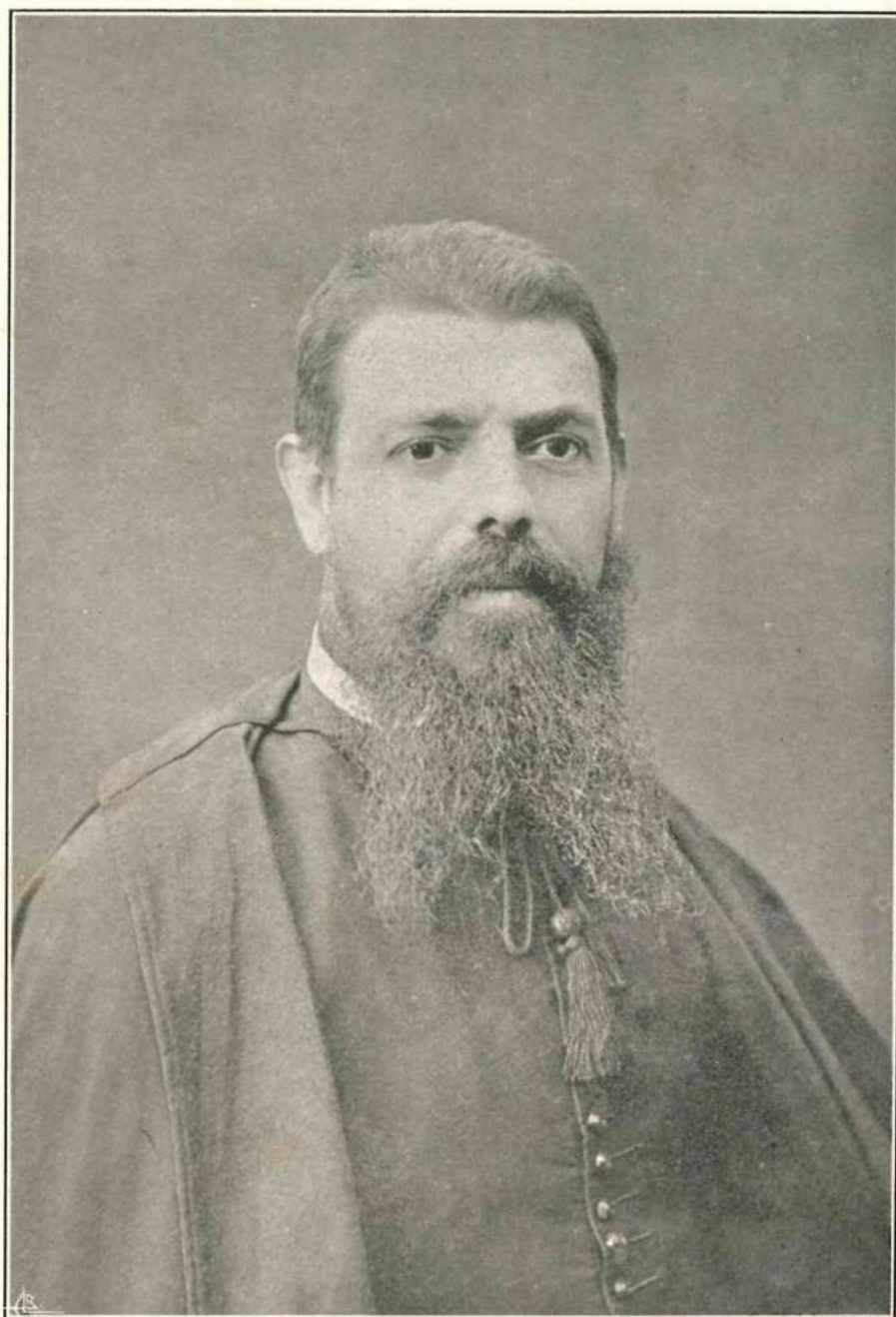
Aí passavam, como meteoros luminosos diante do meu entusiasmo de rapaz, os nossos ousados marinheiros que mostraram à Europa estupefacta não só os contornos dos continentes, mas as enseadas e baías do Atlântico.

Em seguida, eu admirava o último consórcio da *Cruz com a Espada*, o missionário e o soldado, duas entidades que eu igualmente amava ».

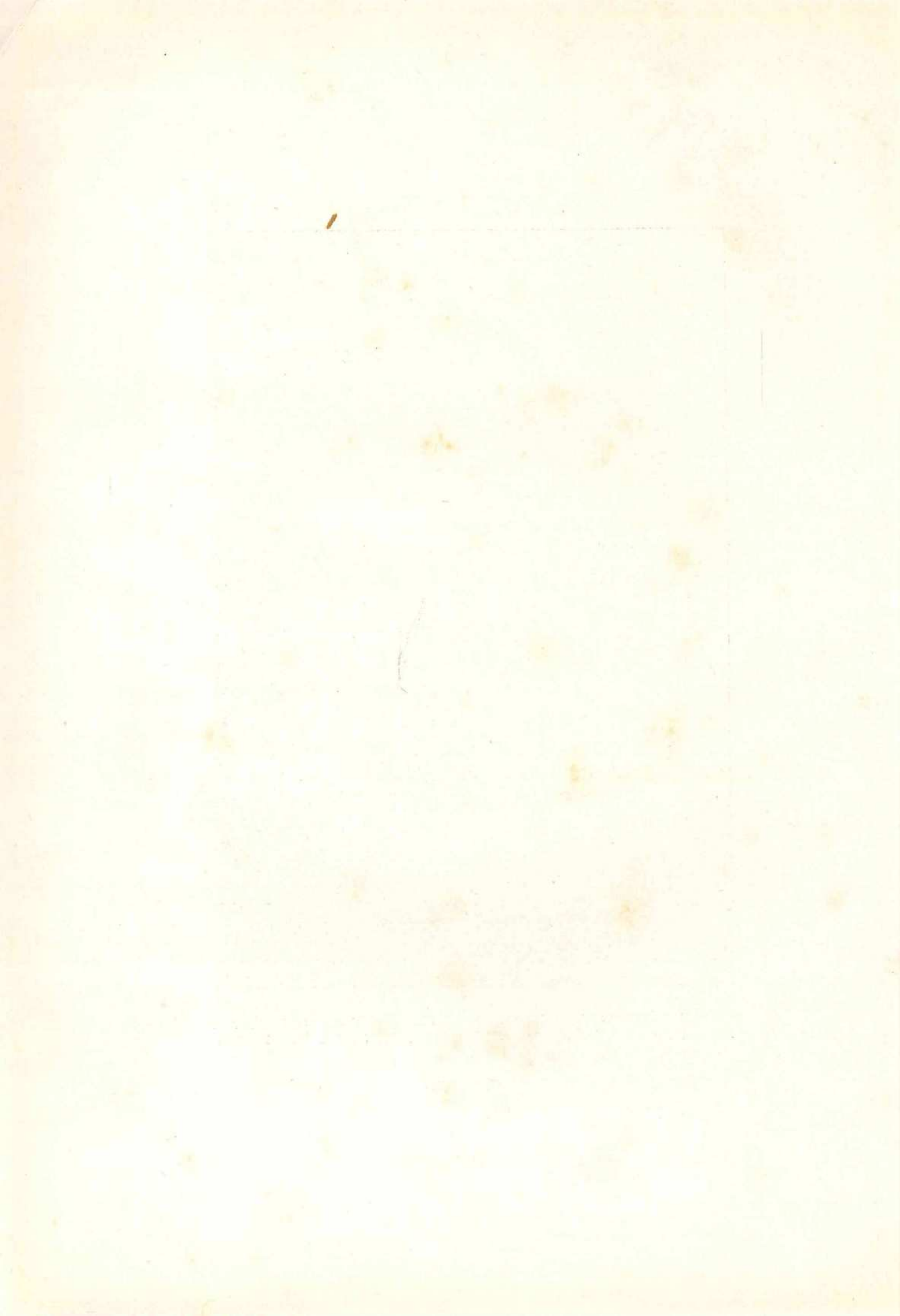
Ainda nessas conferências, descrevendo a sua primeira viagem desde a foz do rio Zaire até S. Salvador, disse:

«Os tresentos e noventa e sete anos que me separam de Diogo Cão, o qual primeiro tinha admirado o grande estuário do Zaire, foram galgados pelo meu pensamento, e encaminhei a minha vista para o fundo da baía de Santo António a procurar o pôrto de Pinda.

O pôrto lá estava; parece que os nossos galeões aí fundeavam, recebendo todo o comércio do Congo; mas já lá não estavam; apodreceram, carcomidos pelo gusano da nossa incúria.



O MISSIONÁRIO P.º ANTÓNIO BARROSO, POR OCASIÃO DA CONFERÊNCIA
NA SOCIEDADE DE GEOGRAFIA, DE LISBOA, EM 7 DE MARÇO DE 1889



Procurei ao menos o padrão que o descobridor do Zaire ali colocou, como uma sentinela da nossa posse e do nosso direito; também lá não estava.

Essa testemunha das nossas glórias projectava uma sombra tão dilatada e intensa, que um dia os súbditos marinhos de S. Majestade Graciosa, para nos livrarem de um remorso, fizeram dela o alvo para experimentarem se as culâças dos seus canhões estavam tão limpas, como as suas almas. Não desanimei; ao menos o velho convento dos franciscanos, êsse convento que, entre outros, foi ilustrado por Canactin, que tinha missões no baixo Zaire, no Bamba, etc., êsse deve ainda atestar o nosso amor à civilização; as suas pedras ennegrecidas talvez ainda nos defenderão contra a inveja e ingratidão de estranhos!

O convento desmoronou-se; há perto de um século que os seus habitantes retiraram; o último roçar do burel do último franciscano nos abrolhos do atalho marcou o principio da derrocada ».

Eis resumidas referências a tantas glórias passadas — glórias dos séculos em que a cruz e a espada andaram sempre unidas, em que o missionário e o soldado marchavam juntos para o desconhecido.

Mas a vontade activa, enérgica, do Padre Barroso venceu tôdas as dificuldades. Construiu uma residência em madeira e levantou uma capela; escola, hospital, observatório meteorológico, lugar ou granja para trabalhos agrícolas — foram obras que o zêlo apostólico e patriótico do bom Missionário levantou, multiplicou, fez progredir e freqüentar.

Trabalho difícil e complicado é o do missionário católico, porque "tão de-pressa toma o Ritual para administrar os sacramentos, como empunha a rabiça duma charrua para ensinar o preto a arar a terra; dirige as escolas profissionais

e substitui os técnicos em diversos ofícios; não se limita a celebrar a missa e a recitar o breviário, mas dá escola, faz curativos, cava a terra, semeia e planta; é médico, é conselheiro e, finalmente, cria súbditos para Portugal».

No opúsculo "*O Congo, seu passado, seu presente e seu futuro*", a pág. 70, escreveu o Missionário Padre Barroso:

« O missionário africano actual deve levar ao indígena desconfiado e estúpido, em uma das mãos a cruz e na outra a enxada, símbolo do trabalho abençoado por Deus. Deve ser padre e artista, pai e mestre, doutor e homem da terra; deve tão de-pressa tomar a estola... como empunhar a picareta para arrotear uma courela de terreno; deve tão de-pressa fazer uma homilia como pensar a mão escangalhada pela explosão duma espingarda traiçoeira. As aptidões, porém, do homem são tão limitadas, as doenças africanas prostram com tanta violência e o tempo corre tão veloz para o missionário, que impossível nos é exigir tantos serviços dum só homem. Que fazer? »

E advoga a necessidade de fundar uma Congregação ou Instituto geral das missões, como remédio para aperfeiçoar e garantir o serviço e o missionário.

*

É interessantíssimo o diário que o Padre Barroso escreveu sobre as dificuldades, trabalhos e vida da missão de Santo António do Congo. Vejamos algumas passagens que mostram os sacrifícios da vida missionária.

Assim, referindo-se ao lugar para a celebração do culto, diz:

«Estamos muito mal, pois não temos onde possamos celebrar o santo sacrifício, nem exercer outras práticas de devoção, nem sei quando sairemos desta miséria. Deus disponha as coisas para que alguma coisa nós possamos fazer».

E noutra parte:

«Estou queimado por causa da capela, nem sei como sair desta dificuldade; talvez só fazendo uma nova; mas isso custa muito trabalho, e faz ainda esperar muito: seja tudo para glória de Deus».

As doenças eram contínuas:

«Todos nós, os padres, estamos mais ou menos doentes, sendo eu o que mais tem resistido».

E noutro lugar:

«O Padre Sebastião está outra vez de cama e o Padre Folga levantou-se ontem. Conta a gente com fazer alguma coisa e no dia seguinte não pode, porque as febres andam furiosas. Deus nosso Senhor resolverá como for da sua divina e santíssima vontade».

Mais ainda:

«Por falta de saúde, nada aponte nos dias que faltam; aqui tudo tem febres, até os pretos vindos de Luanda; desde que chegámos ao Congo, ainda não tivemos talvez um dia sem ter alguém doente; são mimos que Deus nos envia; o que me mortifica é não se poder fazer coisa alguma, nem aprender a língua, nem ensinar doutrina».

« ... O Padre Sebastião está outra vez com febres, e desta vez de mau carácter; veremos no que isto dá; vou administrar-lhe os remédios, pois eu sou o médico nesta casa ».

As dificuldades surgiam por todos os lados:

« Nas condições em que estamos, até me admira que algum de nós não tenha morrido. Chove aqui quási todos os dias, e as nossas cubatas fazem água por todos os lados; mais baixas no lastro do que o solo circunjacente, tudo nelas se estraga, tudo cria bolor e apodrece. Se chegarmos a ter uma casa de pedra, poderemos viver no Congo; sem isso, torna-se impossível viver aqui muito tempo, porque o organismo do europeu não pode sofrer tôdas estas inclemências, ainda que fôsse de aço ».

Noutra parte refere-se à alimentação e escreve:

« A respeito de comer, estamos pèssimamente; não há quem venda galinhas nem animal algum que sirva para fazer um caldo; hoje estamos absolutamente entalados, pois não temos nada; mas nada há a temer; Deus nos socorrerá ».

Àcerca do rei do Congo formava a opinião seguinte:

« O rei é um pobre homem, e creio na sua boa vontade; está, porém, no meio de uma canalha que o perverte, à qual êle deixa fazer o que ela deseja. Parece estar muito bem disposto a respeito de padres, mas pouco poderá fazer, porque êste povo é, essencialmente, rebelde a tôda a civilização. Deus os guie para serem bons e felizes ».

Mas muitas eram as consolações espirituais que ia colhendo na missão; eram grandes, ainda bem.

« Baptizei hoje três crianças, e no domingo hei de continuar ».

« ... Saí de casa no fim do almoço em direcção às obras, e, apenas ali cheguei, apontaram-me uma cubata, onde, ao que um preto disse, tinha morrido de manhã um menino; outro, porém, atalhou, dizendo que ainda tinha uns restos de vida, mas não tardaria a morrer. Indagando logo se era baptizado, e respondendo-se-me que não, pedi sem demora água e baptizei a criancinha; depois fiz o que me foi possível para instruir os que me cercavam, neste assunto, e recomendei-lhes, com todo o empenho, que me dessem parte, sempre que alguma criança, ou mesmo adulto, estivessem doentes ».

No dia seguinte, lemos no diário do Padre Barroso :

« O pequeno, que ontem baptizei, morreu pouco depois; já tenho quem diante de Deus rogue por mim, e já dou por bem empregados todos os incómodos que nesta missão tenho sofrido. Louvado seja Deus que nos envia estas consolações, e grandes são elas. O entêro será de tarde, e vou fazê-lo com o padre Folga ».

Às 4 horas da tarde, fomos buscar o cadáver da criança à cubata do pai que é o D. Álváro, filho do rei, e, conduzindo o cadáver para os muros do mesmo rei, foi enterrado com tôda a solenidade. Fiz assim, apesar de me achar bastante doente, para ver se êstes pretos, observando as honras que eram prestadas a um cristão, se resolviam a procurar com mais solicitude o baptismo ».

Da intransigência com o rei é clara a passagem seguinte:

« Em um dos dias da semana passada, vendo eu o rei disposto a mandar parte do povo para nós e a outra parte para os protestantes (o homem queria acender uma vela a Deus e outra ao diabo), disse-lhe eu que não devia ser assim, porquanto êle não podia favorecer os inimigos da Igreja Católica e até da grandeza de Portugal, etc.».

« No domingo, estando eu preparado para dizer missa, mandei chamar o rei; eis senão quando se me apresenta uma carta do mesmo, em que dá parte de não poder vir à missa por doença, dizendo também que, quanto ao povo, viria em duas partes, uma para a nossa missa, que seria primeiro, e outra para a dos missionários ingleses, que seria depois. Estando na ocasião, junto de nós, um filho do rei, incumbi-o de ir dizer ao pai que não podia êle meter-se a angariar gente para hereges; devia, pelo contrário, empregar todos os esforços para que lá não fôsse pessoa alguma. Então mandou-me pedir a resposta por escrito, ou para a mostrar a algum dos ingleses que lá estivesse, ou para se desculpar. Por esta razão, apressei-me a mandar-lha, pouco mais ou menos nestes termos: pelo que determinara com relação a missas, tinha a responder-lhe que, sendo êle católico, de nenhum modo podia favorecer um culto condenado pela Igreja Católica Romana; antes era obrigado a impedir, por todos os meios legítimos, o exercício duma religião falsa e procurar a expansão da influência de Portugal no seu reino. Então o rei, como de costume, prometeu muito, mas convencido estou que nada faz. A única coisa, a que aspira, é manter o equilíbrio entre as duas missões, não querendo desagradar a portugueses nem a ingleses, entendendo lá para si que o melhor é ir comendo o que puder de ambos os lados ».

Muitas outras notas podíamos transcrever, mas as que

ficam nesta *Memória* mostram as dificuldades da vida missionária, sobretudo no seu princípio, como aconteceu ao nosso homenageado.

*
* *

Do imenso prestígio do Padre Barroso dá testemunho o juramento que, ainda há pouco, fazia o indígena:

«Jura juramento do Padre Barroso»

O rei do Congo confiou-lhe os seus filhos e um sobrinho quando, ao fim de 8 anos de missões, partiu para Portugal com o fim de restabelecer a saúde e na esperança de obter recursos para desenvolver a sua missão e a de Madinga que, com o seu esforço, tenacidade e economia, fundara em 1885.

No livro *«Um ano no Congo»* (1 de Maio de 1895 a 1 de Maio de 1896), o ex-Governador, capitão-tenente da Armada, Jaime Pereira de Sampaio Forjaz de Serpa Pimentel, diz a pág. 50:

«A missão político-religiosa que, como disse, chegava aos 13 de Fevereiro de 1881, à antiga capital do reino do Congo, a S. Salvador dos portugueses, e que se compunha, além do Rev. Padre Barroso, seu superior, dos padres Sebastião José Pereira e Joaquim Folga, e de dois artífices, muito fez a princípio, muito trabalhou para a restauração da igreja africana no Congo durante o tempo em que aquele distinto missionário ali serviu a causa religiosa e política de Portugal, concorrendo, poderosamente, com os seus patrióticos esforços, com os seus enérgicos trabalhos missionários e com os seus copiosos suores apostólicos, até onde podia chegar o

predomínio da sua atraente e convincente palavra, para soerguer naquelas paragens o espírito religioso.

Mas a lavra espiritual, que tão activa e productiva fôra enquanto foi superior daquela missão e suas filiais depois de criadas em S.^{to} António do Zaire e na Madimba, êsse reverendo padre Barroso, declinou, rapidamente, após a retirada dêsse inteligente missionário».

Noutra passagem, a pág. 47, diz o citado autor que

«à fôrça de muito tacto, prudência e diplomacia, consegue subjugar a propaganda dessa missão protestante, pura missão de derrancamento, de desnacionalização e perturbadora da evangelização católica. Êsse benemérito, êsse verdadeiro patriota, êsse digno entre os dignos levitas do Senhor, era o então superior das missões portuguesas do Congo, o Padre António José de Sousa Barroso, hoje bispo de Meliapor, que compreendendo como poucos a sua elevada missão... consegue fazer ali penetrar de novo o cristianismo, implantar novamente a evangelização, onde documentos incontesteis da antiga ocupação e influência portuguesa atestavam a acção exercida no Congo em eras passadas».

Não posso omitir o testemunho do Snr. Capitão Virgílio Pereira da Costa, numa palestra, em 16 de Dezembro passado, segundo o relato do jornal «A Voz»:

«Seja-me permitido dizer a V. Ex.^{as} algumas palavras acerca das missões religiosas em Angola. Há lá algumas missões protestantes inglesas e americanas. O seu papel civilizador tem sido bem apagado e as suas intrigas e informações têm-nos trazido alguns amargos de bôca.

Quanto às missões católicas portuguesas, eu cometeria uma injustiça se não pusesse em relêvo os serviços prestados à civilização e ao País pelos missionários portugueses.

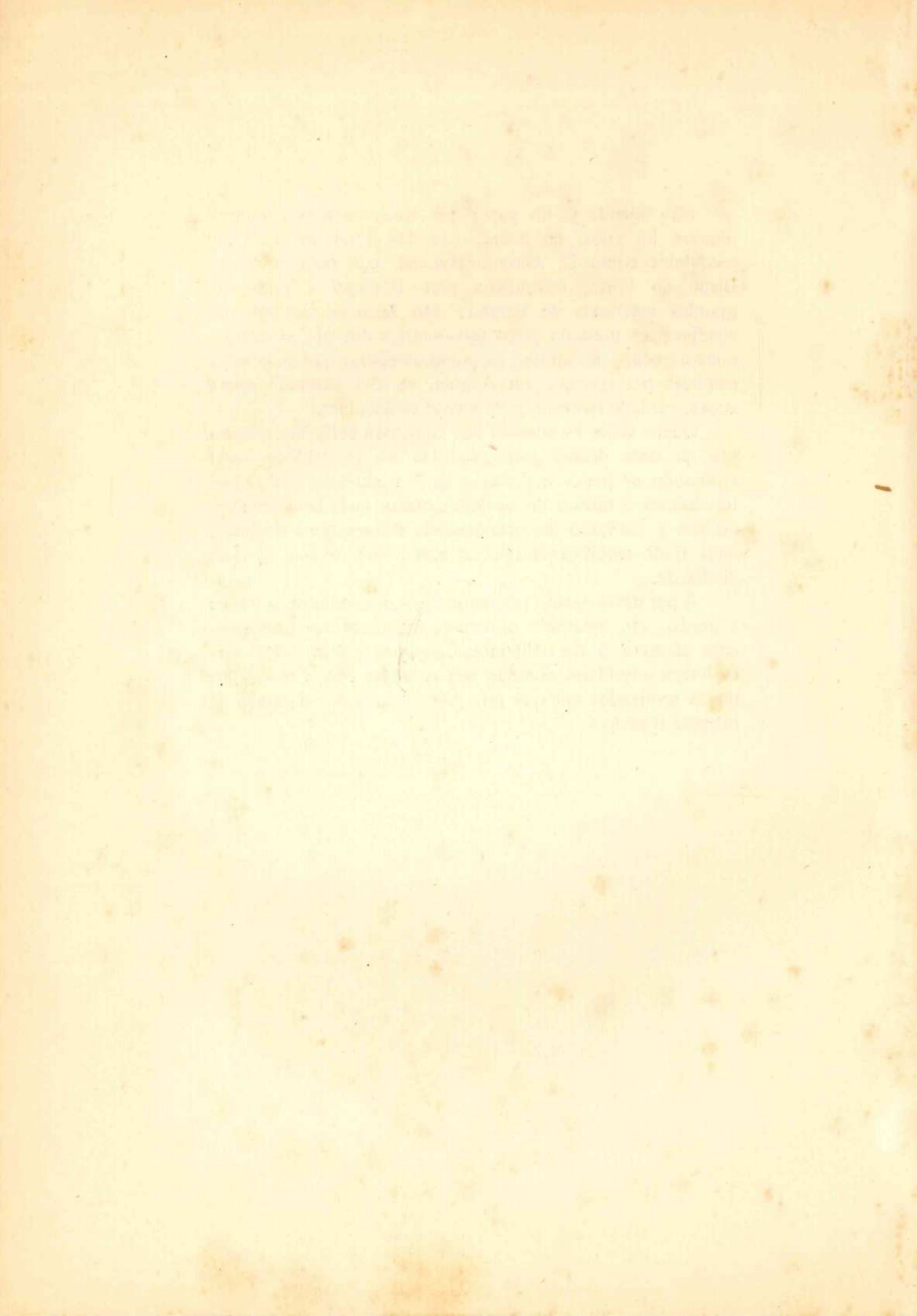


OS MISSIONÁRIOS P.^e ANTÔNIO BARROSO E P.^e SEBASTIÃO JOSÉ PEREIRA
COM DOIS FILHOS E UM SOBRINHO DO REI DO CONGO

Não falando já do papel que essas missões desempenharam há anos, na delimitação das fronteiras, em que sacerdotes como D. António Barroso, que mais tarde foi Bispo do Pôrto, reivindicou para Portugal a posse de grandes extensões de terreno; não falando, também, na coadjuvação prestada pelos missionários durante as campanhas da ocupação militar, eu posso assegurar que as missões católicas portuguesas, em Angola, se têm afirmado numa acção, verdadeiramente, patriótica e civilizadora.

Quem visite as missões fica com uma belíssima impressão da obra desses propagandistas da fé católica, quer ensinando os pretos e pretas a lêr e a escrever, quer ministrando-lhes o ensino de qualquer ofício, quer também dando-lhes a conhecer os processos de cultura mais rendosos, quer ainda modificando-lhes os costumes num sentido mais civilizado.

A par dêsse ensino profissional, os missionários, a pouco e pouco, vão inculcando princípios religiosos aos indígenas, cujo efeito é o de obliterarem algumas práticas dos seus costumes primitivos, que não se coadunam com a moral dos povos civilizados em que nós pretendemos e precisamos de integrar o preto ».



Em Moçambique

«
E porque tudo em fim vos notifique
Chama-se a pequena ilha Moçambique».

Lus. I, 54.

«Na dura Moçambique em fim surgimos,
De cuja falsidade e má vileza
Já serás sabedor e dos enganos
Dos povos de Mombaça, pouco humanos».

Lus. V, 84.

Àcerca do princípio da evangelização da costa oriental da África não há elementos seguros, embora haja referências a Franciscanos que por lá passaram. Talvez religiosos que acompanhavam as armadas prègassem o Evangelho, ficando mesmo alguns como capelães das diferentes fortalezas, porque ao lado destas, os portugueses construíam igrejas.

Em 1541, estive em Moçambique S. Francisco Xavier, na passagem para a Índia. Visto falar neste Apóstolo da Índia e do Japão não posso omitir o nome do Padre António Vieira com os seus sermões consagrados à glorificação de S. Francisco Xavier. Nos sermões «*Xavier dormindo*», «*sonho segundo*» diz:

«Passado o Cabo da Boa Esperança e penetrado o nosso Apóstolo no oriente... se lhe iam descobrindo as

terras em que havia de semear o céu. A primeira, como a melhor ilha do mundo, se deixou ver ao longe, a grande Gadamascar; logo, à mão esquerda, a dourada Sofala... e daí, a poucas sangraduras, o comum cemitério de Portugal com o nome de Moçambique, Mombaça, Quiloa e adiante Melinde...»

De 1560 a 1759 foi importantíssima a evangelização da costa oriental devido aos missionários jesuítas.

Desde os Padres Gonçalo da Silveira e André Fernandes com o Irmão André da Costa que, em 1560, assentaram a sua missão no reino de Inhambane ou de Tonga, até 1610 e 1613, ano êste da fundação dum colégio em Moçambique, donde seguiram pelo continente adentro até às missões de Quelimane em 1710, a Companhia de Jesus prestou relevantes serviços missionários, sendo expulsos em 1759.

De 1890 a 1910 voltaram à Zambézia, e outras regiões, onde missionaram com zêlo, até ao decreto de 8 de Outubro dêste último ano que os expulsava de Portugal e seus domínios.

É interessante sôbre o assunto o trabalho de Francisco Rodrigues que se intitula «*Os Jesuítas Portugueses na África Oriental*».

Desde 1577 tinham os Dominicanos fundado um convento em Moçambique e dali irradiaram para diversas partes da costa oriental.

A êles se referiu dum modo especial o Prelado de Moçambique, D. António Barroso, nos seguintes termos:

«A vida cristã e civilizada, promovida pelos Padres pregadores em Tete, foi intensa desde os fins do século xvi até mais do meado do século xviii.

Por 1822 pedia o prelado de Moçambique padres ao

arcebispo da Baía, porque não tinha quem administrasse os sacramentos aos fiéis, as igrejas iam caindo, faltavam paramentos e as ruínas materiais e morais apareciam por toda a parte.

Preparava-se a queda da soberania temporal com a perda da jurisdição espiritual. O Rei de Portugal tornava-se em padroeiro do gentilismo. Extintas as ordens religiosas em 1834, os Dominicanos abandonaram as missões do vale do Zambeze, de onde muito antes haviam também saído os jesuítas, expulsos em 1759. Suspendia-se portanto a marcha de ocupação para o interior; e, como se isso fôra pouco, deixavam-se em completo abandono imensos territórios onde a bandeira das quinas tremulava sob os auspícios da cruz do missionário. Esta obra de ruína era compensada pelo entusiasmo com que os paladinos da liberdade assaltavam e roubavam os bens dos conventos, e pela glória que aureolava o Mata-frades na execução das tramas da maçonaria. Cincoenta e seis anos depois, os ingleses tiravam as últimas consequências do desvario, percorrendo e ocupando como vagos os territórios de entre Angola e Moçambique, o que destruía as imensas vantagens que tínhamos a tirar do direito de *hinterland* ».

Referindo-se à prelazia de Moçambique, escrevia o Snr. D. António Barroso:

« Em 1855 não existia um só padre no interior que evangelizasse a doutrina cristã, e apenas umas quatro paróquias do litoral tinham pároco. A disciplina do clero corria parelhas com o número; a autoridade superior secular nomeava os párocos encomendados e exonerava-os a seu bel-prazer; em Portugal ainda vive (1895), segundo creio, um pároco que foi suspenso de todas as funções paroquiais pelo governador da província. Chegou a não haver prelado, nem administrador da prelazia, e, para que nada faltasse nesse feracíssimo viveiro de cousas extraordinárias, até em 1869, dois padres se recusavam a prestar obediência ao Padre

Valentim Fernandes, nomeado administrador da prelazia pelo Arcebispo de Goa.

As poucas igrejas que existiam estavam pobríssimas de paramentos e em estado vergonhoso; quási tôdas foram reparadas, mais ou menos, por meio de subscrições abertas entre os fiéis, como aconteceu no Ibo, Tete, Quelimane e ainda outras localidades.

Em frente de Moçambique, por abandono completo, perderam-se as grandes cristandades de Mossuril e Cabeceira, cristandades que na primeira metade deste século (xix) se compunham de milhares de cristãos e que hoje (1895) não têm dezenas; quási todos os habitantes são mouros; sobretudo os que nasceram há quarenta anos a esta parte, e os capitães-mores das terras firmes chegavam a baptizar pretos adultos solenemente, de-certo levados pelo seu encendido amor à religião.

Os arquivos da câmara eclesiástica e os das paróquias foram queimados, roubados ou consumidos pelo muchen, havendo falta quási absoluta de documentos ».

Tal o estado religioso da província. Reconhecendo a gravidade do abandono das colónias, surgiram tentativas para a renovação da obra missionária. Contra os comerciantes e contra a palavra evangélica da propaganda inglesa só as missões seriam barreira ao domínio britânico; só elas e mais ninguém.

Associação Católica (1843), Associação Promotora da Civilização da África (1856), Associação da Imaculada Conceição (1858), Associação da propaganda da fé nas missões portuguesas do ultramar (1874), Associação auxiliar das missões (1883), Associação de Orações e boas obras pela conversão dos pretos (1891) e outras instituições, trabalharam, com pouco proveito, a favor das missões. A sociedade de Geografia, desde a fundação, em 1875, estudou sempre o

problema colonial, encareceu a importância das missões e estabeleceu a seu favor uma grande corrente. Reconheceu-se o perigo e foi criada a Junta Geral das Missões (1887); adoptaram-se algumas providências para aumentar o serviço das missões, mas já era tarde e não conseguiram impedir o Ultimatum de 11 de Janeiro de 1890. Era o resultado da invasão protestante nos distritos de Inhambane, Lourenço Marques e outros pontos do interior, onde os missionários conspiravam contra o catolicismo e o domínio de Portugal. «*Até à penúltima década do século XIX, Moçambique foi a mais abandonada de todas as dioceses ultramarinas*» diz o Senhor Dr. Fortunato de Alneida.

Tais eram as condições da prelazia de Moçambique quando foi nomeado Bispo o Padre António Barroso, em 12 de Fevereiro de 1891, confirmado em consistório de 1 de Junho e sagrado a 5 de Julho, na Patriarcal de Lisboa, com o título de Bispo de Himéria.

Era Ministro da Marinha o Conselheiro Barros Gomes que considerava o nomeado *modelo dos missionários*, dedicando-lhe muita amizade e a máxima consideração pelos serviços passados.

Acompanhado de alguns padres, o Bispo de Himéria partia em 21 de Fevereiro de 1892 e, em 20 de Março, começava a governar o seu rebanho.

O Senhor D. António Barroso reorganizou a Secretaria Eclesiástica; restaurou duas paróquias de Moçambique, então capital da província; empregou muitos esforços e quasi obrigou o clero a viver em comunidade. Dando o exemplo do sacrifício, começou uma série de difíceis viagens aos centros mais populosos e afastados, esforçando-se por conhecer, pessoalmente, onde a cristianização seria mais fácil e proveitosa e ainda para dar exemplo ao seu clero.

Do meado de Agosto de 1892 até ao fim de Outubro viajou pelas regiões de Manica e território de Gaza; de Setembro de 1893 a 1 de Dezembro seguinte viajou pelo Chinde, Zambézia, Chire, Chilomo, em direcção a Niassa, falecendo no caminho o jesuíta Loubiere que era companheiro de viagem.

As notas particulares do arrojado viajante, notas que este escreveu em quatro volumes, concluem assim:

«Estamos bastante cansados por causa do muito calor e das privações do caminho, sobretudo pelo que respeita a água. Com a ajuda de Deus está terminada esta viagem, que não foi tão feliz, como a gente queria, mas da qual espero em Deus se tirará algum proveito».

Em 12 de Junho de 1894 partiu para o Chinde, Tete, Boroma, onde havia uma notável missão; seguiu para o Zumbo, e visitou as ruínas da igreja do convento de Frei Pedro que muito se notabilizou entre os indígenas. Visitou a missão de S. Pedro Cláver e chegou até Chicova donde regressou a Tete. E, depois de várias tentativas, chegou ao Niassa, o que não conseguira realizar no ano antecedente. Espírito atento e observador, o Senhor D. António Barroso notou a ausência de ídolos em todo o vale do Zambeze, o que era devido a antigas e florescentes missões religiosas que ali existiram.

Depois de visitar várias regiões e territórios portugueses e britânicos, chegou a Moçambique, em 3 de Novembro.

Em 14 de Novembro de 1894, embarcou para a Índia com o fim de assistir ao Concílio provincial de Goa convocado pelo patriarca D. António Sebastião Valente. No trajecto visitou os beneditinos em Dar-es-Salém e os padres do Espírito Santo em Zanzibar que, nesta região, tinham



O BISPO DE HIMÉRIA EM VISITA PASTORAL

os seus internatos, hospitais e estabelecimentos religiosos muito florescentes.

Na sua derrota, não se esqueceu duma fortaleza construída pelos portugueses depois de ali serem atraíoados.

Algumas vezes Camões a ela se refere; num lugar diz:

« Estava a ilha à terra tão chegada,
Que um estreito pequeno a dividia;
Uma cidade nela situada,
Que na frente do mar aparecia,
De nobres edificios fabricada,
Como por fora ao longe descobria,
Regida por um Rei de antiga idade;
Mombaça é o nome da ilha e da cidade »

LUS. I, 103.

Como o grande Missionário, ali em Mombaça, ao contemplar os padrões portugueses, se lembraria dos falsos oferecimentos do Rei, do sacerdote fingido e colocado diante do altar para enganar Vasco da Gama e os companheiros!!

Creio bem que, perante restos de tanta glória, e ao recordar os sacrifícios e incertezas da viagem, o Missionário teria exclamado com Vasco da Gama:

« Bem nos mostra a divina Providência,
Dêstes portos a pouca segurança,
Bem claro temos visto na aparência,
Que era enganada a nossa confiança ».

LUS. II, 31.

À semelhança do herói da Epopeia marítima, assim D. António Barroso, reconheceu quanto a Providência o

tem auxiliado e livrado dos muitos perigos a que esteve exposto no Congo e em tôdas as viagens como Prelado de Moçambique.

O Snr. D. António Barroso tomou parte no Concílio e aproveitou o tempo livre para visitar a velha Goa, recordando, assim, as façanhas dos lusos, que ali construíram templos magníficos, mas agora ao abandôno.

Como se contristaria, recordando a seguinte passagem de Camões:

« Goa vereis aos mouros ser tomada,
A qual virá depois a ser senhora
De todo o Oriente, e sublimada
C'os triunfos da gente vencedora ».

LUS. II, 51.

O Concílio começou no dia 3 de Dezembro de 1894 e terminou no dia 13 de Janeiro de 1895.

Em seguida, o Snr. D. António Barroso visitou Madrastra, Cochim, Calicut, Cranganor, regressando a Moçambique em Fevereiro.

Injustiça seria acabar êste capítulo sem fazer referências ao "Instituto D. Amélia," confiado às irmãs de S. José de Cluny, onde as crianças europeias recebiam a educação e aprendiam bordados, línguas, pintura e Música.

Para as crianças pretas, do sexo feminino, fundou o "Instituto de Leão XIII," em comemoração do 50.º aniversário da sagração episcopal dêste Pontífice.

Mas, nesta altura, eu não devo continuar com a enumeração dos trabalhos do Bispo de Himéria, porque me levariam muito longe. Basta.



O CONCÍLIO PROVINCIAL DE GÓA
3 DE DEZEMBRO DE 1894 A 13 DE JANEIRO DE 1895

A sua saúde estava, extraordinariamente, comprometida e era obrigado, sem perda de tempo, a regressar à Europa. A 23 de Setembro de 1895 desembarcava em Lisboa.

DILATANDO A FÉ, O IMPÉRIO — modelo de fé e de patriotismo — zelando os interesses espirituais das almas e honrando a Pátria, no Congo e em Moçambique, será sempre lembrado o Missionário e Bispo D. António Barroso. O seu nome jamais será esquecido na história das missões portuguesas pelos relevantes serviços prestados nas duas costas africanas—como missionário no Congo, como Prelado em Moçambique.

E aqui ficará arquivado o testemunho do insuspeito *António Enes*, no relatório de 1893, reimpresso em 1913, a pág. 173:

« Estas impressões da primeira viagem (eram más sobre missões como se vê nas páginas anteriores) modificaram-se no ano seguinte, — já o novo prelado havia empunhado o báculo — porque se lhes associou a impressão nova de que os serviços religiosos estavam recebendo impulsos e correcções de um zêlo incansável e experimentado. Melhorava a disciplina, tendo o corpo eclesiástico cortado e lançado de si, como manda o evangelista, os membros por quem vinha o escândalo.

Crescera o pessoal do sacerdócio, já tinham párocos tôdas as igrejas, fundavam-se novas paróquias, criavam-se missões nos focos de propaganda mussulmana, dignificava-se o culto, o prelado embrenhava-se nos sertões para reconhecer as necessidades da diocese, o seu carácter sisudo sem biocos, as suas virtudes austeras sem intolerância, inspiravam respeito e simpatia, que redundavam em autoridade moral para o clero. Mas também se percebia que a boa vontade

do bispo de Himéria só com a própria energia e firmeza podia contar para a obra de reformação que empreendera. Estava desamparado dos poderes públicos, a escassez das dotações coarctava-lhe a iniciativa, as engrenagens perras da administração estorvavam-no a cada passo, e, principalmente, faltava-lhe clero educado para os rudes trabalhos do apostolado em África. Perseverante e corajoso, como é, lá ia metendo ombros às dificuldades; mas prevejo que, se lhe não acudir uma acção governativa solícita, será vencido, ainda mais pelos desgostos e pelas decepções do que pelo cansaço, e desistirá, não do seu vasto plano, mas da prelazia, voltando, provavelmente, a igreja de Moçambique à decadência em que Êle a encontrou em decadência tão afrontosa, que o seria menos a supressão do culto oficial ».

É um depoimento notável e que resume a actividade do bispo de Himéria, D. António Barroso.

Em Meliapor

« Olha que de Narsinga o senhorio
Tem as relíquias santas e benditas
Do corpo de Tomé, varão sagrado,
Que a Jesus Cristo teve a mão no lado »

« Aqui a cidade foi, que se chamava
Meliapor, formosa, grande e rica »;

Lus. X, 108 e 109.

Ao iniciar êste breve capítulo, eu não posso esquecer o entusiasmo, a alegria e patriotismo que manifestava o Snr. D. António quando recordava a Índia grande e rica, que os portugueses buscaram por mandado dum Rei alto e sublimado. A sua palavra eloqüente sublinhava bem a lealdade dos portugueses, os seus heróicos feitos, através de formidáveis obstáculos de tôda a natureza. Engrandecia os nomes e heroísmos de D. Duarte Pacheco, D. Francisco de Almeida, Afonso de Albuquerque, D. João de Castro e tantos outros, gente famosa, à qual nunca faltou honra, valor e fama, por mais incerta que tenha sido a fortuna.

« Feitos farão tão dinos de memória,
Que não cáibão em verso ou larga história ».

Lus. x, 71.

Com que amor e veneração o ex-Bispo de Meliapor recordava S. Tomé, cujo martírio e milagres mereceram especial atenção a Camões e enaltecia a obra de S. Francisco Xavier, o Apóstolo e conquistador pacífico da Índia, engenho brilhantíssimo e génio evangelizador, a cuja obra, como já disse, o imortal Padre Vieira consagrou 15 sermões, apregoando ao mundo as glórias de Xavier dormindo e de Xavier acordado! E como o ilustre Bispo descrevia o beato João de Brito, percorrendo o Maduré e o Maravá, sendo pregoeiro do Evangelho, suportando os raios do sol ardentíssimo, a fome, a sede e todo o género de perseguições, e lembrava tantos que o tinham precedido naquelas vastíssimas terras, suportando enfermidades terríveis, sem médico, sem remédios e sem alívio algum!! Era admirável quando recordava essas e outras glórias.

« Em viagem por mar, via-se sem gasalhado, sem mantimento, sem provisão alguma humana, sustentando-se de esmolas, servindo de dia e de noite aos enfermos, dormindo aos pés e velando à cabeceira do mais aflito.

Na terra, via-se caminhando, muitas vezes descalço e vertendo sangue por serranias, por bosques, por espinhos, por pedras agudas, por neves, por areais ardentes, com a trouxa dos ornamentos sagrados às costas, disfarçado em marinheiro, em escravo, em lacaios, podendo mal andar, e correndo atropelado diante dos cavalos, suando, anelando, espirando; ao sol, à chuva, a todos os rigores do tempo; sem descanso, sem casa, sem abrigo, sem segurança; conservando a vida só no disfarce e não havendo entre a vida e a morte mais distância que o ser ou não ser conhecido ».

Eis como o P.^e António Vieira referindo-se a S. Francisco Xavier, sonhando, representava o espectáculo formidável de seus trabalhos, que os são também de seus com-

panheiros e sucessores — glórias da evangelização e do apostolado na Índia — e dos quais participou o Snr. D. António Barroso.

*

Apresentado Bispo de Meliapor e confirmado pela Santa Sé em consistório de 15 de Setembro de 1897, partiu em Maio de 1898, passando pela cidade de Roma, com destino a Madrastra.

Conferenciou com Leão XIII sobre vários assuntos relativos a Meliapor, porque lá estavam pendentes algumas questões relativas à jurisdição com o bispo de Trichinopoly e era urgente solucioná-las sem desdouro nem prejuízo da Igreja e da Coroa portuguesa.

Habituação a grandes viagens no Congo e mais ainda em Moçambique, o Snr. D. António continuou-as durante a sua permanência em Meliapor.

Visitou todas as igrejas do Maduré, conciliando velhas dissidências, harmonizando questões e rivalidades antigas, não obstante as dificuldades destas jornadas sobretudo causadas pelo excessivo e ardente calor e aridez dos terrenos.

Percorreu o vale do Ganges e mereceram-lhe especiais cuidados as missões de Bandel, Daccá, e Nagory.

Não esqueceu o orfanotrófio nem alguns edifícios para escolas, atendeu ao Seminário e à organização dos estudos filosóficos.

A agricultura mereceu ao Bispo de Meliapor cuidados especiais, estimulando o arroteamento dos terrenos junto às igrejas e que eram propriedade destas. São ainda manifestações da aprendizagem em Torre de Moldes.

Como o bispo de Trichinopoly quisesse impedir as

procissões nos adros pertencentes às 14 igrejas do Maduré, encravadas na área da sua diocese, por 3 vezes o Bispo de Meliapor foi a Colombo conferenciar com o delegado Apostólico, chegando todos a um acôrdo, que, sòmente depois de confirmado pela Santa Sé, era obrigatório.

Outros serviços, relativos às propriedades da diocese, prestou o Senhor D. António Barroso, tornando-se assim ainda mais crêdor da Igreja e da Pátria ⁽¹⁾.

* * *

Agora, para concluir a história da vida missionária do Snr. D. António desde o Congo à Índia, quero apropriar aos seus trabalhos parte de uma ode de Horácio "*ad Aristium Fuscum*", louvando o homem probo que, em qualquer parte, está seguro.

Diz assim:

*Integer vitae scelerisque purus
Non eget Mauris jaculis neque arcu,
Nec venenatis gravida sagittis,
Fusce, pharetra;*

(1) Um dêsses serviços diz respeito aos *bens de Bengala*. Com a extinção das ordens religiosas de Goa, em 1835, os bens continuaram na posse dos membros das mesmas ordens. Em 1865, o Arcebispo de Goa, D. João de Amorim Pessoa, chamou a si a administração dêsses bens, que eram grandes. Pela concordata de 1886, ficaram a cargo da diocese de Meliapor, devendo os rendimentos ser destinados às missões. D. José Reed da Silva, no fim de 1896, arrendou perpétua-mente êsses bens, situados no antigo Vicariato de Bengala, no distrito de Dacca, a nordeste de Calcutá, contrato que era ilegal por ser feito sem autorização do Govêrno e do Patriarca das Índias orientais.

O Snr. D. António Barroso tomou a iniciativa de requerer a anulação do contrato, seguindo-se um importante processo que só terminou no Govêrno do Snr. D. Teotónio.

(De «A União», de Fev. de 1931, n.º 236).

*Sive per Syrtes iter aestuosas
Sive facturus per inhospitalem
Caucasum, vel quae loca fabulosus
Lambit Hydaspes.*

O homem de boa consciência de nada tem medo, nada receia, quer atravesse as planícies ou sirtes movediças e quentes da Líbia, quer galgue o Cáucaso inóspito ou ainda percorra as regiões que o Hidaspe banha (a Índia, Lus. I. 55).

Atravessando e percorrendo montes e vales, o homem de consciência tranqüila não precisa de flechas, nem do arco, nem de setas envenenadas para se defender. Também o Senhor D. António Barroso atravessou regiões movediças e quentes da África ocidental e oriental, percorreu montes e vales, visitou terras abrasadoras da Índia e não precisou de flechas nem de setas envenenadas para se defender dos selvagens que por tôda a parte encontrou. Sempre foi respeitado.

Através do reino do Congo, da província de Moçambique e das regiões da Índia, exposto a perigos de tôda a natureza e a contingências e ameaças de tôda a espécie, o Missionário que era um poço de bondade, conquistou a simpatia de todos pela sua abnegação e dedicação às almas; através dos palmares que o Hidaspe banha, suportando a aridez e os calores do Maduré, o Bispo caritativo e zeloso dos direitos da Igreja e da Pátria, o atleta da milícia de Jesus Cristo, pelas suas benemerências e relevantes serviços, viverá nos anais das missões católicas e na história de Portugal.

E nessas muitas e longas viagens, desde 1881 a 1899, percorrendo o Congo, Moçambique e Meliapor, quantas vezes o Snr. D. António Barroso não terá diri-

gido à Divindade ardentes e fervorosas súplicas—súplicas iguais ou semelhantes àquela que, séculos antes, Vasco da Gama fez já perto de Calicut? Rezou dêste modo o grande Herói:

“Guarda angélica, celeste e divina, que governas a terra, o mar e os céus, salvando o povo de Israel na travessia do mar Vermelho e livrando S. Paulo das sirtes arenosas e das ondas encapeladas, se já sofri novos perigos de Silas e Caribdes e outros muitos escolhos, por que motivo me desamparas no fim de tantos trabalhos, se afinal tôda esta fadiga é para te servir?” LUS. VI, 81-83.

Tal é o resumo da oração ardente que Vasco da Gama, já na Índia, dirigiu *àquele remédio santo e forte, que o impossível pode*, quando rebentou a fortíssima tempestade que inspirou ao Poeta uma das suas mais belas descrições. LUS. VI, 70-80.

E quantas vezes, no meio de perigos e dificuldades, não terá o Missionário do Congo, Prelado de Moçambique e Bispo de Meliapor, recordado as dificuldades da viagem de Vasco da Gama até chegar à Índia? Quantas não se terá dirigido *àquele remédio santo e forte que o impossível pode?* ou ainda chamado *aquele que veio a salvar o mundo*, como fez Paulo da Gama, quando se partiu o mastro do navio grande?

É a fé ardente dos heróis das duas Epopeias—a marítima e a missionária—invocando o auxílio de Deus no meio dos perigos; são os corações dos marinheiros e dos missionários que pulsam uníssonos, porque os Lusíadas são também um poema cristão.

É o esforço de todos aliado aos auxílios do Céu,

DILATANDO A FÉ, O IMPÉRIO.

É a coragem, a audácia e o heroísmo dos portugueses, —marinheiros e missionários—fortes lusitanos, que buscavam as terras do Oriente e no coração levavam bem gravado o Evangelho.

Dêste Deus-homem, alto e infinito,
Os livros que tu pedes não trazia,
Que bem posso escusar trazer escrito
Em papel o que na alma andar devia.

Lus. I, 66.

Todos levavam a religião católica bem gravada na alma, *guardavam-na* e por isso invocavam o auxílio de Deus. Harmonizavam as acções com a fé.

II

NO PÔRTO

Entrada solene

«Subirá, como deve, a ilustre mando
Contra vontade sua e não rogando».

Lus. VI, 99.

Apaixonado leitor dos Lusíadas, citando-os repetidas vezes, porque êles são "*precioso escrínio das glórias nacionais*", creio que serão bem applicados os dois versos ao referir-me à vinda do Snr. D. António Barroso para o Pôrto.

Em magistrais estâncias, o Poeta apresenta as mais maravilhosas e justas considerações sôbre a *legítima e verdadeira fama*, concluindo assim:

«Subirá, como deve, a ilustre mando
Contra vontade sua e não rogando».

Longos e pesados foram os trabalhos que os portugueses sofreram e venceram no seu caminho para a Índia, por isso quando o piloto Melindano avistou, com grande alegria, a terra de Calicut, Vasco da Gama ficou tão entusiasmado que,

«Os geolhos no chão, as mãos ao ceo,
A mercê grande a Deus agradeceo».

Justíssima era esta oração que o Herói fazia em momento tão faustoso, — oração ardente, gratulatória; acção de graças rendidas do íntimo da alma.

Os sacrifícios, perigos e traições, os ventos medonhos e tempestades várias, os trabalhos de tôda a natureza justificavam, suficientemente, a acção de graças, à vista de Calicut. São as adversidades que justificam a verdadeira fama e muito mais ainda as honras imortais, que as gerações tributam às grandes figuras da história portuguesa.

Porque não é com alimentação esquisita nem com passeios agradáveis e prazeres de tôda a espécie que se conquista heroísmo, virtude, glória e honra, mas sim com o braço valente, perdendo, sucessivas noites, sofrendo tempestades, comendo alimentos, às vezes, já impróprios, mas temperados pelo árduo sofrimento; é ainda mostrando alegria e confiança diante do peloiro, que fere e corta os braços e pernas, desprezando a vida e o dinheiro — que se conquista verdadeira glória, honra, fama e nome glorioso.

São êstes os meios para criar uma verdadeira mentalidade religiosa e patriótica, aperfeiçoada pela experiência, contemplando, superiormente, o tumultuar das paixões humanas e assim subir às honras e lugares, — a ilustre mando, até contra a vontade própria.

E, esta doutrina desenvolvida em sublimes versos por Camões, nós a encontramos, admiravelmente, ensinada por S. Paulo, no capítulo iv da sua segunda carta aos amados fiéis da cidade de Corinto. O grande Apóstolo, aí e noutras passagens, refere muitas tribulações e sofrimentos dos pregadores do Evangelho que êles suportavam sem se angustiar; menciona dificuldades insuperáveis, perseguições, abatimentos, sem contudo sucumbirem ao pêso de tôdas essas contingências que sofreram por amor.

Estas e muitas outras penalidades e tribulações são apenas momentâneas, ligeiras, mas produzem, de um modo todo maravilhoso, no mais alto grau, *um pêso eterno de glória*, porque estas coisas são visíveis e, por isso, temporais e as invisíveis são eternas. Tal a doutrina do Apóstolo das nações.

Teve o Snr. D. António Barroso uma vida de sacrifício e de grande actividade no Congo, seguida de conferências feitas no continente em favor das missões e do domínio colonial, que lhe conquistaram verdadeira glória, honra e fama, elevando-o à Prelazia de Moçambique e depois às mitras de Meliapor e do Pôrto.

Viajando cercado de perigos na África e na Índia, prègando, organizando, concertando desconcertos provenientes da incúria dos homens e dos tempos, — estes e outros trabalhos elevaram o Missionário às honras e aos lugares, a *ilustres mandos*, recebendo-os contrariado, pelas dificuldades que via diante de si e pelas responsabilidades das posições eclesiásticas e sociais.

Assim, aureolado com perto de 20 anos de penosos trabalhos, entrou o Snr. D. António Barroso no Pôrto, a 2 de Agosto de 1899, aclamado pelo clero, Câmara Municipal, representantes das escolas superiores, exército, magistratura, comércio, indústria, associações várias, capitalistas, proprietários e por uma compacta massa de povo que o recebeu, triunfantemente, em Campanhã, acompanhou á Igreja de Santo Ildefonso, onde se organizou o préstito, que seguiu, pelas ruas de Santo António e Loureiro, para a Sé.

Já fora da Igreja de Santo Ildefonso, o Snr. João Baptista de Lima Júnior, presidente da Câmara Municipal, proferiu a seguinte allocução:

« Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. — Antigas leis e velhas praxes determinam que a Câmara Municipal venha à presença de V. Ex.^a Rev.^{ma}, na sua primeira entrada solene, nesta cidade, dar-lhe as boas vindas; cumpre, gostosamente, a Câmara Municipal da minha presidência a velha usança e preceito legal; cumpre-a, gostosamente, porque vem, em nome da sua fé e em nome da fé da maioria dos cidadãos portuenses, saudar em V. Ex.^a Rev.^{ma} o chefe supremo da Igreja portuense; cumpre-o, gostosamente, em nome de todos os munícipes por vêr investido na suprema hierarquia da diocese portuense o Missionário recém-vindo da nossa África, onde sempre difundiu com a religião de Cristo o amor da nossa Pátria.

Entraís, Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr., na cidade da Virgem e na cidade da liberdade.

O antagonismo, as lutas violentas entre a religião e a liberdade, que, por vezes, têm estalado em meio da nossa civilização, não as encontrareis, felizmente, entre nós.

Sempre pensámos que a emancipação do homem e a liberdade universal fulgiram pela primeira vez no Evangelho, e só lamentamos que transviadas paixões humanas hajam, por vezes, desligado a liberdade das suas companheiras que Cristo lhe dera — a paz e o amor — e, porque o lamentamos, a V. Ex.^a Rev.^{ma} pede a Câmara Municipal do Pôrto, em nome dos cidadãos portuenses, que o exercício do ministério que V. Ex.^a Rev.^{ma} hoje assume seja sempre norteado por essa gloriosa tríade evangélica — a liberdade, a paz e o amor — para aumento do nome já glorioso de V. Ex.^a Rev.^{ma} e bem dos fiéis, em cujo govêrno V. Ex.^a Rev.^{ma} hoje é investido, e que muito desejamos seja dilatado em tempo e abençoado em frutos».

O Ex.^{mo} Prelado, bastante comovido, respondeu com as palavras seguintes:

« Ex.^{mo} Senhor Presidente da Câmara Municipal do

Pôrto. — Vossa Ex.^a, em nome dos representantes do povo desta grande cidade, acaba de saudar no Prelado o Missionário sincero e modesto que se ufana de haver espalhado a luz do Evangelho nas plagas africanas.

Vossa Ex.^a saúda êsse Missionário, que continua a pensar que a redenção da Pátria está no nosso domínio colonial; Vossa Ex.^a saúda-me em nome da tradição e dedicação que os portuenses consagraram sempre aos seus prelados.

Eu saúdo, em Vossa Ex.^a, Senhor Presidente, a cidade do trabalho, da grande indústria e do grande comércio; saúdo-a no seu passado, no seu presente e no seu futuro; no passado, por haver combatido em prol dos direitos do povo; no presente, pela sua riqueza e actividade, pela sua vida intelectual e física; no futuro, porque vê no povo o mantenedor das suas tradições e porque êle ama a liberdade e a expansão da religião, que se manifesta em tantas instituições de caridade.

Nas minhas orações exorarei a ventura do povo portuense, e felicitar-me hei sempre que tenha ocasião de enxugar as lágrimas dos que sofrem, e de dulcificar dores ou cicatrizar as feridas da alma.

São êsses os votos do Prelado que se consagrará ao bem dos seus diocesanos, de alma, vida e coração ».

Referir as demonstrações de entusiásticos cumprimentos é impossível e não está na índole dêste trabalho. Basta dizer que na estação central de Lisboa, à partida, em Coimbra, à passagem, ministros, professores, estudantes, amigos e admiradores pertencentes a tôdas as classes sociais tomaram parte em despedidas affectuosas e saudações calorosas. Na diocese do Pôrto, desde Estarreja, em combóio especial, até Campanhã, a viagem foi triunfal.

Em Avanca, Ovar, Esmoriz, Espinho, Granja e Gaia, as saudações foram cordiais; de Santo Ildefonso à Sé, em todo

o trajecto, nas janelas e nas ruas, uma grande massa de portuenses, por vezes, impedia a marcha do cortejo, na ânsia de se aproximar do Missionário e Bispo, que entrava na sua diocese. Acolhimento tão vibrante de entusiasmo e tão caloroso nunca se fez.

Espírito Caritativo

« *Êste Bispo sabe bem o que é sofrer e por isso podem contar com êle os desgraçados* » — tais as palavras, com outras afirmações equivalentes, saídas da bôca de muitos que assistiam ao desfilar do cortejo, observando naquela marcha, verdadeiramente, triunfal, a última entrada soleníssima e especial dos bispos portuenses. Era, realmente, a voz de Deus, proclamando o espírito caritativo e compassivo do notável Missionário, cujos sofrimentos e sacrifícios tornaram o seu nome bem conhecido, conquistando-lhe verdadeira glória e fama.

A sua figura Pontifical lembrava, talvez, algum bispo guerreiro doutros tempos, mas debaixo daqueles paramentos ricos, que a Igreja possui para a sua liturgia solene, caminhava um Missionário profundamente caritativo e que através das paragens africanas tinha evangelizado a paz, consolado aflitos e protegido muitos desgraçados. Aquele arcaboço, que parecia muito robusto, estava já minado pelas febres e pelos climas tropicais mas encerrava uma alma bondosa, afável e simples e o seu olhar doce e meigo atraía, irresistivelmente, os corações que se aproximavam do Snr. D. António. E para completar o quadro majestoso que oferecia aquela festiva marcha, concorria a *barba grisalha*

que Leão XIII tinha permitido e que constituiria sempre uma autêntica prova das lides missionárias.

Para com os infelizes, desgraçados de qualquer natureza e pobres, tinha sempre aberto o seu grande coração, em extremo compassivo, e a todos procurava auxiliar, remediar, consolar e socorrer, às vezes, muito além do que lhe permitiam as rendas da mitra portuense. Para com todos cumpria o preceito do amor do próximo e a promessa feita no dia da sagração episcopal, — promessa de ser afável e misericordioso com os pobres, peregrinos e todos os indigentes.

— *Vis pauperibus et peregrinis, omnibusque indigentibus esse propter nomen Domini affabilis et misericors?*

— *Volo* — eis a promessa feita no dia solene da sagração.

Entre tôdas as *qualidades morais* do Snr. D. António — e muitas eram elas — sobressaía a bondade. E, assim como em Deus esta perfeição se manifesta pela vontade constante de se comunicar às criaturas, transmitindo-lhes uma parcela da infinita felicidade, assim também o Bispo-Missionário estava sempre disposto a comunicar a todos e, nomeadamente, aos necessitados aquele bem-estar, auxílio e felicidade que a sua condição permitia.

A sua bolsa abria-se, prontamente, a quantos imploravam o auxílio material, e muitos eram, diàriamente, os que pediam esmola e narravam as variadas dificuldades, verdadeiras ou fingidas, em que se encontravam. E assim duplicava as esmolas e o mérito que delas recebia, « *porque quem dá sem demora, dá duas vezes* ». Era a prática do velho adágio: *bis dat qui cito dat*.

Esgotado o pecúlio para os pobres, batia à porta das pessoas de recursos e também se lembrava de contrair empréstimos com os seus familiares e êsses eram, às vezes, por amor de Deus.

Assim dava aos auxiliares ocasião para a prática do bem e para o exercício da caridade. Bem haja; muito obrigado.

Distribuía até pequenas peças de roupa que podiam atravessar as salas do Paço sem que as pessoas presentes reconhecessem as esmolas; e um cordão, que recebeu da caritativa e generosa mãe com destino à cruz peitoral, êsse mesmo teve a sorte de ser partido e distribuído, aos bocadinhos, quando faltavam outros recursos.

Os cortejos de necessitados de tôda a espécie que, diariamente, subiam as escadas do Paço Episcopal, entregavam memoriais ou escreviam cartas, eram sempre grandes, numerosos — mesmo muito numerosos.

Necessidades, reais ou fingidas, e até de pessoas que viviam de expedientes, pretensões para empregos, melhorias de situação, insistências de tôda a natureza, apresentações, desabafos de mal-avindos, pedidos variados, impertinências a horas e a desoras — eis o que, permanentemente, era objecto da apostólica caridade do Snr. D. António Barroso e que sòmente com S. Ex.^a Reverendíssima os interessados queriam tratar. Eram quási todos tão ciosos do seu bondoso Bispo, desejavam tanto interessar-se, directamente, pela saúde e bem-estar, que, geralmente, não admitiam intermediários. E, quando aparecia algum dêstes, porque outros serviços exigiam a presença do Prelado portuense, na sua secretaria, logo se retiravam as visitas que enchiam a sala de espera.

Falem, neste assunto, capitalistas e proprietários, negociantes e industriais, directores de fábricas e companhias, e

contem, se é possível, os pedidos e recomendações que, directa ou indirectamente, lhes fazia o falecido Prelado.

Advogados e juizes de todos os tribunais, directores de hospitais ou casas de saúde, ministros e funcionários públicos, homens e senhoras, de elevada posição e categoria social,..... a cujas influências tantas vezes recorreu o Snr. D. António, digam, se é possível, o bem que praticaram..... mas muitos já receberam a recompensa das acções boas, dos serviços aos pobres e desgraçados a pedido do nosso homenageado.

Êle diàriamente praticou muito bem; distribuiu esmo-las, pediu colocações, recomendou necessitados, aconselhou, consolou, repreendeu, concertou casais e mal-avindos, ouviu ricos e pobres, sábios e ignorantes, e, para todos, foi Bispo carinhoso, afável e misericordioso como solenemente prometeu no momento soleníssimo da sagração episcopal, em 5 de Julho de 1891.

Modêlo de desinterêsse, pobre, sem saber somar, nunca juntando parcelas que iam às suas mãos, mas dividindo-as, ràpidamente,—a única operação que conhecia era a da divisão—tal é o perfil do Bispo do Pôrto como tinha sido o do Missionário.

Orador Sugestivo

Uma das operações de Deus, a primeira que se oferece à nossa consideração, é a operação intelectual. Deus é a própria inteligência infinita e a amplitude da sua sciência não tem limites nem admite graus; mas o homem também recebeu um sôpro dêsse atributo, de modo que, pela sua inteligência e vontade, faculdades nobilíssimas, ficou constituído rei da natureza e dominador dos seres da criação.

Nesta admirável partilha e distribuição, o Snr. D. António Barroso recebeu de Deus uma parcela importantíssima, em relação aos outros homens e que Êle, em tôdas as fases da sua vida, procurou valorizar. Negociou os talentos recebidos.

Onde quer que se encontrasse, em grandes solenidades religiosas ou patrióticas, houvesse uma assistência vulgar ou escolhida—ainda que de pessoas estudiosas, sábios e oradores,—o antigo Missionário brilhava pela *lucidez da sua inteligência*, e sobressaía, mesmo extraordinariamente, pela sua *eloquência natural, espontânea, persuasiva, atraente e convincente*. É que as regras e explicações dos antigos mestres,—bem consagradas pelo tempo e pela experiência,—guiam uns no caminho da vida e também explicam os triunfos de outros.

"Pectus est quod disertos facit" — é o coração que torna o homem eloqüente, ensinou Quintiliano entre os antigos. E os modernos também ensinam, com insistência, que o coração é a fonte da vida. Guardado para o amor de Deus e do próximo, dirigido, superiormente e sobrenaturalmente, êle foi, é e será, sempre, o verdadeiro manancial da vida missionária, apostólica, sacerdotal e patriótica.

Nestas considerações, encontrará o leitor a explicação de muitos triunfos do Snr. D. António Barroso. Falava com o coração nas mãos, *ex imo pectore*, diz o adágio.

Bom, afectivo, amando as glórias da Igreja e as da Pátria, tendo sofrido desde a entrada no Congo até à saída da Índia e palmilhado êsse património assombroso que os antepassados descobriram, conquistaram e missionaram, ninguém como o Snr. D. António podia falar das colónias e missões e, em momentos solenes, ser, verdadeiramente e autênticamente, o intérprete do povo português; era o coração abrindo-se ao amor de Deus e da Pátria e por isso tornando-o eloqüente. Era a fisionomia do Missionário e Bispo iluminada pelas glórias alheias e próprias; eram os seus olhos faiscantes de luz, era a sua voz emitindo bem accentuadas e quentes vibrações religiosas, missionárias e históricas da alma portuguesa, era tôda a sua pessoa — entusiasmo, calor — porque falava o coração cheio de amor missionário e patriótico. É até do Evangelho: *Ex abundantia enim cordis os loquitur*. S. Mat. XII, 34.

Quando, em 1895 e 1907, de norte a sul de Portugal, a nação vibrou de júbilo e entusiasmo louco pelas grandes vitórias das nossas armas na África Oriental e Ocidental, D. António Barroso, nos púlpitos da capela da Universidade de Coimbra e de Santa Maria de Belém, foi o mais eloqüente e autorizado intérprete do sentir nacional, rendendo graças

à Divina Providência, que assim continuava a auxiliar a vitalidade dum povo pequeno, mas grande e infinitamente glorioso, pelos serviços prestados à civilização, com as descobertas e conquistas dos nossos mareantes, acompanhados e seguidos, sempre, dos missionários católicos.

Foi depois da vitória de Coelela, do incêndio do Kraal do Gungunhana e doutras vantagens alcançadas pelas tropas portuguesas na África Oriental ⁽¹⁾, destruindo o célebre império vátua, em princípio de Novembro de 1895, que Portugal rejubilou. Em Coímbra, as manifestações foram vibrantes de entusiasmo na tarde de 23 do referido mês e no dia 24, na capela da Universidade, foi cantado um solene *Te Deum*, precedido de oração gratulatória.

« Oficiou o decano da faculdade de Teologia Doutor Luís Maria da Silva Ramos, acolitado pelos rev.^{mos} doutores Madureira, de Teologia, e Pita, de Direito e quasi todos os estudantes clérigos que frequentavam a Universidade.

(1) Por 1894 houve ataques a Lourenço Marques, e Portugal esteve, verdadeiramente, sobressaltado com êsses tristes acontecimentos. Reconhecendo o valor de António Enes, o governo nomeou-o Comissário Régio de Moçambique, província que já conhecia e sobre ela tinha um Relatório importante. António Enes escolheu para secretário Freire de Andrade e ajudantes Paiva Couceiro e Aires de Ornelas. Chegaram a Moçambique, em 6 de Janeiro de 1895. Em Maio seguinte, chegou Mousinho de Albuquerque.

Foram êstes oficiais com o coronel Galhardo, Eduardo Costa, Caldas Xavier, Roque de Aguiar, Raúl Costa, Gomes Pereira, Sanches de Miranda e outros, os heróis das campanhas da África Oriental, em 1895.

Foram notáveis os combates de Marracuene, em 2 de Fevereiro, Magul, em 8 de Setembro e sobretudo Coelela, em 7 de Novembro do referido ano, contra os vátuas, desmoralizando-os e preparando os acontecimentos para o feito de Chaimite, em 28 de Dezembro, — a prisão do Gungunhana realizada por Mousinho de Albuquerque com o auxílio dos tenentes Couto e Sanches de Miranda.

O *Te Deum* na capela da Universidade e as manifestações dessa época foram em acção de graças pelas vitórias de Marracuene, Magul e sobretudo Coelela.

Na teia, lentes, autoridades civís e militares.

A grande e escolhida orquestra, magistralmente regida pelo professor da Universidade doutor Simões Barbas.

Fora, nos jardins, uma quantidade enorme de gente que não pudera encontrar lugar na capela e o regimento com a música. Antes do «*Te Deum*» subiu ao púlpito o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Snr. Bispo de Himéria e digníssimo Prelado de Moçambique, que tão valiosos serviços tem prestado na nossa África.

Encontrando-se, nesta cidade, de visita ao seu amigo, antigo professor e agora lente de Teologia, sr. doutor Francisco Martins, foi imediatamente rogado pela comissão académica.

Não pôde recusar-se, veio e pronunciou um discurso eloqüentíssimo, vibrante de entusiasmo, que impressionou até ao âmago todo o auditório.

A palavra fácil e amena, a expressão pura e correcta e sobretudo a fisionomia suave e atraente, retratando todos os sentimentos nobres que iam na alma dêsse grande apóstolo, dêsse benemérito obreiro da civilização empolgara todos os corações e dominara-os por completo.

Para prova, basta a manifestação que fizeram quando Sua Ex.^a saía da Universidade.

Teve de atravessar a porta Férrea no meio duma ovação indescritível, pisando as capas que os estudantes estenderam debaixo de seus pés até à rua do Infante D. Augusto.

Nunca vi cousa semelhante, nunca espero vêr uma scena tão comovedora.

Entrando o Snr. D. António Barroso para o carro, continuaram com tal intensidade as saudações e os vivas ao benemérito Bispo de Himéria e Prelado de Moçambique, aos missionários, Episcopado, etc., que sua Ex.^a desceu de novo e a pé, à frente dos estudantes, foi até casa do snr. doutor Martins, onde teve de assomar, várias vezes, às janelas para agradecer e corresponder às saudações dos estudantes.

À noite, pelas 11 horas, foi tóda a academia despedir-se de Sua Ex.^a à estação.

Repetiram-se de novo as saudações ao heróico missionário que, comovido até às lágrimas, agradecia com tôda a amabilidade.

Discursou aí o quintanista de Direito, Amador Valente, que em nome da Academia agradeceu o realce que Sua Ex.^a dera à festa, protestando ainda a veneração de todos para com o benemérito missionário português.

Sua Ex.^a abraçou a comissão académica, e, respondendo, disse que não tinha palavras para agradecer tantas bondades e que unicamente dizia que o seu coração ficava entre a academia de Coimbra.

Estas palavras foram coroadas com os mais estrondosos vivas a Sua Ex.^a, entremeados com palmas de todos os estudantes.

Nunca se fez aqui manifestação igual, confessavam-nos todos, e bem a merecia, acrescentamos, quem tantos e tamanhos serviços tem prestado a Portugal e à civilização ».

Foi assim que *A Palavra* do Pôrto referiu as manifestações de regozijo promovidas pela Academia de Coimbra, sob cujas capas pretas pulsavam corações cheios de fé e patriotismo. Frequentava eu então o quarto ano de Teologia, e, nesta como em outras manifestações académicas, o meu concurso de trabalho e pulmões não era dos menores. Desculpe o leitor esta nota pessoal, mas creio que não é descabida, neste lugar, visto ter tomado parte nas manifestações ao Bispo de Himéria, a quem secretariava passados apenas 4 anos, sendo Êle Bispo do Pôrto.

Sobre essas vitórias de 1895 não deixo de referir a carta do falecido Aires de Ornelas, escrita de Chicomo, em 17 de Novembro: "Graças a Deus, fizemos o que nos mandam e hoje posso bem dizer que nação nenhuma empreenderia a guerra contra o Gungunhana contando tanto com a Providência e a coragem de cada um ». Da

mesma carta: "Às 6 horas da tarde, tivemos a mais emocionante cerimónia a que se pode assistir neste mundo: o entêrro dos mortos no combate da manhã; quando colocados nas covas, o coronel ajoelhado pediu uma oração por aqueles que tinham morrido cumprindo o seu dever, muita lágrima silenciosa correu pelas faces queimadas ao sol africano, muito soluço embargou a voz a quem de manhã comandara o fogo como se estivesse na carreira de tiro. E não me saía da cabeça o nosso Jacinto Freire falando dos heróis de Diu».

*

A outra oração gratulatória foi proferida no templo dos Jerónimos, em 13 de Dezembro de 1907.

Com o fim de vingar a terrível emboscada em que caíram os soldados que procediam a um reconhecimento nas regiões do Cunene, foi organizada uma expedição dirigida por Alves Roçadas que, depois de vários combates, "tomou o Cuamato com prodígios de valor e heroísmo e aí desfraldou a bandeira, mais uma vez gloriosa, que tremulou em Aljubarrota, Mazagão, Montes Claros e Bussaco — a bandeira da Pátria portuguesa. *Te Deum laudamus*: Louvores ao Senhor dos exércitos». São palavras da Oração.

Referindo-se ao convite para ser o intérprete da alma nacional, disse o Snr. D. António Barroso:

«Não podia, porém, não devia recusar um convite que singularmente me penhora e agradeço. Fui soldado duma milícia que também combate além-mar pela honra do nome português; ali me alistei, ali pelejei como soldado raso com

a coragem que me dava um coração de português, que pulsa uníssono com os vossos, impulsionado pelo amor da nossa querida Pátria ».

Não é possível traduzir melhor os sentimentos patrióticos do soldado da cruz,—soldado do amor, da caridade e da fé. Assim mesmo.

Mas não posso omitir uma outra passagem, porque ela é a mais perfeita síntese das conquistas e da evangelização.

« À sombra de tantos e tão viridentes louros ganhos no campo de tantíssimas batalhas, feridas em tão distantes pontos do globo, lançámos as bases do nosso império africano, alicerçando-as no valor, nunca desmentido do nosso soldado e na fé ardente do nosso missionário. Soldados de duas nobres milícias distintas, mas caminhando, paralelamente, para um mesmo fim, uma brandindo a espada, outra empunhando a cruz, investiram com o sertão ignoto e foram os primeiros que ao mundo lhe patentearam os segredos, os mistérios e as riquezas. Êstes dois factores do progresso africano, que tão unidos caminharam no passado, podem e devem também no presente dar-nos, além-mar, um Portugal maior, com o esforço dos nossos pioneiros, dos nossos navegantes, dos nossos agricultores, dos nossos estadistas, cuja obra o braço do soldado português saberá garantir com a sua heróicidade e com o seu patriotismo e o missionário assimilar com a sua catequese e com o seu exemplo não menos heróico nem menos patriótico ».

Perante tão cordial eloquência, todos são obrigados a reconhecer que, absolutamente, ninguém era capaz de interpretar melhor o sentir da nação pelo feliz resultado das campanhas africanas. Ninguém teria tanta autoridade, porque era um herói do Congo e de Moçambique quem prê-gava.

*

O Snr. D. António Barroso era dotado dum grande espírito de síntese, a que já me referi.

Essa qualidade, que mostra e manifesta muita inteligência, sobressaia, extraordinariamente, nas variadíssimas festas a que presidia, nesta cidade e fora dela. Em academias literárias nos seminários, nos colégios, asilos e outros muitos estabelecimentos; nas festas solenes das associações e círculos católicos, na festa anual para a distribuição do prémio Xavier da Mota, pela diocese além e fora dela, no remate das reuniões com discursos, poesias, música e outros atractivos—era admirável o resumo feito pelo Snr. Bispo.

Sua Excelência de tudo fazia um pequeno ramo de flores em que entrava a oratória, a poesia e a música, porque a tudo e a todos fazia referências, ligeiras, sim, mas sempre muito acomodadas às variadas circunstâncias. Agradecia a cooperação próxima ou remota, saúdava os cooperadores conforme a importância de cada um, encaminhava-os segundo as suas aptidões e exhortava-os ao trabalho e à prática do bem.

Quer discursasse entre sábios e eruditos, quer falasse a gente rude e ignorante, estimulasse crianças e jovens, ou animasse e consolasse velhos e doentes—todos compreendiam a linguagem do seu Prelado, admiravam a sua apresentação e a palavra fácil, cheia de vida, persuasiva, deixando sempre ótimas impressões, confirmando assim a lição de Quintiliano: *É o coração que faz o homem eloquente.*

Era a eloquência que brotava da sua alma, aquêcida pela *fé ardente* e bem cheia de amor à Igreja e às missões católicas, que sempre serviu como um dos melhores solda-

dos desde as regiões do Congo até à lendária e longínqua Índia.

Tôdas as condições para os triunfos oratórios ou qualidades que os mestres da eloquência exigem nos oradores — tôdas elas se juntavam no missionário D. António Barroso.

Inteligência viva, percepção e assimilação rápidas, olhos vivos, com tonalidades compassivas quando o assunto era triste, extraordinário poder de insinuação e de atracção, não faltando até o nimbo da longa barba já grisalha, que, permanentemente, recordava os trabalhos missionários, — tudo concorria para a sugestiva eloquência do homenageado neste livro.

Finalmente, ainda teve o Snr. D. António uma interessante nota de patriotismo. Quando se tratou de organizar a assistência religiosa aos militares, durante a Grande Guerra, disse que conhecia um meio de levar uma legião de padres para França, se porventura não se alistasse um número suficiente.

Qual era êsse meio?

O Snr. D. António tinha resolvido alistar-se como capelão militar, certo de que, pelo menos os seus padres, não o deixariam ir só.

Não foi preciso porque o alistamento fez-se por uma forma verdadeiramente patriótica e religiosa, a começar por alguns dos seus sacerdotes, honrando assim a diocese do Pôrto.

Acção Pastoral

Se não quisesse abreviar êste trabalho, muito podia escrever sôbre a acção mais proximamente pastoral do Snr. D. António Barroso. Limito-me, porém, a citar os mais importantes documentos, acompanhando alguns de ligeiras referências sôbre os assuntos nêles expostos.

A pastoral de saüdação foi datada de Lisboa, em 27 de Julho de 1899.

Dirigindo-se às confrarias, irmandades e associações, estimula-as nas seguintes palavras:

« Continuai a cruzada santa do bem, ensinando os que não sabem, enxugando lágrimas, aliviando misérias, levantando abatimentos, amparando infelizes, dando, sempre, em nome de Deus, o pão do corpo e do espírito . . .

Dai aos pobres que Deus vos pagará cento por um, ide ao tugúrio da miséria salvar a pobreza e ao antro do vício remir desgraçados . . .

Fiéis da nossa diocese, filhos estremecidos, eu vos saúdo e vos peço que me ajudeis a dar a conta do servo fiel ao Nosso Salvador e Juiz Supremo. Podeis crer, filhos caríssimos, que o Paço do vosso Bispo há de ser o refúgio dos vossos males. E permita Deus que para todos os males Nós possamos dispor de remédio e lenitivos, como para todos procuraremos ter consolações de pai ».

Tal foi o programa que, religiosamente, procurou cum-

prir o falecido Bispo, como já tive ocasião de o mostrar e mostrarei ainda.

Sobre o ano Santo ou Jubileu de 1900, publicou as provisões de 18 de Dezembro de 1899 e de 1 de Janeiro de 1900 e a pastoral de 6 de Fevereiro dêste mesmo ano, fazendo com outros Prelados a visita jubilar à capital do Catolicismo.

No primeiro aniversário da sua entrada solene, a 2 de Agosto de 1900, anunciou a visita pastoral com as respectivas instruções.

Pouco depois, começou êste penoso trabalho de grande alcance para o bem espiritual das paróquias, que não chegou a concluir, embora repetisse a visita a algumas localidades.

Viu, observou, corrigiu abusos, sanou desmandos, legitimou uniões, revalidou casamentos, mandou reparar igrejas e capelas, limpar cemitérios, *retirar dos templos imagens impróprias*, substituir pedras de ara e realizar outras obras materiais, morais ou religiosas que as circunstâncias reclamavam. Serviço trabalhoso, demorado, mas verdadeiramente salutar.

Ao avizinhar-se a quaresma de 1901, publicou a pastoral de 12 de Janeiro, que é um brado a favor da Confissão e da Bula da Santa Cruzada contra uma intensa propaganda que, então, fez o protestantismo.

Desta pastoral imprimiu-se uma tiragem de 20 mil exemplares, em forma de jornal, que foram distribuídos gratuitamente.

O sumo Pontífice, pela bula «*Temporis quidem sacri*», estendeu o Jubileu do ano Santo a todo o orbe católico, o qual foi anunciado, na diocese, pela pastoral de 15 de Maio de 1901.

Na quaresma de 1902, pela pastoral de 10 de Janeiro,

instruiu os seus diocesanos sôbre o sacramento da Eucaristia; em 20 de Janeiro de 1903, expõe a doutrina católica sôbre o Purgatório e meios para sufragar as almas ali detidas, lembrando a *respectiva procissão, ao domingo*, esquecida em algumas paróquias. Esta pastoral é um eloqüente brado de justiça em favor da consoladora existência dêsse lugar de purgação, mostrando também que o bom costume de rezar pelos mortos começou na idade apostólica e tem sido praticada, sempre, na Igreja Católica.

A 17 de Dezembro dêste mesmo ano, anunciou o jubileu da definição do dogma da Imaculada Conceição e organizou a comissão que devia promover as respectivas festas, — festas que corresponderam ao assunto e respectiva finalidade.

Na provisão de 20 de Janeiro de 1904, versou os preceitos da abstinência e do jejum, tão desprezados nos tempos modernos.

A pastoral de 31 de Agosto de 1904 publica o jubileu da Imaculada Conceição, juntamente com a bula Pontifícia da sua concessão ao mundo católico.

E ainda a Virgem Nossa Senhora, de quem sempre foi devoto, lhe mereceu especial cuidado, sob a invocação de Nossa Senhora do Rosário, publicando a pastoral de 12 de Setembro de 1902.

Contra muitos abusos na prègação da palavra divina o Snr. D. António julgou oportuno expor a verdadeira doutrina sôbre o ensino religioso e fê-lo na extensa pastoral de 20 de Janeiro de 1905. Êste documento foi tão oportuno que logo, em 15 de Abril, o Santo Padre Pio x publicou uma importante encíclica sôbre o ensino religioso. Foi distribuída na diocese com a repetição da pastoral anterior, em 20 de Outubro do citado ano de 1905.

Em 20 de Janeiro de 1906, explicou a bula da Santa Cruzada, refutou objecções e apresentou um mapa dos benefícios prestados aos seminários, respondendo assim a considerações várias e descuidos de muitos sacerdotes na publicação e distribuição dos diferentes sumários. Foi um trabalho importante e de resultados imediatos.

Em 30 de Janeiro de 1907, publicou a pastoral da quaresma sobre a penitência e a comunhão, e juntamente o decreto da S. C. do Concílio sobre a comunhão cotidiana.

Foi assunto da quaresma de 1908 o matrimónio católico, publicando a pastoral, em 28 de Fevereiro, e juntamente o decreto *Ne temere* com o respectivo regulamento.

Em 22 de Fevereiro de 1909, insistiu muito no ensino popular pastoral, modo de o fazer e preparação para a boa recepção dos sacramentos.

Em 10 de Fevereiro de 1910, publicou a pastoral sobre a Igreja e os lugares Santos.

A idade para a comunhão das crianças mereceu-lhe especial cuidado e por isso, em 27 de Dezembro de 1910, publicou o decreto da sagrada congregação da disciplina dos Sacramentos com data de 8 de Agosto do mesmo ano.

Depois do destêrro encontramos no Boletim as seguintes pastorais da quaresma: 4 de Março de 1916, 27 de Fevereiro de 1917 e 15 de Fevereiro de 1918. Há ainda provisões sobre diferentes assuntos e circulares importantes, mas bastam os documentos referidos para apreciar o trabalho pastoral escrito que legou o Snr. D. António Barroso.

Mas não devo deixar passar esta ocasião sem mencionar os documentos colectivos mais importantes do Episcopado Português. São: a carta de 23 de Abril de 1901, dirigida a Sua Majestade sobre as comunidades religiosas; a pastoral colectiva de 24 de Dezembro de 1910, o apêlo aos

católicos portugueses de 10 de Julho de 1913 e a instrução colectiva de 22 de Janeiro de 1917.

Há ainda o protesto colectivo contra o decreto de 20 de Abril de 1911 (Lei da Separação), mas êsse documento não tem assinatura do Snr. Bispo do Pôrto. Estava exilado em Remelhe e ainda não é o momento oportuno de declarar outra razão. É cêdo.

*

*

*

Três foram os congressos celebrados no Pôrto com a presidência do Snr. D. António, acrescentando mais uma comemoração das conferências de S. Vicente de Paulo.

O primeiro destinado a solenizar o ano Santo ou do Jubileu, reuniu-se nos dias 8, 9 e 10 de Dezembro de 1900, assistindo também o Snr. Arcebispo-Bispo de Portalegre, D. Gaudêncio e o Arcebispo de Mitilene Snr. D. Manuel Vieira de Matos.

O segundo, destinado a comemorar o cincoentenário da definição do dogma da Imaculada Conceição, realizou-se nos dias 5, 6 e 7 de Dezembro de 1904.

O terceiro, que foi o segundo das agremiações populares católicas, reuniu-se nos dias 8, 9 e 10 de Junho de 1907.

Finalmente, passando em 21 de Abril de 1904 o 25.º aniversário do estabelecimento das Conferências de S. Vicente de Paulo no Pôrto, resolveu o Conselho Particular comemorar aquela data com exercícios espirituais de 18 a 24 e uma assembleia geral neste último dia, à qual presidiu e na qual discursou o Snr. D. António José de Souza Barroso.

Sua Ex.^a Rev.^{ma} encontrou estabelecida a obra do dinheiro de S. Pedro e procurou manter êste tributo voluntário dos católicos para com o Vigário de Jesus Cristo. Muito dedicado ao Sumo Pontífice Leão XIII, de quem tinha recebido as mais elevadas provas de consideração e afecto nas visitas a Roma, empregou esforços para que não diminuísse na diocese esta prova de amor ao Supremo Chefe da Igreja Católica.

Sobre êste assunto as pastorais mais importantes têm as seguintes datas: 15 de Outubro de 1899, 30 de Setembro de 1900, 11 de Novembro de 1901, 12 de Setembro de 1902, 17 de Dezembro de 1903, 31 de Agosto de 1904, 20 de Outubro de 1905, 30 de Novembro de 1906, 21 de Novembro de 1907, 7 de Dezembro de 1908, 18 de Janeiro de 1910, e 18 de Janeiro de 1911.

Não quero omitir, neste lugar, um prefácio e aprovação importante, não só por causa do livro a que se refere, mas ainda porque deu execução à encíclica de 15 de Abril de 1905. Refiro-me ao extenso prefácio ao *Catecismo para os Párocos*, onde o Snr. D. António Barroso faz as mais elogiosas referências a um dos colaboradores, Francisco Foreiro, dominicano português, e à importância do livro, mandando que os Rev.^{os} Párocos se sirvam dêle para ensino dos fiéis adultos e seja o texto para as aulas de catecismo nos seminários diocesanos.

Noutro lugar citarei ainda documentos importantes que, provando a actividade pastoral do Snr. D. António, estão mais relacionados com a acção social do venerando Prelado.



EM ROMA — 1898

O Sr. D. António Barroso, tendo à sua direita o Conde de Alufe e o Dr. António Gomes ;
e à esquerda : Mgr. José António Pereira, Marquez de Mac S. e Mgr. José de Oliveira Machado

Capitólio e Rocha Tarpeia

Na Roma altiva dos Césares, perto da eminência do Capitólio, onde eram coroados os triunfadores, desenhava-se o perfil sinistro da Rocha Tarpeia, donde tantas vezes, algum tempo depois, êles eram precipitados pela ressaca da onda popular, tão inconstante e até dementada,—onda, em que, às vezes, entram indivíduos de classes superiores, escravizados pelas paixões e pelas sociedades secretas. Ao Snr. D. António Barroso não faltou, é certo, a glorificação merecida do Capitólio, como já mostramos, mas a vaga da injustiça e do desvairo também o arrastou às amarguras da Rocha Tarpeia, onde porém a sua figura não foi diminuída, antes se exaltou e resplandeceu com o brilho duma coragem impertérrita e duma dignidade exemplar.

A história comprova, brilhantemente, estas afirmações. Em 1901, esteve em evidência a cidade do Pôrto, devido a um incidente de pouca importância, mas suficiente para que a maçonaria e os *liberais* se alarmassem. Dizia-se que uma filha do Cônsul do Brasil no Pôrto, já com 32 anos, queria entrar numa casa religiosa, mas que seus pais se opunham à realização desse pensamento. No dia 17 de Fevereiro de 1901, à saída da igreja da Trindade, parece que D. Rosa Calmão tentou entrar para um carro que estacionava no

largo fronteiro. José Calmão alarmou-se, levou a filha para casa e logo teve grandes manifestações com vivas à liberdade, morras à reacção, ao jesuítismo... manifestações que se repetiram junto de colégios, recolhimentos, jornais católicos e algumas habitações particulares. Depois de vários incidentes e instruções, o Governo publicou o decreto de 18 de Abril de 1901, que, procurando agradar aos manifestantes e seus instigadores, aparentava tolerância para os conservadores e pessoas favoráveis aos institutos católicos.

O Episcopado, em extensa carta de 23 de Abril de 1901, fez uma exposição clara da doutrina católica, e o Snr. D. Antonio Barroso foi encarregado de ir a Lisboa entregá-la ao Snr. D. Carlos, missão honrosa para o antigo Missionário e que lhe foi confiada por ser o Bispo de mais recente nomeação para o continente.

Desempenhou-se logo dêste importante encargo e veio por Coimbra assistir ao doutoramento do Snr. Doutor Oliveira Guimarães e servir de padrinho nesta soleníssima cerimónia. Tudo estava correndo, na sala dos capêlos, segundo as praxes Académicas,—praxes solenissimas e cheias de gloriosíssimas tradições,—mas, quando o Snr. Doutor Mendes dos Remédios, no princípio do seu discurso, saúdava o Snr. D. António Barroso, o nome do grande Missionário foi acolhido com algum sussurro, logo vencido porém por uma espontânea e entusiástica manifestação de simpatia.

Alguém escreveu, e com justiça, que a civilização também possui os seus bárbaros, a Europa os seus canibais e que a muitos falta mais o senso moral, a dignidade e o respeito do que aos pretos com a tanga que apenas lhes cinge os rins.

Creio bem que entre os indígenas, no Congo, em Moçambique ou na Índia, nunca faltaram ao respeito devido

à pessoa e às vestes do Missonário e do Bispo. As crónicas não registam, por lá, acontecimentos desagradáveis antes narram, sempre, provas de muita estima, reconhecimento e gratidão ao intemerato evangelizador, que serviu como poucos a Igreja e a Pátria.

Mas o espírito destes manifestantes foi o mesmo que levou o Sr. Bispo do Pôrto ao prolongado exílio de Sernache e Remelhe, de 1911 a 1914, e ao de Coimbra, em 1917!

Em 24 de Dezembro de 1910, publicou o Episcopado uma pastoral colectiva, que só foi expedida em Fevereiro de 1911, para ser lida pelos párocos, à missa conventual.

Nesse extenso documento, modelo de brandura e paz, os Snrs. Bispos expunham a verdadeira doutrina sobre o problema religioso em Portugal, princípios sobre educação, lei, autoridade, legislação, ensino e comunidades religiosas, fé, harmonia das acções com a crença, pugnando pela liberdade da Igreja e terminando assim:

« A consciência católica não se vende a troco do prato de lentilhas. A nossa causa é a causa da Igreja, e a causa da Igreja é a causa de Deus. Se Deus estiver conosco, quem será contra nós? Seja Êle o nosso refúgio, a nossa fortaleza, o nosso amparo nas tribulações que nos ferem e que o porvir possa reservar-nos, por excessivas e humanamente incomportáveis, que elas se nos apresentem ».

Logo que o Governo teve conhecimento da pastoral, por intermédio do ministro da justiça, proibiu a todos, — bispos e párocos, a sua leitura ⁽¹⁾.

(1) Sobre a pastoral colectiva, de 24 de Dezembro de 1910, publicou o ilustre professor da faculdade de Direito, em Coimbra, Doutor Chaves e Castro, um importante opúsculo. Mostrou, à evidência, que a pastoral não podia ser apreen-

Para honra, glória e fama do Snr. D. António Barroso e do clero da diocese do Pôrto, a imposição não foi acatada, manteve-se a ordem dada para a leitura e esta fez-se, com poucas excepções. O silêncio seria uma prova de medo, seria uma traição, uma cobardia.

Chamado a Lisboa, em casa do ministro com o procurador geral da República e dois ajudantes, constituiu-se o tribunal, no dia 7 de Março de 1911. É logo publicado o decreto, sendo o Snr. D. António Barroso *destituído das suas funções de bispo e governador da diocese do Pôrto, com proibição de voltar a qualquer ponto do território da mesma diocese*. O decreto tem a data de 8 e foi publicado no Diário de 9.

Conservaram-no durante uma noite no quartel General e, em seguida, mandaram-no para o Colégio de Sernache do Bomjardim, sob a guarda dum alferes. Estabeleceram ao exilado a pensão anual de mil e duzentos escudos, a título de recompensa pelos serviços do ultramar, pensão que nunca *maculou os pobres bolsos do pobre, mas benemérito Missionário*, que tanto tinha trabalhado pela Igreja e pela Pátria.

Ouçamos o Snr. Rocha Martins sôbre a chegada do Snr. Bispo do Pôrto a Lisboa.

dida nem a sua leitura proibida, que os bispos deviam imitar S. Pedro e S. João respondendo aos magistrados do templo e aos saduceus: «*que não podiam deixar de dizer o que tinham visto e ouvido*». Mostrou que o silêncio dos Bispos nas circunstâncias de 1910, seria a própria condenação, por faltarem ao dever da sua missão na terra.

O opúsculo conclui assim: «A autoridade pública poderá fazer, à força, calar os Bispos e os párocos dizendo-lhes como diz o désposta em Juvenal: «*sic volo, sic jubeo; sit pro ratione voluntas*», mas a verdade triunfará da força e aos ouvidos da autoridade despótica hão de ficar soando sempre as palavras da sua condenação, conservadas e repetidas pela própria consciência ».

« Vi-o eu, diz o escritor, passar na rua do Ouro, seguido por uma coorte jacobina que assaltava o automóvel, ao qual não se deu uma guarda; vi-o entre a indignação das pessoas sérias que falavam alto, não receando o ataque desses discólos, que a demagogia mandava fingir de povo. Através das vidraças, eu vi, por duas vezes, o rosto do Bispo, a sua barba branca venerável, os seus olhos serenos; nem um músculo lhe estremecia na face; e, quando certa mão apressada quis correr as cortinas das vidraças, como para o furtar à vista dessa coorte paga, desse bando que o jacobinismo tinha às suas ordens, docemente, D. António Barroso afastou essa débil protecção e olhou a turba. Depois o carro perdeu-se no fim da rua, que estrugia ainda de berros contra a religião, e tanto sabiam para onde levavam o Bispo que, metendo-se nos eléctricos, assaltando-os, lá iam mais uma vez insultar esse velho sem medo, que em África cumprira mais do que um dever, esse sacerdote vindo do verdadeiro povo, que a escória, na sua pessoa, enxuvalhava ».

« É assim que se trata um prelado grandemente benemérito! » — escreveu o Snr. Dr. Coelho da Silva, hoje ilustre Bispo de Coimbra, num relatório sobre o governo da diocese do Pôrto nos meses seguintes ao da expulsão do Snr. D. António.

Com justiça, pode ficar, neste lugar, arquivada uma passagem dos livros santos, porque o discípulo não é superior ao Mestre: *«Esta é a vossa hora e o poder das trevas, disse Jesus Cristo àqueles que iam armados com espadas e varapaus para o prender»*. S. Lucas xxii, 53.

A onda popular — e também de letrados — tinha a sua hora e o seu poder sobre o soldado e herói que, em África e na Índia, *bem serviu* a sua Pátria.

De Sernache passou o Snr. Bispo do Pôrto para a sua

casa de Remelhe, donde veio à freguesia de Custóias representar o Santo Padre Pio x como padrinho de um filho do Snr. Dr. Sebastião de Vasconcelos. Por êste motivo moveram um processo criminal ao Snr. D. António Barroso pelo que teve de comparecer no tribunal de S. João Novo, em 12 de Junho de 1913. Foi defendido pelo Dr. Francisco Joaquim Fernandes e *absolvido*.

Para memória, é justo que fiquem, neste trabalho, algumas palavras do magistral discurso feito no tribunal pelo eloqüente advogado.

«... e agora, senhores, que dêste frágil edifício (o processo) não ficou pedra sôbre pedra; agora que tôda esta acusação, que se apresentava com o aspecto dum vulcão despedindo lavas inflamadas, não passa, afinal, de um vulcão vomitando cinzas frias, eu pergunto a mim mesmo qual o móbil que inspirou êste processo?

Pressentiram, e com razão, que o venerando pastor da Igreja portuense se ia deixando empolgar pela nostalgia da sua diocese; compreenderam, por outro lado, que as suas ovelhas sentiram com igual intensidade a nostalgia do seu pastor. Era necessário quebrar, por alguns momentos, êsse regímen odioso de separação forçada, em que todos viviam... e o meio era êste: trazer aqui o santo e virtuoso Prelado a quem todos tanto querem e tanto estremecem. E, assim, êste dia virá a transformar-se num dos dias mais felizes da sua vida, pois veio oferecer-lhe a prova mais eloqüente de que há uma diocese donde não é possível a ninguém, por mais forte e possante que se julgue, arrancá-lo: *é a diocese dos corações*».

Foi mais uma justa glorificação do Snr. D. António Barroso, uma subida ao Capitólio, onde tantas vezes mereceu a corôa do triunfo. A amargura do tribunal, por fim, exaltou e engrandeceu a dignidade episcopal portuense.

Por virtude de leis aprovadas no parlamento, o Snr. Bispo regressou à diocese, em 3 de Abril de 1914, e, no dia 4, foi cantado, na Catedral, um soleníssimo *Te Deum*, em acção de graças pela volta do "Bom Pastor," ao meio do seu rebanho. Impossível é referir aqui as manifestações de afectuosa alegria que então se realizaram. Descrever as provas de mútua confiança, recíproco amor e sacrifício que ligavam o Pastor e as ovelhas é tarefa difícil e que não quero assumir neste lugar, porque tôdas essas manifestações duraram muitos dias,— mais do que na sua entrada solene, em 2 de Agosto de 1899.

O Snr. D. António, antes do *Te Deum*, subiu ao púlpito da Catedral e foi eloqüentíssimo numa pequena alocução dirigida àquele majestoso auditório, onde muitos choravam de alegria, ouvindo o bondoso e caritativo Pastor, no meio do rebanho que muito o amava.

Sua Ex.^a Reverendíssima agradeceu a carinhosa recepção que lhe foi preparada e engrandeceu aquele dia, o mais feliz da sua vida, por ter regressado à sua diocese, vendo-se assim no meio dos seus diocesanos. Afirmou, eloqüentemente, ser o depositário dos bens materiais e morais da Igreja, na diocese do Pôrto; os primeiros foram levados pela tempestade, mas esperava vê-los reconstruídos; os segundos — *os morais e religiosos* — êstes conservava-os intactos e, cada vez, mais fortes,— muito mais fortes e divinizados.

Referiu-se às glórias da Pátria, mas era necessário, muito urgente até, radicar cada dia mais no espírito de todos a paz e a harmonia. Não esqueceu as numerosas e dedicadas visitas a Remelhe e naquele púlpito protesta o seu agradecimento e a mais alta consideração do seu eterno reconhecimento. Elogia o cabido, pessoal dos seminários

e todo o clero, pela obediência, serviços e dedicação na sua ausência; aos fiéis testemunha a sua inolvidável gratidão. Dêste modo, sempre teve coragem para não sentir tanto as agruras do exílio, durante o qual nada lhe faltou. Jamais esquecerá este dia soleníssimo do seu regresso à gloriosa diocese portuense.

Tal é o resumo da alocução, que ainda não esqueci e que os jornais publicaram no dia seguinte.

Nem jamais esquecerei as lágrimas — próprias e alheias — de grande alegria e intensa comoção que todos sentiram naquele memorável dia.

Foram, verdadeiramente, sobressaltados para os fiéis os dias em que o Snr. D. António peregrinou através das ruas de Lisboa e das estradas por Sernache até Remelhe, onde a cada passo encontrava a Rocha Tarpeia, mas agora teve as eminências do Capitólio, as honras da vitória e as aclamações gerais dos fiéis e amigos de perto e de longe, — aclamações bem mais sentidas e cordiais do que as de outras ocasiões.

*

"Eu tinha mais coisas que te escrever, mas não quis fazê-lo por tinta e pena. Espero ver-te cedo e então falaremos cara a cara", — são palavras dirigidas pelo apóstolo S. João ao seu discípulo Caio, que se tinha tornado notável pela caridade e hospitalidade dispensada aos estrangeiros, e que se encontram na terceira carta, versículos 13 e 14.

Se Horácio vivesse ainda e descesse ao mundo das realidades, investigando bem as ideias e sentimentos dos seus contemporâneos, sondando as sociedades secretas e a

sua influência nos dirigentes, creio bem que teria corrigido aquela ode já citada, dirigida a Fausto, no sentido de precaver o homem probo e de recta intenção contra a demagogia da Europa. Se vivesse, o Poeta latino aconselharia uma aljava de boa capacidade, um arco valente e setas ervadas, de que fala Camões, embora os conselhos não servissem para os ministros da Igreja Católica, porque não são adestrados no manejo das armas.

Da tinta e pena creio que já tinha medo até o Apóstolo S. João, porque nem tudo confiou ao papel. Mas permitir a três almas boas e identificadas na religião que possam viver juntas, e autorizar que, na residência comum, em Vila Boa de Quires, se exerça o culto católico,— disso creio que ninguém podia ter medo, porque estava publicada a lei da separação, o assunto era puramente espiritual, e, longe, como ficavam essas santas creaturas, não atentariam contra as instituições vigentes, nem teriam forças para as derrubar.

Mas, porque se tornou conhecida essa licença escrita, o ministro Alexandre Braga expulsou o Snr. Bispo do Pôrto para fora dêste distrito e de qualquer dos seus limítrofes. Em 7 de Agosto de 1917, saiu do seu Paço de Sacais, quási às ocultas, para se esquivar a manifestações de protesto e foi viver no hotel Avenida, em Coimbra, até 20 de Dezembro do mesmo ano, porque foi anulado o decreto de exílio pelo Doutor Sidónio Pais, cuja revolução triunfou no dia 8 do referido mês.

Houve referências jornalísticas às cartas e à interferência de certas pessoas para evitar o exílio; as conversas e explicações trocadas pelo telefone nesse sentido foram deturpadas e por isso julga o signatário oportuno fazer as declarações seguintes :

«Autorizou a instalação de três senhoras, pertencentes a uma associação religiosa, canonicamente erecta e destinada a tratar de culto e doutrinação de crianças na igreja paroquial de Vila Boa de Quires.

Não lhe pertence fiscalizar se esse número é mantido, mas sempre isso lhe constou. Como consequência, autorizou a celebração do Santo Sacrifício e outros actos do culto, no seu oratório particular, como o tem feito a tôdas as pessoas que assim o desejam. A existência dessas senhoras, entregando-se àqueles misteres, era de todos conhecida, porque não se escondiam e foi para elas uma surpresa que as autoridades fizessem a descoberta duma situação que tôda a gente conhecia e estimava.

Como Bispo Católico acata os poderes constituídos e muitas e muitas vezes tem prégado o respeito e obediência às leis, quando estas não firam os direitos de Deus e da consciência cristã. Nunca praticou e espera não praticar acto algum de hostilidade contra os regimens e leis do seu país; só lhes desobedeceu e desobedecerá quando essas leis invadirem a esfera espiritual da Igreja Católica. Neste caso, a obediência seria uma cobardia, que, espera em Deus, não cometerá. No caso sujeito de Vila Boa de Quires, diz-lhe a consciência e pode, juridicamente, prová-lo que não exorbitou e se conserva estritamente dentro da esfera espiritual do seu poder e da doutrina da Igreja, de quem é Ministro. Por último, toma o abaixo assinado inteira responsabilidade de tudo que escreveu nas cartas, que, sendo particulares, ignora como foram publicadas na imprensa periódica.

(a) *António*, Bispo do Pôrto ».

Os acontecimentos que, ligeiramente, refiro, omitindo circunstâncias secundárias, foram outras tantas ocasiões para que o Snr. Bispo do Pôrto reconhecesse bem não só a simpatia e dedicação que lhe votavam os seus diocesanos, mas ainda as pessoas cultas e de distinção de outras dio-



D. ANTÓNIO BARROSO NO EXÍLIO DE COIMBRA

ceses. Em Sernache, onde recebeu muito do seu clero e fiéis, em Remelhe, onde a cada passo se repetiam as manifestações, e em Coimbra, sempre foi recebido e visitado com o máximo carinho, consideração e respeito devido aos seus trabalhos missionários e pastorais.

Da muita gratidão pelas visitas a Remelhe falou o Snr. D. António, no púlpito da Catedral.

Por tôda a parte encontrou dedicações, amizades, reconhecimento de favores prestados e de serviços à Igreja e à Pátria.

Era o Pastor do Evangelho, conhecendo as suas ovelhas e também muitas de outros apriscos, e eram as ovelhas que ouviam a voz do seu Pastor e o seguiam.

De Coimbra, em 8 de Setembro de 1917, dirigiu uma pastoral aos seus diocesanos; dela são estas palavras:

« Mercê de Deus, não foi para Nós humilhante e espinhoso o caminho do destêrro ⁽¹⁾ que mais uma vez fomos obrigados a percorrer, na tarde da vida, quando é lícito esperar, no país que se serviu com amor e por largo tempo, alguns dias de paz e de conforto »

A todos os que se interessaram por Nós vimos, pois, apresentar os protestos da nossa gratidão e da nossa saúde.

Valetudinário e no último quartel da vida, ser-Nos há dado regressar ao seio do Nosso rebanho tão fiel e tão

(1) Neste lugar quero deixar transcrita uma das páginas mais belas de S. João Crisóstomo, prègando ao seu rebanho quando era perseguido:

« Que posso eu temer? — A morte? Mas Cristo é a minha vida e morrer é lucro. — O exílio? Mas a terra com tôda a sua extensão pertence ao Senhor. — A perda dos bens dêste mundo? Mas eu nada possuo e nada posso levar para o sepulcro ». Homilia « *Ante exitum* ».

digno de ser amado.... Sabe-o Deus, que oxalá Nos tenha na Sua mão, fazendo de Nós o que for da sua divina vontade».

Eis palavras do *Bom Pastor* que amava afectuosamente as suas ovelhas, servindo a Igreja com dedicação e generosidade e que à Pátria tinha consagrado, no continente africano, os melhores dias da vida, servindo-a com muita inteligência, patriotismo e sacrifício.

Os Seminários e o Colégio Português

Os seminários diocesanos continuaram a merecer ao Snr. D. António Barroso aqueles mesmos cuidados, solicitude e preocupações que lhes tinha dispensado o Snr. Cardinal D. Américo, fundador dum e reformador do outro. Se é certo que alguns esperavam a modificação da disciplina debaixo da direcção e orientação do novo Prelado e se não podemos negar que houve uma certa facilidade em admitir alunos de outras dioceses, sobretudo de Braga, tôdas as esperanças dos que confiavam na quebra da disciplina e nas facilidades literárias foram desaparecendo e a totalidade dêsses alunos houve por bem desistir antes do fim do ano lectivo.

Logo no princípio do govêrno da diocese, pela notável provisão de 20 de Setembro de 1899, criou a cadeira de sciências naturais, no seminário dos Carvalhos. Esta resolução foi confirmada na portaria de 3 de Outubro, e a cadeira começou a funcionar em Outubro de 1900.

Na abertura solene das aulas de Teologia, em 14 de Outubro de 1900, o Snr. D. António Barroso seguiu o exemplo do Snr. D. Américo e pronunciou o discurso que publico em apêndice, visto não merecer o esquecimento. Nele manifesta o seu autor largos conhecimentos e uma

inteligência vigorosa apesar dos estragos produzidos pelos climas africanos e da Índia. S. Ex.^a Rev.^{ma}, que nunca tinha desempenhado o magistério das sciências eclesiásticas, conhece bem o âmbito de cada uma das disciplinas.

*

Mandou edificar, no seminário dos Carvalhos, um amplo refeitório com as respectivas dependências,—cozinha e despensa—por isso que a freqüência tinha aumentado com os quartos que estavam em construção quando morreu o Snr. D. Américo e o primitivo era insuficiente. Tinha mandado começar as obras para a modificação da capela, quando o decreto de 20 de Abril de 1911 veio encerrar aquela casa, cuja fundação se devia à iniciativa e, principalmente, à bolsa do Snr. Cardial D. Américo.

Junto ao seminário dos Carvalhos autorizou um Internato, cujos alunos freqüentavam aquele estabelecimento literário, o que contribuiu para o aumento das ordenações, como direi noutro lugar.

Estava o seminário de N.^a S.^a da Conceição muito precisado duma grande biblioteca, onde se reunissem os livros que estavam dispersos pelas diferentes salas da casa e que servisse também para reuniões literárias e outras de interesse social. Ao Snr. D. António deve a diocese a iniciativa dessa obra, que começou em 1908 e terminou em 1910.

No seu destêrro de 1911 a 1914, por escrito e verbalmente, mostrava sempre grande interesse e cuidado pelo seminário do Pôrto e casas de preparatórios, nem eram pequenas as suas apreensões àcerca da vida económica

desta obra, a mais importante da Igreja; ficava mesmo muito satisfeito e tranqüilo quando lhe respondiam:

A diocese é nobre e os católicos generosos e por isso saberão cumprir o seu dever com o seminário. Não tenha V. Ex.^a Rev.^{ma} preocupações com a vida económica desta casa.

Sentindo a necessidade de aumentar a população escolar, publicou, em 15 de Julho de 1915, um comovente apêlo, cujos resultados foram imediatos.

Escreveu no referido apêlo:

«É ao seminário que eu, como Bispo, voto todos os meus cuidados e interêsse. Por isso, sinto o meu coração compungido quando vejo a sua freqüência decrescer, rapidamente, de ano para ano».

A voz do Pastor ouviu-se por tôda a diocese, os fiéis reconheceram a justiça das suas sentidas palavras e o resultado foi logo reconhecido; as considerações calaram em muitas famílias, a freqüência aumentou, a ponto de se tornar impossível atender todos os pretendentes nos anos imediatos. Pensava em comprar ou alugar uma casa próximo do Pôrto, que chegou a ver em Julho de 1918, mas a morte não lhe deixou realizar o pensamento. Êste não morreu, e, durante a sé vaga, foi adquirida a casa visitada pelo Snr. D. António Barroso e uma outra, na cidade, onde se iniciou novo seminário, em Outubro de 1919. Era esta a casa da Torre da Marca e aquela uma quinta em S. Cosme, que foi vendida, por ser dispensada, com a compra da casa da rua de Vilar.

Injustiça seria esquecer uma obra a que está ligada a

diocese do Pôrto pela generosidade de dois ilustres beneméritos portuenses. Quero referir-me ao Colégio Português, em Roma.

Na realização dêste grande pensamento da Igreja, teve alguma influência o Snr. D. António Barroso, quando bispo de Meliapor e de passagem, em Roma, para a Índia.

Eram grandes as suas relações de muita consideração, estima e amizade com os Ex.^{mos} Snrs. Viscondes da Pesqueira, portuenses ilustres e beneméritos, muito dedicados à causa da Igreja e ilustração do clero e que contribuíram generosamente para o estabelecimento daquela casa de formação eclesiástica em Roma. Manda, pois, a justiça e a gratidão que, nesta Memória, fique um grupo que recorde a fundação do Colégio e sejam lembradas algumas considerações do sábio Pontífice, que então presidia ao supremo govêrno da Igreja Católica.

Leão XIII, nas Letras Apostólicas de 20 de Outubro de 1900, escreveu:

« A isto nos moveu também o unânime consenso não só dos Venerandos Antístites, mas ainda das pessoas mais ilustres de tôdas as classes da sociedade. São dignos, porém, de especial menção o Ex.^{mo} Snr. Luís de Sousa Rebêlo Vahia, visconde de S. João da Pesqueira, e sua nobilíssima espôsa, que envidaram todos os esforços para levar a emprêsa a bom e feliz êxito, consignando além disso, generosamente, uma determinada quantia de dinheiro para a sustentação do Colégio ».

O documento que venho citando é muito honroso para esta nossa querida Pátria e para a Igreja em Portugal, mas não é possível transcrevê-lo todo por causa da sua extensão. Entretanto quero que fiquem, neste lugar, as palavras finais



D. ANTÓNIO BARROSO COM OS EX.^{MOS} VISCONDES DA PESQUEIRA,
EM ROMA, NO DIA 10 DE MAIO DE 1898

para que possam meditá-las bem aqueles que foram ou venham a ser alunos do Colégio:

« Resta sòmente que todos os alunos aos quais couber a sorte de ser nomeados para o Colégio Português, desta cidade, reconheçam e tenham no devido aprêço o grande benefício que nisso recebem de Deus, e trabalhem com todo o ardor por corresponder à expectação dos seus Prelados, dos seus concidadãos e à Nossa, exercitando-se, como à porfia, na prática de tôdas as virtudes. Possa encontrar também neles motivos de sobeja alegria a Igreja de Portugal, assim como pode apontar-lhes nos seus fastos, como modelos para imitação, numerosos varões avantajados em santidade de vida, esplendor de sciência e fervor de caridade ».

Palavras dignas de meditação não só pelo assunto a que se referem, mas porque são dum grande Papa — Leão XIII.

Ordenações

Nesta Memória, quero deixar uma estatística das ordenações de presbítero, na diocese do Pôrto, desde 1871 a 1930, com um mapa especial das ordenações realizadas em Remelhe, *na capela de S. Tiago de Moldes*, durante o grande exílio do Snr. D. António Barroso — exílio desde Março de 1911 a Abril de 1914.

Os números serão acompanhados de considerações várias e ideias, que não serão descabidas neste capítulo destinado a completar o anterior. Dos pensamentos e observações que fizer, parte destinam-se à compreensão dos números, sendo os restantes especialmente dirigidos às qualidades dos ordinandos, a lembrar as suas obrigações, encarecendo assim a obra mais importante da Igreja — a obra dos seminários. Dêste modo estudarei a *quantidade e a qualidade* dos presbíteros ordenados desde 1871, trabalho interessante embora cheio de responsabilidades e susceptibilidades.

Entremos no assunto e falem os números com a eloquência que lhes é própria.

Anos de :	Matricularam-se em teologia	Receberam a Ordem de presbítero
1871-1898 — D. Américo	632	379
1899-1918 — D. António Barroso	467	415
1919-1927 — D. António Leão. .	150	128
	<hr/> 1249	<hr/> 922

Vê-se que, desde 1871 a 1927, houve matrículas em teologia	1249
e receberam presbítero	922
morreram e desistiram	<hr/> 327

Comparando os números 922 e 327, conclui-se que o aproveitamento foi de 74 % e as mortes e desistências de 26 %, muito aproximadamente.

Devo advertir que no número 128 dos presbíteros ordenados, no episcopado do Snr. D. António Leão, estão incluídos os ordenados até 1930, inclusivè, porque são os matriculados até outubro de 1927.

*

O episcopado do Snr. D. António Barroso merece ser considerado em 2 épocas :

De 1899-1909 ordenaram-se	256
De 1910-1918 » 	159
Total . . .	<hr/> 415

Desde 1871 ao presente, a época de maior número de ordenações sacerdotais foi a de 1899 a 1909, isto é, em 10 anos ordenaram-se 256 presbíteros, o que representa a média anual de 25.

De 1899 a 1918 ordenaram-se 415 e morreram ou desistiram 52, representando, portanto, o aproveitamento 88 % e as mortes e desistências 12 %.

De 1871 a 1898, ordenaram-se 379 e morreram ou desistiram 253, representando o aproveitamento 60 % e as mortes e desistências 40 %.

Merecem registo especial os anos de 1910 e seguintes, porque mostram a firmeza dos que ficaram depois da proclamação da República.

Em Outubro de 1910 estavam matriculados 94 alunos e desistiram apenas 19. Foi altamente consolador este facto, porquanto as circunstâncias eram tôdas desfavoráveis à Igreja.

Anos	Receberam presbítero	
1910	17	
1911	23	} em Remelhe
1912	20	
1913	20	
1914	20	
1915	27	
1916	17	
1917	9	
1918	6	
De 1910-1918	159	} 287
De 1919-1930	128	

De 1910-1930 ordenaram-se 287 presbíteros ⁽¹⁾, tendo-se matriculado 372, desistindo ou morrendo 85. Foi,

(1) Vidè *Boletim da Diocese do Pôrto*, Janeiro, 1931. Nas outras dioceses, desde 1910 a 1930, ordenaram-se: em Braga, 273; Lamego, 61; Bragança, 56; Coimbra, 117; Vizeu, 70; Guarda, 86; Lisboa, 70; Portalegre, 51 e do colégio das Missões de Sernache, 16; Beja, 2; Évora, 14; Algarve, 13.

pois, o aproveitamento de 78 % e as mortes ou desistências de 22 %, muito aproximadamente.

*

A maior percentagem de mortes e desistências (40 %) para uma menor de ordenações (60 %), desde 1871 a 1898, corresponde, justamente, à época do Snr. Cardial D. Américo. Como apreciar êstes números?

Foi muito grande a dedicação e intenso o zêlo que o Snr. D. Américo consagrou aos seminários, procurando organizar e aperfeiçoar um e fundar outro, cujo funcionamento começou em 1884, com 60 seminaristas apenas. O trabalho de organização e aperfeiçoamento do seminário de Nossa Senhora da Conceição foi vagaroso — muito lento até — porque teve de aumentar a casa, por duas vezes, e criar pessoal. Demais, todos sabem que o externato, em qualquer parte e sobretudo numa cidade, não favorece as vocações eclesiásticas, antes traz consigo muitas causas que contribuem para as desistências.

Pode afirmar-se que todo o episcopado do Snr. D. Américo foi de aumento e aperfeiçoamento dos seminários, porquanto, à sua morte, estava em construção a última ala do seminário dos Carvalhos, ficando esta casa com 140 quartos. Daqui se conclui que a percentagem de 60 % de aproveitamento já representa um trabalho valiosíssimo, superior ao dos sucessores, ao menos na intensidade. Foi grande — muito grande — o esforço do Snr. Cardial D. Américo, preparando os dois seminários diocesanos que muito honraram o Pôrto (1).

(1) Veja-se o *In Memoriam*, livro publicado, em 1930, para comemorar o primeiro centenário do nascimento do Snr. Cardial D. Américo.



ÚLTIMO RETRATO DE D. ANTÓNIO BARROSO

*

É mais elevado o aproveitamento de vocações no tempo do Snr. D. António Barroso, porque êste Prelado veio colher os frutos das *árvores plantadas pelo seu antecessor*, como disse já e como de tôda a diocese é isto muito bem conhecido.

Dos colégios católicos saíam alunos que entravam no seminário dos Carvalhos, já com alguns exames, demoravam pouco a concluir o curso e eram assim um elemento importante para aumentar o número dos alunos teólogos.

O internato de Santo António dos Carvalhos, criado pela provisão de 9 de Julho de 1900, cujos alunos frequentaram como externos o seminário, contribuiu também muito no mesmo sentido. A todos êstes devemos juntar alguns alunos que concluíam os preparatórios como externos ⁽¹⁾ ou vinham do liceu.

De notar é ainda que, nos números apresentados, estão incluídos alguns presbíteros que se ordenaram apenas com a formatura em Teologia pela Universidade de Coimbra.

Aqui ficam mencionados todos êstes elementos que contribuíram, eficazmente, para o aumento de ordenações na primeira metade do episcopado do Snr. D. António Barroso e que influíram muito ainda nos primeiros anos depois de proclamada a República. Foi a velocidade adquirida, a assistência prestada a muitos com o arrendamento de casas nos Carvalhos, depois de fechado o seminário, a dedicação do pessoal e outras circunstâncias, ainda que de menor

(1) Lecionados nos colégios ou com professores particulares, faziam os exames no fim de Julho e princípio de Agosto.

importância, que contribuíram para o grande número de ordenações desde 1911 a 1916.

São altamente consoladores estes números; êles traduzem um grande aproveitamento do seminário de Nossa Senhora da Conceição. Numa época de deserções, paróquias abandonadas de pastor, prisões de muitos sacerdotes por virtude da pastoral colectiva e outros motivos, de dois exílios do Snr. D. António Barroso, tudo isto acompanhado de expulsões do clero, revoltas e convulsões várias, o seminário manteve-se sempre aberto e funcionou com regularidade, graças à sua Padroeira.

Mas com a mudança das instituições, em 1910, com a lei da separação de 20 de Abril de 1911, encerramento dos colégios religiosos, extinção da faculdade de Teologia, encerramento dos pequenos seminários, e outras causas, o recrutamento sacerdotal tornou-se difícil e foi preciso recommençar a organização. Recomeçou-a o Snr. D. António Barroso e os seus sucessores continuaram-na com dedicação e amor. Uns e outros confiaram na Padroeira de Portugal, nas benemerências dos fiéis, nas dedicações sem número e na simpatia que aos seminários diocesanos, sempre consagraram as diferentes classes sociais.

E não será de mais repetir, neste lugar, afirmações feitas na alocução da abertura do seminário, em 12 de Outubro de 1919. Ficam aqui muito bem como lição de história e de obra pastoral.

« Eu quero afirmar que nas diferentes autoridades desta cidade, seja qual for a sua côr política, o seminário do Pôrto nunca encontrou senão estima e consideração. Durante a guerra, sempre as comissões das subsistências atenderam esta casa, na medida do possível. Não há a mínima razão de queixa. Na qualidade de Vice-Reitor e administrador,

entrei em tôdas as repartições desta cidade e até em algumas da capital e sempre me distinguiram com muita confiança pelo seminário. Para os desconhecidos nunca solicitei apresentações. Com a humilde atitude de quem pede e ao mesmo tempo com nobre confiança na justiça humana — tal foi o meu modo de proceder. Arrogância, nunca a tive; e, se, às vezes, me responderam « não pode ser », o meu trôco foi « mas para outra vez será; obrigado ».

Durante os seus exílios, nas visitas que eu e outros colegas fazíamos ao Snr. D. António, e na correspondência que trocávamos, Sua Ex.^a sempre manifestava o maior interesse pelo seminário da sua diocese.

Grande era a alegria e satisfação, que sempre sentia, quando lhe respondiam:

« Não tenha V. Ex.^a Reverendíssima preocupações com a vida literária, moral, religiosa e disciplinar, porque corre com a devida regularidade, graças à dedicação e amor do pessoal ».

E assim aconteceu, para honra do pessoal docente, administrativo e ainda dos alunos, que tiveram de vencer algumas dificuldades quando ao seminário tiraram todo o mobiliário e recursos materiais, por motivo da aplicação do decreto de 20 de Abril de 1911.

E, para concluir esta parte, quero que neste livro fique mencionada a *capela de S. Tiago de Moldes*, perto da casa do Snr. D. António Barroso e onde conferiu ordens durante o tempo do grande exílio.

Foi uma pequena capela que serviu de Catedral para 17 ordenações. Os ordinandos iam, com muito prazer, àquela localidade, porque do seu Prelado — e de mais nin-

guém — queriam receber ordens, que o Snr. D. António tinha muita satisfação em conferir para, no fim, receber, em sua casa, os ordenados, oferecendo-lhes sempre um almôço confortável.

ORDENAÇÕES EM REMELHE

	Tons. e Me- nores	Sub- diáconos	Diáconos	Presbíteros	Total dos presbíteros
9 de Julho 1911 ...	—	—	—	6	} 23
23 » » » ...	—	—	13	—	
12 » Nov.º » ...	—	—	—	17	
1 » Março 1912 ...	21	—	—	—	} 20
2 » » » ...	—	14	—	—	
23 » » » ...	1	1	9	—	
12 » Maio » ...	—	—	—	1 de Braga	
3 » Agosto » ...	11	—	—	—	
4 » » » ...	—	9	7	7	
3 » Nov.º » ...	2	6	7	7	
21 » Dez.º » ...	2	5	4	6	
8 » Março 1913 ...	—	2	2	—	} 20
17 » Maio » ...	—	—	7	2	
26 » Julho » ...	14	—	—	—	
27 » » » ...	—	11	2	14	
26 » Out.º » ...	3	4	9	1	
20 » Dez.º » ...	1	—	5	3	

E à família do Snr. Bispo, irmão, cunhada e sobrinhos, todos ainda vivos, é justo que, em nome dos superiores do seminário e alunos que foram a estas ordenações, fique nesta Memória consignado o reconhecimento de todos pela hospitalidade que nos dispensaram sempre.

E agora que pensar da *qualidade*? Apresentados os números com algumas considerações, que apenas se referem à *quantidade* de sacerdotes, não será oportuno que, nesta Memória, fiquem algumas observações sôbre a qualidade, como já prometi?

Que devemos julgar do valor literário e moral dos sacerdotes ordenados nas diferentes épocas?

A resposta sòmente pode ser dada por Aquele de quem tudo depende e que tudo conhece—Deus. No tribunal da história impossível é emitir uma opinião, ainda que tènueamente provável; só o tribunal divino pode julgar e comparar os tempos, os episcopados e o trabalho dos seminários. Sempre estes se esforçaram por incutir nos candidatos ao sacerdócio a sciência teológica e a santidade necessárias, mas sòmente o tribunal de Deus pode apreciar os resultados obtidos na preparação de todos e o valor da cooperação de cada um. Só Êle pode julgar a sabedoria dos sacerdotes, cuja quantidade citei, no trabalho de curar as almas, guiando-as no caminho da verdade e da justiça, investigando as suas múltiplas enfermidades para as salvar; sòmente Êle pode apreciar os sacerdotes dos diferentes tempos, a sua sciência e santidade, boas ou más intenções e harmonia da vida com a eminente dignidade sacerdotal que a Igreja exige nos seus ministros.

“Constituídos a favor dos homens naquelas coisas que se referem a Deus, para que ofereçam dons e sacrifícios pelos pecados,” — como admiravelmente ensina o apóstolo S. Paulo, só o tribunal incorruptível e eterno pode julgar, infalivelmente, como os sacerdotes dos diferentes tempos desempenharam essas sublimes funções e como exerceram o zêlo caritativo, ilustrado, constante e prudente. Os homens podem comparar as épocas da história, podem apreciar os

episcopados e os trabalhos dos respectivos sacerdotes, o estado religioso e moral da diocese, mas o seu juízo há de resultar só do que se vê, do que se ouve ou diz e portanto será sempre um juízo muito falível. E o que se não vê? E a semente lançada que germina no fundo dos corações ou não germina por incúria dos homens? E o errado da visão por defeito próprio ou da perspectiva que nos rodeia?

Depois, tendo em conta a diversidade dos tempos, disse, um dia, o grande orador Monsabré—um orador que foi teólogo—e também apreciando a diversidade dos ministérios, pode ser que um modesto cura de aldeia, de que ninguém fala, saiba mais e produza mais do que um brilhante orador, cujo renome é universal. Deus deu um suplemento de luz aos seus ministros que, reconhecendo a sua insuficiência, recorrem a Êle com humildade e piedade. Não foi em vão que a Igreja colocou, na bôca dos seus sacerdotes, tantas e tão expressivas invocações ao Espírito Santo. Estas invocações podem fazer milagres e há um admirável exemplo no santo cura de Ars.

Mas já que o tribunal da história não pode comparar a *qualidade* com a *quantidade* para formar um verdadeiro juízo, eu e todos façamos um bom e discreto exame de consciência sôbre as obrigações do nosso ministério, maneira por que as temos cumprido, e procuremos empregar todos os esforços para que a graça da ordenação—graça *gratis data*—aproveite ao maior número. Lastimemos a sorte daqueles que se têm afastado do verdadeiro caminho—do rebanho de Jesus Cristo—chorem as deserções dalguns e digamos com o Snr. Cardial D. Américo: "*E as excepções? Sempre houve alguma e até o bem pequeno Colégio Apostólico teve a sua*".

O que ninguém pode é encarar o problema das vocações uniteralmente, porque tem várias facêtas a considerar; uma só que deixemos de lado conduz-nos, fatalmente, a uma solução errada. Só a solução de conjunto é exacta, embora ofereça as maiores dificuldades.

Quantidade, qualidade e esta considerada sob aspecto da *virtude* e da *sciência*, manifestando-se no ensino, na administração dos sacramentos, no zêlo pelos serviços da Igreja e nas relações sociais—eis tudo. A *qualidade*, sempre uma *qualidade* superior, é absolutamente necessária, mas convençamo-nos que a quantidade também não pode ser negligenciada, sob pena de desastre a lamentar.

A todo o momento, Deus pode produzir iguais ou maiores prodígios da sua graça, mas esta possibilidade não pode acobertar a actividade de quem quer que seja que pretendesse atender só à *qualidade* negligenciando o elemento humano da *quantidade* dos seus ministros.

Todos os esforços dos seminários tendem à preparação da *quantidade* e da *qualidade* dos ministros que devem *servir bem* a Igreja.

Muitos e bons pastores que aos lugares mais remotos da diocese e até fora desta levem o bom exemplo e o apostolado doutrinal, ensinando a verdade, defendendo a justiça, chamando os que andam afastados e organizando a acção social como manda a Igreja, eis a suprema aspiração de todos os tempos—aspiração dos Prelados, dos superiores dos seminários e dos fiéis.

Mas isto não é suficiente; são precisos estes esforços, mas não bastam. É preciso também que os candidatos ao sacerdócio sejam, quanto possível, isentos de doenças e de taras hereditárias, de modo que aproveitem, vantajosamente, as lições recebidas durante a vida escolar e as aperfeiçoem.

Estabeleceu a Igreja condições para que os candidatos ao sacerdócio possam ser admitidos nos seminários; estabeleceu irregularidades e outros impedimentos para a ordenação, exclui os filhos ilegítimos, e o Concílio Plenário Português foi mais longe, porque, fundando-se na experiência, afirma que não serão bons sacerdotes os pretendentes ao seminário, cujos pais não observam os preceitos da Igreja ou têm taras hereditárias, e por isso não devem ser admitidos nos institutos eclesiásticos, a não ser em algum caso extraordinário (C. P. P., cânon 435, §§ 1 e 2).

Daqui se conclui quão importante é o nascimento, a boa linhagem, para que seja mais proveitosa a formação intelectual e moral ministrada nos seminários. Infelizmente muitas são as taras que impedem mais ou menos a educação ministrada durante a vida escolar. O mal é geral; bate à porta de todos os estabelecimentos literários, dizem.

Mas a vontade pessoal, o domínio das más inclinações e a orientação das sãs energias — energias mais ou menos latentes para o bem ou até fogosas, às vezes, — eis outro elemento indispensável e que temos de aliar ao nascimento e à educação.

A vontade — faculdade mestra no homem — a rainha que governa tôdas as outras faculdades ⁽¹⁾, a fôrça que as há de dominar e sujeitar à lei, submetendo as paixões — eis o que falta em muitos pela vida além, porque não removem os obstáculos internos e externos. A irreflexão, a negligên-

(1) Do dr. Surbled, no livro « Conselhos aos Rapazes », são as palavras seguintes: « A vontade é a arma do sucesso. Para ter uma vida cheia de dignidade, útil e moral, para vencer as paixões e o mundo, para fugir das múltiplas ocasiões do mal, uma só arma é necessária: a vontade, uma vontade esclarecida e forte ».

cia, o medo, ou falta de confiança, o respeito humano, os maus exemplos, o meio natural e o meio social — são outros tantos obstáculos à educação da vontade e perseverança na prática do bem, na vocação sacerdotal.

Todos conhecem o chamado fenómeno da adaptação ou infiltração traiçoeira de hábitos, costumes, ideias e sentimentos — operação, às vezes, lenta mas progressiva.

É, por virtude dêste fenómeno, que muitos sacerdotes bem educados e orientados, vivendo num meio rústico, pouco educado, vão adquirindo maneiras e modos semelhantes aos das pessoas dêsse meio e, dia a dia, esquecem os preceitos de boa educação, asseio, higiene, modéstia e gravidade que exige o Direito Canónico (C. 1369) e o C. P. P. (C. 440). Muitos esquecem a *aristocracia do seu estado* e daqui incivildades no vestir, na higiene, na residência, na casa de Deus, nas visitas, no serviço religioso e em muitas relações sociais, cometendo assim faltas censuráveis e diminuindo a sua personalidade e até a dignidade da classe a que pertencem. Sabemos todos que o mundo generaliza e atribui à classe as faltas dos seus membros.

É, pois, evidente a necessidade duma grande fôrça de vontade, vigilância constante, atenção e amor ao trabalho, aperfeiçoamento diário das fôrças religiosas e morais, a continuidade do esforço, a coordenação organizadora, a docilidade unida ao amor da verdade e da ordem, a pontualidade em todos os serviços, a precisão e clareza para evitar equívocos e dificuldades no ministério sacerdotal, guiando os fiéis no conhecimento e prática do bem para que alcancem a salvação.

E assim a *vontade* pessoal, forte, bem orientada com as boas qualidades de *nascimento*, guiadas pela *educação* do seminário — conjugados os três elementos — contribuirão

eficazmente para a boa formação sacerdotal que todos desejam.

Será a realização do velho adágio: *Mens sana in corpore sano*: a alma sã em corpo sã.

E o Snr. D. António Barroso foi um grande modelo de uma alma sã num corpo sã.

Quantidade e qualidade — eis o supremo desejo da Igreja: “*um número suficiente de ministros que cumpram dignamente a sua missão divina*,” escreveu o Santo Padre Pio XI, na carta Apostólica de 1 de Agosto de 1922.

SAGRAÇÕES

Para completar o capítulo, quero aqui deixar os nomes dos bispos sagrados no Pôrto, no tempo do Snr. D. António Barroso. Foram os seguintes:

D. Teotónio Ribeiro Vieira de Castro — 15 de Agosto de 1899.

D. António Moutinho — 6 de Janeiro de 1902.

D. José Correia Cardoso Monteiro — 28 de Maio de 1905.

D. António Barbosa Leão — 28 de Agosto de 1906.

D. Sebastião Leite de Vasconcelos — 2 de Fevereiro de 1908.

D. Manuel Luís Coelho da Silva e D. José Alves Matoso — ambos a 21 de Março de 1915.

Actividade Social e Missionária

Ainda que tôda a acção religiosa e pastoral da Igreja se possa considerar como actividade social, eu quero aqui referir-me a outros assuntos especiais, que não devem ficar esquecidos e aos quais se estendeu a actividade do Snr. D. António.

Quando Sua Majestade, a Senhora D. Amélia, tomou a iniciativa e a presidência perpétua da "*Assistência Nacional aos Tuberculosos*", na diocese do Pôrto, o seu Bispo, em provisão de 6 de Fevereiro de 1900, apelava para a generosidade nunca desmentida dos seus diocesanos e pedia a zelosa cooperação dos Rev.^{dos} Párocos e mais fiéis para essa obra tão necessária e importante.

Quando a região do Ribatejo sofria enormemente com o terremoto de 23 de Abril de 1909, ficando a sua população sem abrigo e sem conforto, o Snr. D. António, na circular de 30 do referido mês, dirige-se ao seu clero "*que a ninguém cede o lugar de honra e marcha sempre na frente das mais altas benemerências*", pedindo que promovam, nas suas paróquias, uma subscrição em favor das vítimas sobreviventes, exortando a todos, pobres e ricos, para que vão em auxílio dos seus irmãos que sofrem.

Foi comovente o apêlo de 10 de Fevereiro de 1910,

em favor das vítimas e dos prejuízos causados pelas grandes inundações no mês de Dezembro de 1909.

Para comemoração do seu jubileu episcopal, organizou-se, na diocese, a "*Obra da Assistência aos Clérigos Pobres*," com estatutos próprios, como consta dos documentos de 30 de Junho, 1 e 4 de Julho de 1916 e 18 de Janeiro de 1917.

Não deve esquecer-se o brado a favor dos cristãos da Lituânia, em provisão de 11 de Maio de 1917, e que rendeu uma quantia importante.

Perante a crise das subsistências e as dificuldades de ordem material e económica, comoveu-se o coração do bondoso Missionário e Bispo e publicou a extensa pastoral de 25 de Abril de 1918, que é ainda um documento importantíssimo, com palavras de paz, de caridade e de justiça, dirigidas aos agricultores e às diferentes classes sociais. Apela para as palavras de Leão XIII, como normas de proceder, aborda a grave questão do salário e aos operários lembra a lei do trabalho e o justo equilíbrio que deve existir entre êstes e os patrões ou ricos.

"*Se no mundo os pobres servem os ricos, no reino de Deus só entram os ricos mediante a condição de amarem e servirem os pobres*," diz, citando um bispo francês.

Fala das reclamações razoáveis e justas, mas ordeiras; combate as sedições e violências, que ofendem a caridade cristã, o direito de propriedade e geram ressentimentos e malquerenças.

Fala do supérfluo que os ricos devem lançar no seio dos pobres, norma dada por Leão XIII, e diz:

« Fixem bem os abastados e os ricos, êste grande e sagrado ensinamento para que Jesus, divino e carinhoso

amigo da pobreza, lhes não brade com indignação vee-
mente: *Vae vobis divitibus!* Ai de vós, ricos do mundo!»

Eis umas ligeiras referências a essa pastoral, que é um verdadeiro resumo da doutrina católica sobre a questão social—no fundo uma questão moral—que prova a grande inteligência, bondade e generoso coração do Snr. D. António Barroso.

As *Escolas Agrícolas* devem-lhe um grande impulso pela provisão de 22 de Outubro de 1905.

A imprensa católica de Lisboa e do Pôrto recebeu sempre grandes provas de dedicação e carinho, e as pessoas que nela trabalharam tiveram o aplauso do bondoso Prelado e auxílios compatíveis com a sua pobre bolsa.

Em 10 de Agosto de 1914 fundou o *Boletim da Diocese do Pôrto* para publicação de todos os documentos oficiais.

Fazer a história do *Recreatório do Carmo* seria ligar o nome do Bispo homenageado a cada uma das suas páginas pela grande protecção que sempre lhe dispensou; Oficina de S. José, Asilo do Têrço, Asilo de Vilar, Recolhimento das Meninas Desamparadas, Recolhimento do Ferro, Associação dos Pais de Família, Irmãzinhas dos Pobres, Círculo Católico de Operários, Conferências de S. Vicente de Paulo, Associação dos Médicos Católicos Portugueses, Congressos Católicos de 1900, 1904 e posteriormente da Acção Católica, Obra Expiatória, Círculos de Estudos, Juventudes Católicas, Associações, Protecção à Infância... e muitas outras obras, tôdas lembram a actividade do Snr. D. António com a sua presença, esmolas e auxílios de vária ordem.

Os hospitais e casas de saúde, que visitou pouco

depois da entrada no Pôrto, o interêsse que lhe mereceram, a protecção que lhes dispensou, eis outros tantos títulos que enobrecem o homenageado na sua constante obra de bem-fazer.

Até os presos da cadeia a êle recorriam a cada passo!

E o interêsse que teve pelo seu clero quando êste foi preso e chamado a contas por causa da pastoral colectiva?

E os presos políticos?

Quando, em Outubro de 1913, o Paço Episcopal foi convertido em prisão política, *muitas vezes mandava saudações aos seus hóspedes, sentindo não estar junto deles, fazendo as honras da casa e auxiliando a passar melhor, em amena cavaqueira, aquelas horas e dias de detenção.*

O Snr. D. António reorganizou as Vigararias ou distritos eclesiásticos da diocese e, em decreto de 25 de Abril de 1918, criou a paróquia de N.^a S.^a da Hora, designando-lhe os respectivos limites.

*

O Snr. D. António Barroso tinha, como os seus colegas do continente, lugar na Câmara dos Pares. Pouco frequentavam as sessões, porque os trabalhos das dioceses não lhes deixavam muito tempo disponível e, além disso, alguns não tinham recursos para viver em Lisboa durante a época parlamentar. O Snr. D. António Barroso também não foi assíduo no parlamento, mas, quando se tratava de assuntos de interêsse geral para a Igreja, não faltava. E assim, depois do clero de Guimarães, em 14 de Novembro de 1903, ter

enviado uma representação a Sua Majestade com as justas reclamações sobre a sua situação económica, o Snr. D. António entregou, pessoalmente, ao Ministro da Justiça as representações do Pôrto e, na Câmara dos Pares, advogou, eloqüentemente, a necessidade de garantir ao clero paroquial uma subsistência de harmonia com as altas funções do seu ministério.

Quando os Governos, às vezes, pensavam na reorganização do colégio de Sernache do Bomjardim e de assuntos que se relacionavam com as missões, era sempre chamado o Snr. D. António Barroso para dar o seu parecer autorizado, porque a experiência de longos anos e os seus serviços no Congo, Moçambique e na Índia, eram grandes. Pelo Paço Episcopal passavam, a cada passo, coloniais distintos e missionários que vinham visitar um antigo companheiro da África e da Índia, trocar impressões, recordar viagens, acontecimentos alegres e tristes, enfim, relembrar um passado de trabalhos e também de glórias religiosas e patrióticas.

Com essas e outras visitas que muitas vezes apareciam, à noite, mantinha o Snr. D. António a mais interessante das cavaqueiras sobre assuntos coloniais. Tendo viajado muito na África Ocidental, Oriental e na Índia, por essas longínquas paragens privou sempre, com militares e funcionários do Ultramar. Nos intervalos viveu quasi sempre em Lisboa, conhecendo os empregados dos diferentes ministérios; conviveu com os sócios da Sociedade de Geografia e com um sem número de famílias que consideravam muito o Missionário e Bispo, convidavam para suas casas e colocavam-no em relações com pessoas de tôdas as classes e categorias.

Assim conheceu muito as pessoas do seu tempo.

Estas e outras circunstâncias que concorreram no Snr. D. António Barroso, aliadas a uma grande inteligência, a um espírito observador, a uma memória com poderosa retentiva e facilidade de expressão, davam-lhe uma extraordinária vivacidade a discorrer sôbre história contemporânea. Era, por tudo isso, um grande encanto e prazer espiritual ouvir o Snr. Bispo do Pôrto sôbre os homens e acontecimentos, em conversas, que, às vezes, salpicava com ditos originaes e caústicos.

Na Jazida de Remelhe

« Esta é a ditosa pátria minha amada,
À qual se o Céu me dá que eu sem perigo
Torne com esta empresa já acabada,
Acabe-se esta luz ali comigo. »

Lus. III, 21.

Creio bem que todos os soldados e heróis da Epopeia, tanto missionária como patriótica, nutrem sentimentos e desejos semelhantes àqueles que Vasco da Gama manifestava, ao fim do discurso sobre a geografia da Europa até chegar ao *reino lusitano*, aquele ponto do mundo,

« *Onde a terra se acaba e o mar começa* ».

Estou convencido que tanto o soldado da cruz como o da espada, embora com sumo desprezo pela vida, quando as circunstâncias assim o reclamem, desejam voltar à sua *Terra* para que, ao menos, repoisem as suas cinzas imortais ao lado dos seus maiores, como que a descansarem sobre o coração da Pátria que tanto amaram e por quem tanto sofreram.

Mas muitos e muitos não chegaram à realização desse desejo, porque por lá morreram e foram sepultados onde?

« Quão fácil é ao corpo a sepultura!
 Quaisquer ondas do mar, quaisquer outeiros
 Estranhos, assim mesmo como aos nossos,
 Receberão de todo o ilustre os ossos »

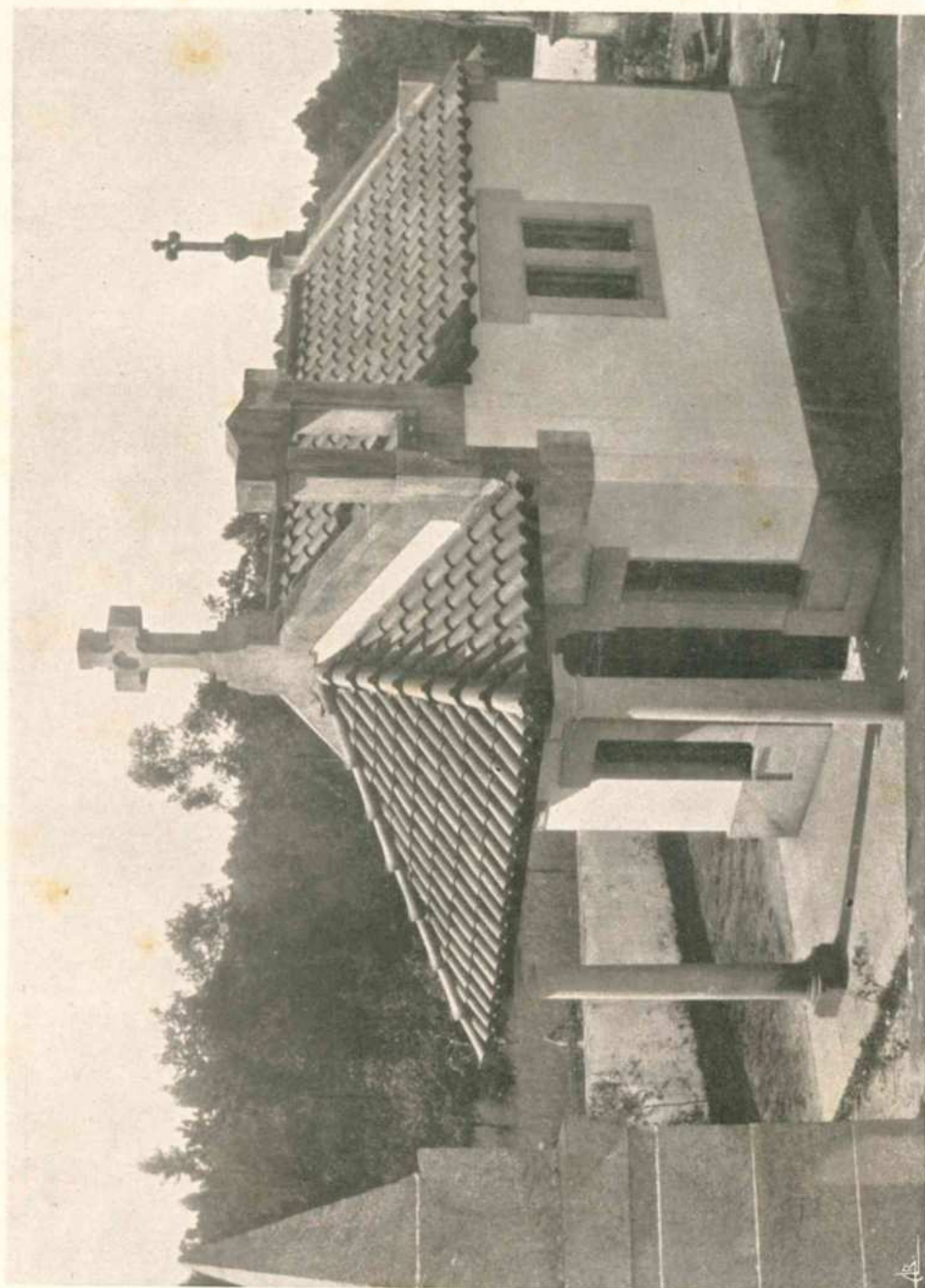
exclamava Vasco da Gama, referindo-se às sepulturas dos companheiros falecidos com a terrível doença do escorbuto quando se encontravam no rio dos Bons Sinais (LUS. v, 78-83).

Uns sepultados nas ondas e nos outeiros, outros enterrados juntos, próximo às fortalezas, porque a estreiteza do lugar e do tempo não permite delongas, faltando-lhes honras fúnebres e piedosas lágrimas. Todos estes, porém, dormem longe, com uma saudade maior da Pátria em humilde jazigo, do que aqueles que em urnas de alabastro deixaram, de uma vida sem nome, ociosa memória, como diz Jacinto Freire, na vida de D. João de Castro, referindo as imortais glórias dos heróicos defensores de Diu.

Muitos tiveram junto aos seus covais apenas as orações que, de joelhos, o comandante pedia por aqueles que tinham morrido cumprindo o seu dever e ainda as lágrimas silenciosas que corriam pelas faces queimadas dos sobreviventes, como aconteceu aos valentes de Coelela; mas alguns nem estas cerimónias tiveram ⁽¹⁾.

(1) Neste assunto é admirável uma passagem que o Padre António Vieira nos deixou no magistral sermão prêgado, em 1655, no regresso das missões do Maranhão: « Houve trigo mirrado, trigo afogado, trigo comido e trigo pisado.... Tudo isto padeceram os semeadores evangélicos da missão do Maranhão de doze anos a esta parte.

Houve missionários afogados, porque uns se afogaram na bôca do grande rio das Amazonas; houve missionários comidos, porque a outros comeram os bárbaros na ilha dos Aroans; houve missionários mirrados, porque tais tornaram os da jornada dos Tocantins, mirrados da fome e da doença, onde tal houve que andando 22 dias perdidos nas brenhas, matou sòmente a sede com o orvalho que lambia das fôlhas... »



JAZIDA - MONUMENTO NO CEMITÉRIO DE REMELHE

Dos missionários que por lá ficaram fale por todos o Padre J. B. Gonçalves ⁽¹⁾ ao abandonar a Zambézia por violência do decreto contra os Jesuítas. Como são eloqüentes as suas palavras!!

« Oh! se muitos dos nossos tivessem viajado por estes sertões e tivessem encontrado, à beira dos caminhos, como eu encontrei, tantas vezes, as sepulturas dos nossos missionários; se tivessem nos cemitérios orado e chorado sôbre os restos mortais de tantos homens de merecimento, que sacrificaram a sua vida no cultivo dêste formoso campo; e se depois, para enxugar as lágrimas dos olhos, os tivessem espraído por sôbre as sementeiras e notassem o viço com que vinham rompendo as novidades, avigoradas pela fecundidade dos suores daqueles *Operários*, não me cabe dúvida que se associariam a nós no profundo pesar que nos causa a ideia de ter de abandonar a Zambézia.

Tristíssima coisa que se perdessem em Portugal os esforços e sacrifícios de tantos anos em obras morais e materiais! *Dominus dedit, Dominus abstulit...* »

O missionário ilustre Padre António José de Sousa Barroso que, desde 1880 a 1899, percorreu o Congo, Moçambique e parte da Índia, deixando por lá companheiros queridos, soldados da Epopeia religiosa, regressou à sua ditosa Pátria, muito amada, e aqui acabou aquela inteligência que tanta luz derramou através das regiões africanas e indianas e aquele coração bondoso que tanto bem espalhou por tôda a parte ⁽²⁾.

(1) O Padre João Baptista Gonçalves permaneceu na Zambézia Inferior desde 1904 a 1913. Veja-se o Opúsculo «Fastos da Companhia de Jesus» por Acácio Casimiro. 1829-1930.

(2) Faleceu a 31 de Agosto de 1918.

O transporte da urna funerária da quinta de Sacais para a Sé constituiu um préstito que impressionou, extraordinariamente, pelo número e qualidade das pessoas e respeito do povo que, em alas, se premia nas ruas, em atitude recolhida. As lágrimas corriam pelas faces de muitos e centenas de pessoas ajoelhavam à passagem do cadáver.

*Multis ille bonis flebilis occidit
Nulli flebilior quam tibi, Virgili.*

HORÁCIO, ODE. I, 24.

O morto, referindo-se a Quintílio, é digno de ser chorado por tôdas as pessoas de bem, mas mais digno de ser chorado por ti, Virgílio, que por nenhum outro, escreveu Horácio.

O Snr. D. António, o Missionário, era digno de ser chorado por tôdas as pessoas de bem, mas muito mais pelos pobres e necessitados de quem foi verdadeiramente Pai carinhoso.

Realizou admiravelmente aquela profecia popular por ocasião da entrada solene: "*Este Bispo sabe bem o que é sofrer e por isso podem contar com Ele os desgraçados*".

As exéquias tiveram tôda a solenidade. Executaram-se tôdas as determinações do Cerimonial, com a presença dos Snrs. Arcebispo de Braga, Bispos do Algarve, Vizeu, Coimbra e Portalegre, representações de titulares, magistrados, advogados, médicos e pessoas de tôdas as categorias sociais, de perto e de longe.

No dia 4 de Setembro, foi trasladado o cadáver do Snr. D. António Barroso para Barcelos, onde houve missa e responso, realizando-se, nessa tarde, uma sessão de homenagem, na Câmara Municipal.

No dia 5, foi o cadáver levado para Remelhe e aí ficou no jazigo que, anos antes, tinha mandado construir no cemitério paroquial.

Mais tarde, mãos generosas e artísticas construíram uma *jazida* ⁽¹⁾ no mesmo cemitério, um verdadeiro monumento funerário, e para lá trasladaram, solenemente, o cadáver do Missionário e Bispo do Pôrto. Foi em 5 de Novembro de 1927.

Houve exéquias solenes, com oração fúnebre pelo

(1) A jazida tem quatro vitrais, representando as fases da vida do ilustre filho de Remelhe.

O primeiro representa António Barroso auxiliando seus pais no amanho da terra e lançando-lhe a semente.

Laboravit in Domino. AOS ROM. XVI, 12.

O segundo vitral representa o Missionário acompanhado de 3 pretinhos. *Euntes docete omnes gentes.* S. MAT. XXVIII, 19.

Depois aparece D. António Barroso com as vestes episcopais, distribuindo esmolas e exercendo a caridade.

Pertransiit benefaciendo. ACTOS X, 38.

Finalmente, o último vitral representa o Snr. D. António revestido de Pontifical.

Tanquam Aaron. HEBR. V, 4.

O Snr. D. António não deixou determinação alguma sobre o lugar para a sepultura.

Talvez se lembrasse muito duma importante Ode de Horácio, *in divitum cupiditatem*, l. II, 18, onde o Poeta, referindo-se ao indiferentismo que nutre pelo amigo poderoso, afirma «*que é suficientemente feliz com a única propriedade de Sabina*» e que «*a terra se abre igualmente para os pobres e para os filhos dos reis*», por isso não fez disposição alguma, deixando isto ao critério dos seus familiares. Aqui ficam as passagens de Horácio, a que me refiro:

..... *nihil supra*
Deos laceſso nec potentem amicum
Largiora plagito,
Satis beatus unis sabinis.

..... *aeque tellus*
Pauperi recluditur
Regumque pueris...

distinto professor Cónego Francisco Correia Pinto, com a assistência dos Snrs. Arcebispo de Braga e Bispo do Pôrto, grande concorrência de clero das duas dioceses e uma enorme multidão de pessoas de tôdas as categorias sociais.

Foi um dia de comoção e de saúde... Tantas coisas que eu lembrei! À minha mente vieram aqueles versos de "A Minha Terra,"

Caminho do cemitério,
Não te chamem de desgraça...
Que tristeza a de quem fica!
Que ventura, a de quem passa!

Lá foram os Snrs. Bispos, sacerdotes e pessoas de tôdas as classes... que se comprimiam na igreja, no adro, no cemitério, nas estradas e caminhos próximos e que a imprensa calculou em 50 mil.

Lá, *a caminho do cemitério*, foi a urna coberta de flores que uns espalhavam em abundância, ao passo que outros se ajoelhavam, recitando, com unção e fervor, sentidas preces por alma do grande apóstolo do Congo.

E o clero, conduzindo aos ombros o ataúde, desde a igreja até à *jazida*, e cantando o *Miserere*, dava ao acto religioso uma nota impressionante, comovedora e significativa, arrancando lágrimas a muitos assistentes.

... E ao espírito daqueles que mais tinham convivido com o Snr. D. António Barroso ocorriam recordações saúdosas da sua extrema bondade e muita caridade com os necessitados de tôda a espécie, privando-se até de recursos precisos e de comodidades justas, para aliviar muitas misérias.

E, a par dêstes e de muitos outros pensamentos, a memória recordava as soleníssimas palavras de S. Paulo:

TODOS CERTAMENTE RESSUSCITAREMOS (I COR. XV, 51).

Lá se depositaram e lá estão os restos humanos, cinzas humanas, mas cinzas imortais, porque ressuscitarão. Pó, que és homem porque foste homem, lembra-te que hás de tornar a ser homem. E aquela jazida aponta o tempo que acabou para o Missionário e Bispo e a eternidade que começou.

TODOS CERTAMENTE RESSUSCITAREMOS

Na jazida de Remelhe dorme o corpo do Missionário e Bispo,—mas a sua alma vive.

E Deus, que a recebeu, há de restituí-la ao corpo que lhe tirou, não para o destruir, mas para um dia lho tornar a dar.

RESSUSCITARÁ!

Últimas Palavras

Destina-se êste trabalho ao congresso missionário de Barcelos, celebrado como coroa de remate por motivo da inauguração do monumento ao grande missionário e grande português que foi o Snr. D. António Barroso, uma autêntica glória da Igreja, a quem não faltaram as palmas da perseguição nem as aclamações da Pátria, que Êle serviu abnegadamente como o melhor dos seus filhos.

É uma contribuição modesta, muito humilde, de quem tem passado a vida a cultivar o jardim das vocações da Igreja, que Êle tanto amava—contribuição de quem teve a honra e suprema felicidade de conviver, de privar com o Snr. D. António Barroso, durante todo o seu Episcopado portuense.

Oxalá que a Barcelos muitos vão com a sua presença e palavra autorizada influir nos bons resultados que há a esperar desta reunião missionária.

E visto que até a arte é chamada a glorificar um morto—honra da Igreja e da Pátria—com a estátua que será levantada na Praça Municipal, oxalá que a eloquência, evocando os trabalhos de D. António Barroso, traçando o seu vulto moral e patriótico, desperte ideais nobres, coloniais e civilizadores que Êle sempre apostolizou com muito amor.

Fala-se hoje muito em apostolado, inicia-se um movimento nacional a favor das colónias e trabalha-se na obra missionária. Mas nada disto é ainda suficiente. A acção de Portugal no sentido indicado não é bastante. Essa acção não vai muito além de um *recomêço*, ainda que louvável — muito patriótico. É preciso que se intensifique muito.

Que lá da mansão celeste onde, por misericórdia divina, com certeza estará a gozar o prémio das suas virtudes acrisoladas, a alma do Snr. D. António Barroso vele pela conservação e aumento da vocação missionária que, em séculos passados, povo algum igualou.

O meu pensamento não foi tecer o panegírico do Snr. D. António Barroso. De forma alguma. Quis, simplesmente, referir alguns factos da sua vida e dos seus trabalhos mais importantes, agrupando-os quanto possível, procurando traçar com êles o perfil dum notável Missionário, uma alma de fogo, alma evangelizadora, um temperamento corajoso, capaz dos maiores sacrifícios, um *homem* que, na sua jazida de Remelhe, agora no monumento de Barcelos, e nos seus variados escritos, continuará a apregoar as glórias da Igreja e da Pátria e há de, sempre, servir de modelo aos soldados beneméritos da nossa gloriosa Epopeia religiosa e colonial.

Êle, um morto querido continuará a falar! Os seus exemplos, a sua abnegação e o seu trabalho serão um digno incentivo a continuar a obra dum glorioso passado de fé e um ferrete de ignomínia inculpido na fronte de quem teima, obstinadamente, esquecer uma tradição de glória. "*O destino e o futuro de Portugal estão em África*", afirmou o grande Missionário em Santa Maria de Belém.

"*Preparemos coloniais*," — é o brado da imprensa, lembrando que Portugal é ainda a quarta potência com um riquíssimo e vastíssimo património de além-mar.



INTERIOR DA JAZIDA-MONUMENTO

"Formemos o ambiente colonial," que é indispensável, porque essas distantes regiões fazem parte da própria Patria, dizem os verdadeiros amigos de Portugal e das suas tradições imorredoiras.

Pois bem: com o congresso missionário, brademos todos nós:

Crie-se a *mentalidade missionária*, forme-se o *ambiente religioso* e preparem-se soldados para a Epopeia religiosa que acompanhem os coloniais, trabalhando todos para a civilização dos indígenas. Mas cuidado e muito cuidado, não vá o colonial africanizar-se, isto é, tomar os usos, costumes e hábitos dos pretos.

Dizia o Snr. D. António Barroso e repetia com tristeza: "O português cafraliza-se com certa facilidade. Debaixo do sol ardente, perdendo a energia, deixa apagar na sua mentalidade as luzes da civilização e por sentimentos, hábitos, costumes e acções, aproxima-se do preto, adapta-se àquele viver".

É o meio natural e o meio social, são as influências indígenas penetrando nos sentimentos e acções dos brancos; são, em muitos casos, os europeus deseducando-se e descivilizando-se em contacto com os indígenas, quando estes deviam sempre ser educados e civilizados por aqueles. E aqui ficam mais estes pensamentos para estudo do congresso, meditação dos coloniais e lembrança dos legisladores, porque são assuntos que interessam a todos — nacionais e estrangeiros — como pode verificar-se, na importante revista mensal Boletim da Agência Geral das Colónias, no mês de Fevereiro de 1931. Isto no que se relaciona com a vida missionária e colonial. Agora a vida episcopal.

"Pélago de trabalhos e abismo de tribulações," chamou

S. João Crisóstomo ao episcopado e disse-o com toda a verdade e justiça. Sendo o bispo um sacerdote perfeito — sacerdote perfeito na grandeza e sacerdote perfeito no dever — e um dos sucessores dos apóstolos, é evidente que está na eminência dos trabalhos e também das tribulações. Na sagração, muito mais solene que a do sacerdote, faz o bispo juramento de obediência à Igreja e promessas solenes de cultivar a ciência, guardar a tradição, praticar as diferentes virtudes, instruir e edificar os fiéis, proteger e auxiliar, afavelmente e com misericórdia, os pobres e peregrinos — programa grandioso, que só pode ter por limite a bondade de Deus.

Recebe a unção da cabeça e das mãos, o báculo pastoral, o anel, o Evangelho, a mitra e as luvas — ei-lo no mais perfeito dos estados, investido na obrigação do ensino que tem de ministrar, da santidade e do trabalho, devendo em tudo dar exemplo. São, pois, tremendas as responsabilidades do episcopado e daí maiores as contrariedades, penas e tribulações de toda a espécie e perseguições dos poderosos, que, segundo Santo Ambrósio, são mais vantajosas para os bispos do que os afagos. "*Felicius episcopos persequuntur imperatores quam diligunt*", afirmava o santo Bispo de Milão e Doutor da Igreja.

Acrescem as dificuldades dos tempos, lugares, instituições vigentes e outras circunstâncias, que variam muito. Vejamos algumas observações gerais em relação ao episcopado do Snr. D. António Barroso.

Os primeiros anos do seu múnus pastoral, no Pôrto, coincidem com os últimos da monarquia, e podemos considerá-los como uma época de verdadeira babel política. Do esfacelamento dos partidos, que então se deu, resultaram vários grupos políticos e conflitos de toda a ordem que se reflectiam nas diferentes esferas sociais.

Não sendo já muito fácil o provimento dos diferentes benefícios eclesiásticos, que estavam regulados pelo decreto de 2 de Janeiro de 1862, a dificuldade agravou-se com a multiplicação dos chefes políticos, com as promessas dos galopins e caciques, querendo todos proteger os seus afilhados, correligionários e apaniguados, importando-se, às vezes, pouco com as informações dos Prelados ⁽¹⁾, chegando até a pedir ou lembrar a queima do registo do clero. A intromissão dos políticos em assuntos eclesiásticos, a começar pelos seminários ⁽²⁾ e a terminar pelo recurso à Coroa, a legislação civil nas suas diferentes formas de oprimir e escravizar a Igreja, eis outras tantas dificuldades no govêrno das dioceses. Emfim estava a sociedade açoutada pelos rijos ventos duma democracia anarquizante e demolidora, e a opinião liberal, orgulhando-se de guardar as invioláveis liberdades pátrias que considerava um depósito sagrado, sempre cheia de sustos e temendo a fôrça—tudo concorria para aumentar as dificuldades de bem servir a Igreja e a Pátria.

Conheci muito de perto essas dificuldades, vi os emba-

(1) Fica aqui bem uma página da Memória sôbre o Snr. D. Américo. «Um dos seus primeiros cuidados foi o da organização do catálogo completo do clero, indicando as suas habilitações literárias, serviços prestados e outras informações de grande vantagem no govêrno da diocese. Continuou, cuidadosamente essa organização do catálogo ou fôlhas do clero, que deixou ao seu sucessor e que tanta celeuma levantou, sobretudo entre muitos políticos que viam, nesse serviço, um embaraço à malfadada política que tanto mal fazia. Chamaram-lhe livro negro e êle era feito em papel azul como bem posso certificar, porque também ajudei a continuá-lo. Era e é um registo de habilitações, licenças, concursos, serviços bons ou maus ou outras notas de interêsse eclesiástico, como se faz em qualquer repartição bem organizada ».

(2) Estava já impressa a fôlha anterior, onde se encontram considerações sôbre quantidade e qualidade dos presbíteros, quando chegou a *Acta A. Sedis* de 1 de Abril de 1931. Publica um regulamento especial para as admissões a ordens, com data de 27 de Dezembro de 1930. Veja-se o fascículo citado, pág. 120-127.

raços, apalpei o terreno escorregadio, mas também admirei o desejo que tinha o Snr. D. António de acertar e o modo como orientava superiormente os interesses da Igreja no provimento dos benefícios. E os professores, que formavam os júris para concursos e exames sinodais, a que S. Ex.^a Reverendíssima sempre presidia, reconheciam o desejo de bem prover as igrejas da sua diocese.

Mas nem sempre foi possível realizar os melhores desejos, contentando-se com os bons e, às vezes, transigindo com os suficientes, nunca, porém, com os maus. Benigno para com as fraquezas humanas, sofrendo as faltas, perdando os defeitos, esforçava-se sempre por bem cumprir a sua missão pastoral.

A segunda metade do episcopado do Snr. D. António Barroso, no Pôrto, foi uma época de tormentas e de perseguição para a Igreja. A desorganização começou a atingir, facilmente, as fileiras do combate; felizmente que, diga-se de passagem, como a luz sucede às trevas e o dia à noite, assim uma nova época de organização, e esta intensa, começou; para ser duradoira? Tempos terríveis... temerosos... Prisões sucessivas, expulsões da diocese, o encerramento do pequeno Seminário e o grande privado de tudo, o arrolamento dos bens eclesiásticos, as grandes e violentas tentativas para a formação das cultuais com o suborno do clero pelas pensões que, honra lhe seja feita, à voz dos seus Prelados, rejeitaram com tóda a dignidade—foram outros tantos motivos e ocasiões para sobressaltos, para as maiores inquietações. A antevisão negra dum futuro incerto parecia, por vezes, intimidar o Snr. D. António Barroso; mas não.

Olhava, observava e seguia com serenidade, embora com tristeza e apreensões pela sorte dos seus *padres e fiéis*,

o rolar temeroso dos acontecimentos. Uns e outros, porém, mostravam-se dignos do seu pastor, da sentinela vigilante de Israel que, medindo friamente as responsabilidades do seu cargo, conhecendo como ninguém os direitos da Igreja, caminhava com tôda a serenidade possível, confiado na palavra de Jesus: A Igreja não perecerá.

Esta verdade dava-lhe fôrça, emprestava-lhe tôda a coragem, chegava a fazê-lo intemerato no cumprimento dos deveres pastorais, dando assim um grande exemplo ao seu rebanho.

Oh! não foram poucos os dias de muitas e grandes provações que experimentou a diocese do Pôrto; foram renhidas as batalhas da verdade contra o êrro, do bem contra o mal.

E, então, como foi para todos doloroso ver cair, derruir-se, pela fúria do temporal, obras que custaram tanto a edificar e representavam os suores, tôdas as canseiras de indefinidas gerações!

Tempos terríveis êsses que já lá vão! e que podem voltar! Mas ninguém deserte, porque as recompensas serão sempre proporcionadas às dificuldades da hora que passa. "Não será coroado senão aquele que, legitimamente, combater", diz o Espírito Santo.

Porém, tantas adversidades tiveram e continuaram a ter algum bem, fizeram renascer energias novas, construtoras, e, no nosso caso, melhor, na pessoa do Snr. D. António Barroso, fizeram brilhar mais essa cruz peitoral, essa cruz simbólica, agora mais atraente, nimbada até pela aura do sacrifício e dos exílios. E da glória do Prelado compartilharam os auxiliares, que ficaram no seu posto, cumprindo as obrigações que Êle lhes tinha confiado.

Nessas adversidades, os seus diocesanos puderam

conhecer melhor a rija t mpera do seu Bispo e elevá-lo ao capitólio. A sua reentrada na diocese foi um triunfo.

Sempre dotado de boa disposição para o trabalho, servindo ao Senhor em alegria, como ensina o Salmista, afável com as visitas e os inúmeros pretendentes que, só pessoalmente, queriam expôr os seus assuntos — receavam, talvez, que os intermediários fôssem fios maus condutores para a bondade ing nita do seu coração de Pai; talentoso, atraente na conversa, espírito observador e conhecedor dos homens do seu tempo, scintilante nas alocuções, dedicado aos seus diocesanos, como aos que o não eram, nunca economizou fôrças perante o dever, nem fugiu a serviços mesmo pesados. O Snr. D. António Barroso era o protótipo do homem que não capitula diante da injustiça. A sua recti  o reagia sempre.

Por vezes pressent am-se-lhe ligeiros momentos de desânimo ⁽¹⁾; aquela figura veneranda parecia sucumbir ao pêso da adversidade. Engano; puro engano.

(1) Fiz referências à atitude nobre do Snr. D. António quando se tratou da assistência religiosa aos nossos soldados. Neste lugar, devo dizer que, duas vezes, encontrei S. Ex.é muito desanimado e falando com desalento por ver que pessoas abastadas concorriam com verbas insignificanti ssimas para as desp sas respectivas. Era um assunto de interêsse religioso nacional e por isso contristava-se por não ser correspondido pelas pessoas de recursos. Os pobres eram mais generosos.

Mas é isso tão velho que já Horácio « se queixava daqueles que deixavam cair os templos, porque, sendo ricos, não consagravam   pátria querida uma parte da sua fortuna... »

..... Quare
Templa ruunt antiqua deum ? Cur, improbe, carae
Non aliquid patriae tanto emetiris acervo ?

LIVRO II, SÁTIRA 2, 104.

Nesta sátira, o poeta apresenta o retrato do avarento, elogia a frugalidade

Tudo isso passava, rapidamente; uma pessoa que chegava era o suficiente.

Com as visitas, por momentos, parecia esquecer a amargura do seu coração de Pastor atribulado. Estes momentos de desânimo, de resto, estão dentro da psicologia humana. Na viagem para a eternidade há de ser sempre assim. Até os temperamentos mais serenos sentem a dor e o abatimento. Explica-se.

Já dizia um poeta muito ilustre:

O coração tem dois quartos.
Moram ali, sem se ver,
Num a dor, noutro o prazer.

Quando o prazer, no seu quarto,
Acorda cheio de ardor,
No seu esmorece a dor.

Cuidado, prazer! cautela!
Folga e ri mais de-vagar...
Não vá a dor acordar!

Há poucos meses foi homenageado, em Lisboa, um dos heróis de Coelela e doutros combates em terras de África, um amigo pessoal do Snr. D. António Barroso desde os tempos de Moçambique.

« quae virtus et quanta, boni, sit vivere parvo », mostra os efeitos bons da sobriedade — virtude que muito contribui para a saúde do corpo e vigor das faculdades da alma.

É ainda interessante uma outra passagem de Horácio, nas Odes. Diz assim: « Nenhum brilho tem a riqueza quando escondida em mãos avarentas; tu, ó Salústio, desprezas as riquezas quando elas não brilham por um sábio emprêgo ».

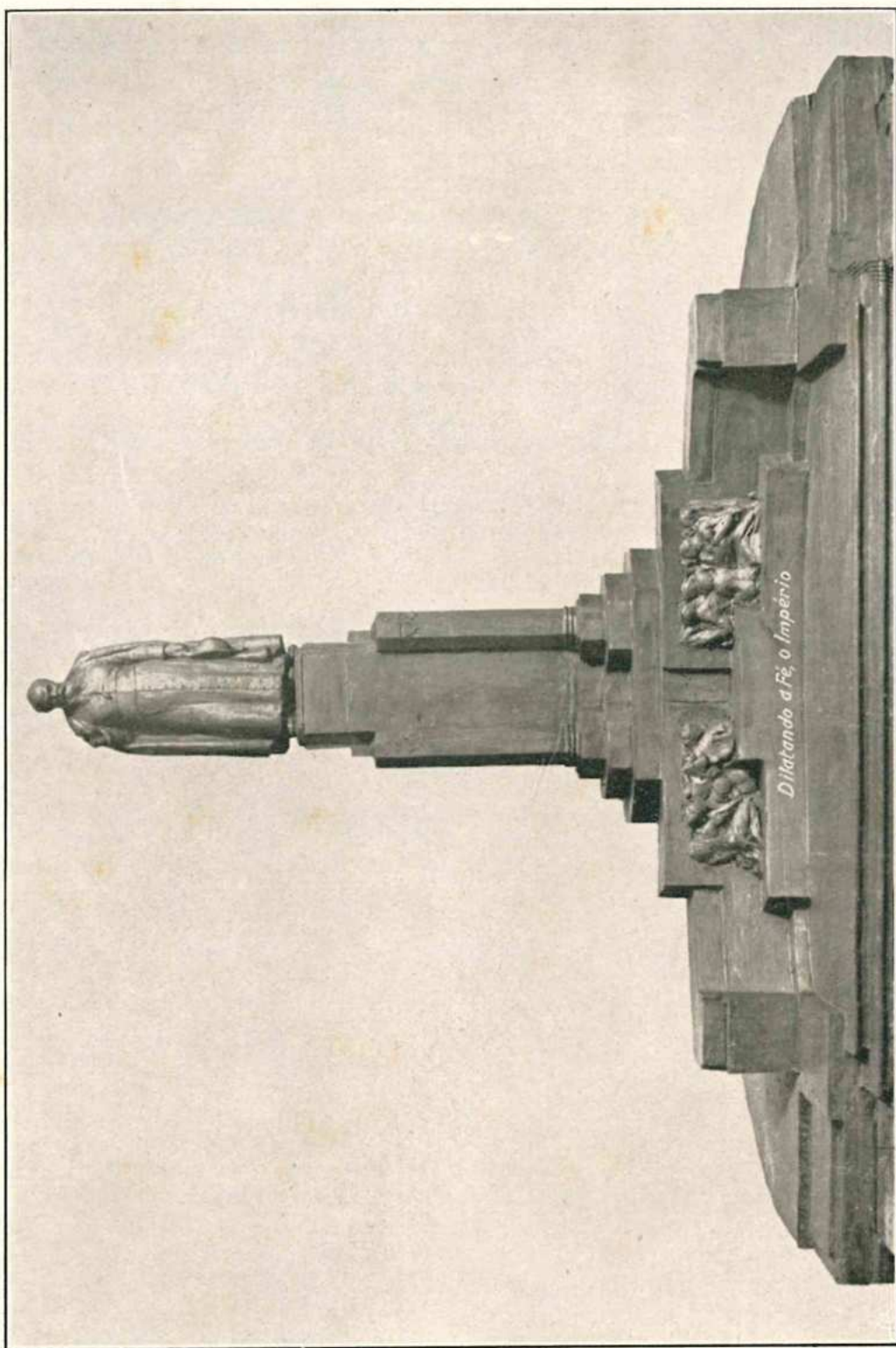
Por um volume de cartas e pelos discursos então pronunciados, vê-se que o maior título de glória dêsse militar era ser *soldado de África*, mas um soldado que soube *servir bem*, como mostraram os oradores da homenagem. Nestas duas palavras, numa síntese perfeita, foi possível resumir tôda a vida de Aires de Ornelas. Também no momento solene em que o Snr. D. António Barroso entrava na eternidade, podíamos dizer — *serviu bem a Igreja e a Pátria* — ou, em adoração submissa aos supremos desígnios da Providência, ir mais longe: parece que a sua vida não era possível sê-lo maior:

Vita quidem, talis fuit ut nihil posset accedere — proclamaria Cícero, se, na sua oratória sublime, fizesse há dois mil anos o panegírico do nosso homenageado.

O Snr. D. António Barroso *serviu bem*; começou por ser um soldado da nossa Epopeia missionária em África e chegou a herói, razão da consagração a que vamos assistir. Soldado de África Êle *serviu bem* no Congo, em Moçambique, na Índia, trabalhando pela Igreja e pela Pátria, renunciando às comodidades, ao egoísmo, à indolência e esforçando-se sempre por atingir o ideal perfeito do missionário. *Serviu bem*, repito.

Saíu a semear a palavra de Deus na Africa Ocidental, Oriental e na Índia, buscou longe a seara e por isso no tribunal de Deus foi medida não só a sementeira que lançou às almas, *mas também foram contados os passos nas longínquas paragens da evangelização*, como ensina o Padre António Vieira, na assombrosa exposição da parábola do sementeiro, confrontando aí o mérito dos missionários com o mérito dos prégadores que não saem da sua terra.

O tribunal da história também contou, apreciou e



ASPECTO DO MONUMENTO A ERIGIR EM BARCELLOS

registou a sementeira, e, embora não possa contar os passos do missionário barcelense, sabe que constituíram longas caminhadas, com perigos e sacrifícios de toda a ordem, e que mereceram larga recompensa.

Por isso, a Igreja e a Pátria, estreitamente unidas, no congresso missionário de Barcelos, vão apregoar os serviços do missionário Padre António José de Sousa Barroso e apontá-lo como exemplo digno de imitação.

Às belezas da Sagrada Escritura, aos seus ensinamentos imortais, vou escolher algumas palavras, que mais se harmonizem com a psicologia do Missionário-Bispo, para concluir o meu trabalho. São elas:

Bem-aventurado o que olha com alma para o indigente e para o pobre, cantou o Santo Rei David quando, fugindo de Absalão, foi assistido de Berzelai e doutros que lhe fizeram muitas ofertas, a ele e ao seu povo, porque todos estavam quebrantados de fome e de sede no deserto (Ps. XL, 2; II REIS XVII, 27-29).

Bem-aventurado o Snr. D. António Barroso porque sempre atendeu, *com alma*, ao indigente e ao pobre.

Observou e atendeu os necessitados não só com os olhos do corpo, mas principalmente com *os olhos da alma*.

A sua inteligência iluminada pela fé via nos necessitados a imagem de Jesus Cristo, os cidadãos do Reino de Deus, os herdeiros das promessas divinas e os primeiros filhos da Igreja.

Missionário e Bispo compreendeu bem a primeira das virtudes — *a virtude da caridade*; por isso, serviu os pobres indígenas e os civilizados, tornando-se participante das bênçãos do Evangelho, das glórias da Igreja e da Pátria, merecendo que, em volta do seu prestígio, se reúna o congresso missionário.

Beatus qui intelligit super egenum et pauperem: *Bem-aventurado o Snr. D. António Barroso, porque, com os olhos da alma, viu os indigentes e os pobres.*

Com justiça a voz do povo clamava:

"Êste Bispo sabe bem o que é sofrer e, por isso, podem contar com êle os desgraçados".

BEM-AVENTURADO!

Que a virtude louvada, vive e cresce
E o louvor altos casos persuade.

Lus. IV, 81.

APÊNDICES



Em 19 de Maio de 1849

Pode exercer neste Bispoado de Porto Alegre
as faculdades, que actualmente tem.
Porto Alegre 9 de Maio de 1849

Frederico Bispo de Porto Alegre

Al Pastor e Antonio Jaci de Sousa
Barros, Superior dos Missiones
Congo, tendo vindo com licença
aqui e precisando residir
por algum tempo no Bispoado
de Porto Alegre, onde deseja ex-
ercer o seu sagrado Ministerio
respetivamente

Pede a V. Ex. e P. Ma
digne autorizar o
supplicante a celebrar
confessar e pregar
em quanto estiver
em no d. t. Bispoado.

E. R. M.

P. Antonio Jaci de Sousa Barros

Oração Gratulatória

EM APLAUSO DAS VITÓRIAS ALCANÇADAS PELAS ARMAS PORTUGUESAS
NA ÁFRICA OCIDENTAL (CUAMATO) (1) NA IGREJA DE SANTA
MARIA DE BELÉM NO DIA 13 DE DEZEMBRO DE 1907

POR

D. ANTÓNIO BARROSO,

BISPO DO PÔRTO

SENHOR:

Ao contemplar a tremenda catástrofe que sepultou no abismo do mar revólto um formidável exército com todo o seu equipamento, Moisés, o grande legislador e guerreiro, entoa diante de Israel atônito o hino sublime em honra do Senhor dos exércitos, que tão gloriosamente ostentava o seu poder. *Cantemus Domino: gloriose enim magnificatus est* — cantemos em honra do Senhor, porque tão gloriosamente ostentou o seu poder em favor do seu povo.

O Deus da paz, de Quem somos ministro, é também o Deus forte e terrível dos exércitos, e da sua vontade onnipotente depende a vitória ou a derrota, os hossanas do triunfo ou as elegias da desgraça. E, porque assim é, todos os povos tiveram consagração religiosa para os seus combatentes. O próprio Deus dirigia as

(1) A vitória sobre os Cuamatas foi celebrada no Pôrto, em 27 de Outubro de 1907, com um solene *Te Deum* e Oração gratulatória pelo Ex.^{mo} Sr. Cónego António Joaquim Pereira. Esta solenidade foi promovida pelo Ex.^{mo} Sr. D. António Barroso, com a assistência das autoridades eclesiásticas, civis e militares.

batalhas do povo escolhido e inspirava os mais belicosos carmes dos profetas; a Grécia sacrificava depois da vitória a Júpiter Olímpico, e as águias romanas à frente das legiões vencedoras guiavam o povo-rei à conquista do mundo civilizado e abatiam-se no Capitólio em homenagem aos deuses protectores.

Os cavaleiros medievais, cuja bravura vemos renascer em nossos dias nos heróicos soldados portugueses, recebiam a investitura de suas armas sagradas pela mais emocionante liturgia, antes de combaterem contra os infieis.

E, coisa singular e extraordinária, a Igreja que ensina sempre a paz, que proíbe o derramamento de sangue, ainda o inimigo, tem largas e abundantes bênçãos para o soldado, a quem preceitua como primacial dever a defesa da bandeira da Pátria. E é para exaltar a Pátria agradecida, em conjuntura tão solene para o nosso país, que hoje nos reúnimos debaixo destas majestosas abóbadas para, em nome da Religião de Jesus Cristo, saüdarmos os que heróicamente souberam levantar tão alto o nome de Portugal, nome que pode ser com razão invejado pelas grandes nações, mas não pode ser excedido no valor, bravura guerreira e heroísmo que simboliza.

Uma nação, Senhores, não deve ser avaliada só pelo âmbito, mais ou menos largo, dos seus limites, pelo número dos seus habitantes e pelos valores monetários encerrados nas arcas do seu tesouro; mas deve sê-lo principalmente pelas energias do seu carácter, pela nobreza dos seus sentimentos, pelo valor do seu exército, pelo seu concurso eficaz no desenvolvimento da civilização dos povos, a quem levou a sua fé ardente, as suas instituições venerandas e a sua língua.

O povo, que, em síntese admirável, reúne todos estes predica-dos, é o heróico povo português, que hoje vem ao templo sagrado agradecer ao Deus dos seus maiores as misericórdias e singulares favores para com êle usadas.

Nascido por entre o fragor dos combates contra infieis; conduzido à vitória por capitães em cujo peito estuava o amor de Deus por igual com o amor duma pátria que se criava a golpes de sabre para glórias futuras; amparado nos dias de provação com a piedosa confiança, nunca desmentida, da Santíssima Virgem, que o protegia, o povo português, cheio de glória

no presente e de fé no futuro, vem hoje entoar o canto sublime de acção de graça a Deus, porque mais uma vez o tornou vencedor dos seus inimigos, mais uma vez lhe fez sentir o fruto de bênçãos, que largamente lhe há dispensado na sua vida já quasi oito vezes secular.

E neste momento soleníssimo, e neste amplíssimo lugar, onde tudo é grandioso pela presença eucarística do Cordeiro Imaculado, que vai receber as nossas adorações; pelo templo, que de Santa Maria tem o nome e que pelo arrôjo da sua architectura, pela elevação das suas colunas, nos enaltece o pensamento e no-lo arremessa para o alto; pela presença de Vossa Majestade, pela dos representantes dos mais altos poderes sociais; pela presença, enfim, destes bravos expedicionários (1), que aqui se encontram, talvez abatidos pela febre de climas deprimentes, cobertos, porém, de glória imperecível, cingidos de louros ceifados com o fino aço das suas espadas no vasto campo de combates renhidos; só é pequena, só é mesquinha e sem valor a voz do intérprete dos vossos sentimentos de agradecimento a Deus Omnipotente. Que importa?! O assunto é em si de tal magnitude que dispensa a louçania da forma e as fulgurações do talento, que por completo lhe falecem.

Não podia, porém, não devia recusar um convite que singu-

(1) Em 1904, foi mandada uma expedição contra os Cuamatas. Espertos, audaciosos, conhecedores da táctica da guerra, dispersos pelo mato e servindo-se de boas espingardas, desbarataram os soldados portuguezes, ficando muitos destes no campo da batalha, na floresta, sendo os seus corpos presa das aves.

Em 1907, uma columna de algumas centenas de soldados, comandada pelo Capitão José Augusto Alves Roçadas foi contra os Cuamatas, computados em cerca de 10.000 homens, bem armados, acantonados a mais de 100 léguas da costa, em terreno árido e bravio.

O primeiro encontro foi próximo do Humbe, mas os Cuamatas retiraram para o interior e a expedição perseguiu-os, deu batalha no mês de Outubro, e as armas de Portugal registaram episódios que revestem fóros de epopeia, demonstrando o valor dos lusos. Dizem as crónicas que foi brilhantíssima uma carga de oitenta soldados de cavalaria sobre um quadrado de dois mil indígenas. À frente dessa força, de espada em punho e cabelo ao vento, lembrando os heróis de Tânger e de Diu, galopava o Tenente Martins de Lima. Lá ficaram algumas vidas, abriram-se alguns túmulos, levantaram-se algumas cruzes em sua memória; em seguida, construíram-se alguns fortes, e nêles ficaram alguns soldados defen-

larmente me penhora e agradeço. Fui soldado duma milícia, que também combate além-mar pela honra do nome português; ali me alistei, ali pelejei como soldado raso com a coragem que me dava um coração de português, que pulsa uníssonos com os vossos, impulsionado pelo nobre amor da nossa querida Pátria.

SENHOR:

As grandes colectividades que se chamam nações, assim como os indivíduos, no harmónico plano da Providência, que a todos os seres assinala uma missão, têm o instinto dos seus destinos e para elles se dirigem guiados pelo dedo de Deus.

O destino e o futuro de Portugal estão em África. Depostas as faixas duma infância robusta, aquecida pelo sol de batalhas homéricas, em que se nobilita e enaltece a primeira dinastia, criando uma falange de guerreiros sem par; consolidada a independência da Pátria pelo valor dos companheiros do Mestre de Aviz e pelo gládio terrível do Santo Condestável nos campos de Aljubarrota, o primeiro bracejar *fora do ninho seu paterno* foi dirigido para as terras de África.

Junto dos muros de Ceuta, iluminado pelo sol fulgente dum

dando a soberania de Portugal; outros voltaram, atravessaram Lisboa entre palmas e vivas, todos foram aclamados pelo delírio das multidões, e a Pátria, em S.^{ta} Maria de Belém, cantou o solene Te Deum, prêgando o Missionário D. António Barroso, Bispo do Pôrto.

No lugar onde se tinha dado o desastre de 1904 foram celebradas exéquias, depois da vitória do Cuamato. O Capitão Roçadas convidou os Missionários do Espírito Santo Padres Bonnefoux e Viseux, que celebraram missa pelos falecidos, fazendo o Padre Martins uma oração fúnebre, enaltecendo o brio nunca desmentido do soldado português que sabe morrer pela Pátria sem jamais ceder um palmo no campo da batalha. A pouca distância estava a floresta, onde tinham sido conduzidos os soldados, vítimas da traição dos guias. Aí entraram e ainda encontraram vestígios dos que morreram combatendo.

Religiosamente recolhidos, esses últimos restos foram conduzidos até ao forte Roçadas, onde receberam modesta, mas honrosa inumação.

Estas notas são colhidas na importante revista *Portugal em África*.

F. PINTO.

assinalado feito de armas, recebe o baptismo de sangue e no campo da primeira batalha em terras da Líbia é armado cavaleiro da civilização cristã e paladino audaz de surpreendentes e gloriosos destinos. O grande Infante D. Henrique, êsse Vidente assombroso, apoiado no promontório de Sagres, revolve na mente fecunda dar um grande império à sua Pátria, um imenso campo de actividade ao valor extraordinário dos filhos de Portugal, e conquistar para a hegemonia da Europa cristã e para a benemerência da história, o galardão incomparável da imortalidade nacional.

Seguindo seu impulso potente surge-lhe dos mares a pérola da Madeira, Gonçalo Velho descobre os Açores; o terrível Bojador rodeado de fantásticas e temerosas lendas é subjugado pelas quilhas das caravelas onde flutua a bandeira da Ordem de Cristo; Diogo Cam aproa à embocadura do formosíssimo Zaire, a mãe das águas africanas, e segue até à Baía dos Tigres; Bartolomeu Dias dobra o Cabo das Tormentas; e Álvares Cabral enriquece a Pátria com as terras de Santa Cruz.

Êsse turbilhão de acontecimentos, cada um dos quais por si só faria a glória dum povo, realizados com sobre-humana bravura contra os elementos irritados e contra os habitantes selvagens dessas regiões há pouco descobertas, dá a medida do exuberante esforço, e o quilate da bravura da raça altiva e nobre que os cometia.

Neste afanoso empenho de abrir novos caminhos à exploração e actividade própria e de estranhos, um desvio casual ou premeditado entrega-nos o Brasil, êsse torrão ubérrimo, êsse país de maravilhas, onde, à custa de heroísmos e de sacrifícios, criámos um vasto império, que, para insigne, suprema glória nossa, floresce hoje na mais exuberante civilização por nós ali plantada com o mais fervoroso carinho. Êste belo país, onde os nossos irmãos mais novos constituem uma segunda pátria, é, sem contradita, digamo-lo com justa ufania, a demonstração mais categórica de quanto pode um povo inflamado pela chama do mais ardente e heróico amor de glória.

A nossa energia não se exauriu, porém, na gigantesca e assombrosa criação do Brasil. Não. Enquanto plantávamos a gloriosa bandeira das quinas em todos os continentes e sulcávamos mares

nunca dantes navegados, enquanto os nossos soldados pelejavam os mais rudes combates na África do litoral mediterrâneo, e nos cobríamos de louros em Arzila, Safim e Mazagão, no Oriente os peitos dos nossos soldados substituíam os panos, rotos pela violência dos petrechos bélicos, dos muros de Diu, onde Duarte Pacheco obra maravilhas tais e tantas que mais parece um semi-deus do que um soldado.

Era de ver ao mesmo tempo Paulo Dias de Novais e os seus companheiros de armas tomarem posse, conquistando-a para a Pátria, do belo território de Luanda, a futura capital do nosso domínio na África de Oeste; ao passo que Sequeira acodia com o esforço português para sustentar, no quási lendário império do Congo, o seu rei, nosso vassalo, contra as ferozes investidas dêsses terríveis Jagas, que por mais dum século foram o terror e o flagelo do ocidente africano desde a Guiné até ao Cabo.

À sombra de tantos e tão viridentes louros ganhos no campo de tantíssimas batalhas, feridas em tão distantes pontos do globo, lançámos as bases do nosso império africano, alicerçando-as no valor, nunca desmentido, do nosso soldado, e na fé ardente do nosso missionário. Soldados de duas nobres milícias distintas, mas caminhando paralelamente para um mesmo fim, uma brandindo a espada, outra empunhando a cruz, investiram com o sertão ignoto, e foram os primeiros que ao mundo lhe patentearam os segredos, os mistérios e as riquezas. Estes dois factores do progresso africano, que tão unidos caminharam no passado, podem e devem também no presente dar-nos além-mar um Portugal maior, com o esforço dos pioneiros, dos nossos navegantes, dos nossos agricultores, dos nossos estadistas, cuja obra o braço do soldado português saberá garantir com a sua heróicidade e com o seu patriotismo, e o missionário assimilar com a sua catequese e com o seu exemplo não menos heróico nem menos patriótico.

*

*

*

O último quartel do século XIX foi decisivo para os destinos de África. Um movimento de simpatia humanitária e de interesse mercantil se dirigiu sobre o amplo e misterioso continente, com-

preendendo e interessando na sua intensidade a religião com os seus missionários, a ciência com as suas explorações, os governos com as suas chancelarias, as Bôlsas com os seus capitais. É preciso conhecer-se a literatura africanista do nosso tempo para se avaliar com justeza a sôma de esforços, em todos os ramos da actividade humana, que os povos cultos estão empregando para realizar essa obra portentosa, que se resume na conquista de África para a civilização.

Os nomes de Launay, Darcy, Monsenhor Le Roy, Aguard, Casati e tantos outros, valem por muitos campeões em prol da obra de mais largo alcance social, que o mundo hoje tem de realizar. E se algum povo se pode considerar em condições propícias para desempenhar essa função civilizadora em África, êsse é certamente o povo português, pois que nenhum o pôde exceder em dotes favoráveis e apropriados a essa função brilhante.

O mar tormentoso de Vasco da Gama, a obra épica de Almeida e de Afonso de Albuquerque, a derrota aventureira de Álvares Cabral; tudo isso, que representa as mais belas afirmações duma raça de heróis, é substituído agora por outras emprêsas; pelo planalto que é preciso desbravar, pelo gentio que é preciso reduzir, pelo *interland* que é preciso aproximar da Costa, pelo jazigo mineralógico que é preciso explorar, pelo rio caudaloso que é preciso cobrir de embarcações e até por êsse ardente sol africano que é preciso, por assim dizer transformar, e aproveitar como elemento fecundante de novas e prodigiosas riquezas.

Os heróis portugueses dos séculos xv e xvi serão desta arte substituídos pelos grandes portugueses, que, no século xx, afirmarão perante o universo a supremacia da sua raça e a nobreza da sua ascendência; por dedicados e intrépidos portugueses que realizarão não só com os meios da moderna arte de guerra, mas também com a fomentação dos modernos meios de acção empregados pela ciência hodierna, pela tecnologia, pela indústria, pela incessante actividade mercantil, pela sempre desejável e fecundante e indispensável missão religiosa, e conquistarão para a civilização as terras, em que os padrões de Diogo Cam e de tantos navegadores deixaram sinais imperecíveis de que a África parece ter sido destinada pela Providência para dom e posse do nosso querido Portugal.

*
* *

No último lustro do século xix, o prestígio do domínio português na África Oriental é seriamente ameaçado pela rebelião dum chefe, senhor absoluto dum povo então notável pela sua valentia e pela sua coragem, habituado a vencer e a ser temido.

Para reduzir à obediência o Gungunhana e os seus temíveis vátuas, organiza-se a primeira grande expedição moderna nesta cidade, rainha do Tejo. O país inteiro segue com olhos ansiosos a marcha dos nobres soldados do seu exército, que vão vingar os ultrajes feitos à sua bandeira e fazer respeitar a soberania de Portugal, o prestígio da sua Pátria.

As campanhas em África são sempre cheias de perigos e incertezas. O pouco conhecimento do terreno que se pisa, a falta de água e a ardência do sol, as insídias da febre e as emboscadas do gentio são outros tantos elementos de destruição, que num momento produzem os maiores desastres. Que atestem a verdade do meu asserto as campanhas recentes realizadas pela França em Madagascar, pela Inglaterra no Transwaal e pela Alemanha contra os Herreros. Essas grandes nações venceram, mas o seu triunfo custou rios de sangue aos seus filhos e oceanos de dinheiro ao seu tesouro.

Para o nosso Portugal essas campanhas são tôdas ocasião e motivo de novas glórias. Coolela, Marracuene, Magul ⁽¹⁾ e Manjacase são os marcos gloriosos do itinerário da hoste portuguesa, ao qual põe um remate épico o feito extraordinário de Chaimite, em que o maior potentado africano é aprisionado por um punhado de portugueses comandados e suggestionados por êsse inolvidável e grande Albuquerque moderno. Assim finaliza, com imensa glória para Portugal, uma expedição que ficará memorável nos anais da valentia humana e que faria honra a Duguesclin, a Cid e a Nuno Alvares.

É que o soldado português sente estuar-lhe nas veias o san-

(1) Foi ainda o Snr. D. António Barroso, então Prelado de Moçambique, o intérprete do sentir nacional, na capela da Universidade, por estas vitórias. Leia-se a pág. 59.

P. S. Manda - me
 tres complices
 dos lixos - nos
 canções e choros
 nãô a por a por
 que estão no ar
 por mais de 20
 gabinetes. *Gaspar.*
 P. S.

2-12-1919

Recebi e agradeço a tua carta
 de 24 de janeiro.

Vejo que estás em andamento
 a criação de nativos e pessoas que
 nos é apresentada. Depois tudo,
 mas o governo as de outras
 que a tua vontade de tuas -
 concelhos nos jantares, que ha-
 de ser nativos. No fim farão
 a restauração de que foi feita
 por um mundo, e não me
 esqueceres. Depois - de tudo
 e de

Tuas
 e Antonio, Bispo de Porto

gue ardente de ínclitos vencedores, e a essa nobre prosápia reúne disposições e elementos de resistência tais que o tornam, por sem dúvida, o primeiro entre os soldados do mundo.

*
* *

Pacificado o Oriente da África portuguesa surge a revolta no sudoeste.

Há três anos, quando uma coluna de soldados portugueses de terra e mar procedia nas regiões do Cunene a um reconhecimento de território, ocupado por uma raça valente e forte, que não duvidara desrespeitar traiçoeiramente a nossa bandeira, uma terrível emboscada é urdida contra os nossos, que colhidos de surpresa e esmagados pelo número extraordinário dos inimigos são bárbaramente trucidados, regando com sangue generoso as areias quentes do solo africano.

Vingança! É o grito que sai de todos os recantos da metrópole, onde tantas lágrimas sentidas choram a hecatombe desses que trocaram as carícias da família e os afagos dos amigos pela cruenta defesa da sua Pátria, nunca impunemente insultada, nunca!

Congregam-se elementos de ataque, estuda-se o plano, escolhem-se os chefes, partem os primeiros soldados. A opinião pública reclama dos poderes do Estado tôdas as precauções e sobretudo numerosas tropas, esquecendo, por um momento, que o soldado português vence pela qualidade e valentia e não pelo número. O Capitão José Augusto Alves Roçadas, cujo nome o país hoje saúda com o dos seus bravos companheiros de armas, assume o comando duma coluna de heróis e, voltando a frente ao Sertão, abandona o salubre planalto para se embrenhar nos estepes doentios das regiões do Cunene. São poucos para a magnitude da empresa, mas nos seus corações têm a fé em Deus, que alenta, têm o amor da Pátria, que faz mártires e faz heróis.

O inimigo a combater é audaz, intrépido e valente; maneja com perícia armas modernas; conhece os segredos da arte da guerra, defende os haveres, a família, a própria vida. Salteia a coluna de todos os lados, prevalece-se do conhecimento do terreno, ora acidentado, ora alagadiço; não dá repouso; aperta, comprime,

envolve e, não podendo atacar de frente, machucadas no emmaranhado do bosque. A hoste portuguesa impávida avança sempre; não a atemoriza o fogo nutrido com que é recebida; Muselo é tomada; Damaquero é arrasada; a marcha continua sempre, sempre! Dez horas de combate renhido entrega aos vencedores Almundo; o inimigo é perseguido com bravura, que chega quasi à ferocidade.

O Cuamato Pequeno é, enfim, tomado com grande heroísmo e bravura.

O inimigo, tendo provado bem a rija tèmpera das nossas armas, o valor dos nossos soldados, refluí todo tentando defender num último esforço o Cuamato Grande, seu último e fortíssimo reduto. Baldados esforços! Após renhido combate a embala do Cuamato Grande, donde tinha partido o insulto à bandeira de Portugal, é tomada com prodígios de valor e heroísmo, e, sobre os escombros fumegantes duma grande povoação, no meio dos hinos do triunfo, que ressoavam como clarins de guerra e cujo eco se repercute nos mais profundos vales do Sertão, é desfraldada, enfim, a bandeira, mais uma vez gloriosa, que tremulou em Aljubarrota, Mazagão, Montes-Claros e Bussaco; a bandeira da Pátria portuguesa. *Te Deum laudamus*: Louvores ao Senhor dos exércitos!

*

* *

Entoemos, pois, hoje também ao Senhor Onnipotente o hino sagrado das grandes alegrias.

Louvemos o Senhor pelas vitórias alcançadas e meditemos nos desígnios da Providência, que parece indicar-nos em sua suprema sabedoria que o futuro da nossa raça está em África.

Antigo missionário, ainda nas horas mais árduas da minha missão, sonhei sempre e tive esperança na realização da obra, que as tropas portuguesas hoje vão cimentando em contínuas vitórias; Bispo Católico, Bispo duma diocese que o nosso país se acostumou a considerar o sòlio da liberdade e do amor pátrio, sinto-me feliz por me ser dado saudar, com a realização dos meus sonhos de português, acariciados pela imponência da natureza africana, a

bravura dum punhado de soldados que valeu por um adestrado e numeroso exército.

Não é a vitória despida de sacrificios, e sacrificios bem pesados; uma lágrima de saudade é devida a êsses que, com os olhos fitos apenas na doce imagem da Pátria, esquecidos dos mais queridos objectos dos seus affectos, se lançam com braveza, que leões da Zambesia não têm, sobre as hordas ardilosas e destemidas, que pretendiam embargar o passo aos que avançavam em nome da civilização. Enviemos-lhe uma lágrima de saudade.

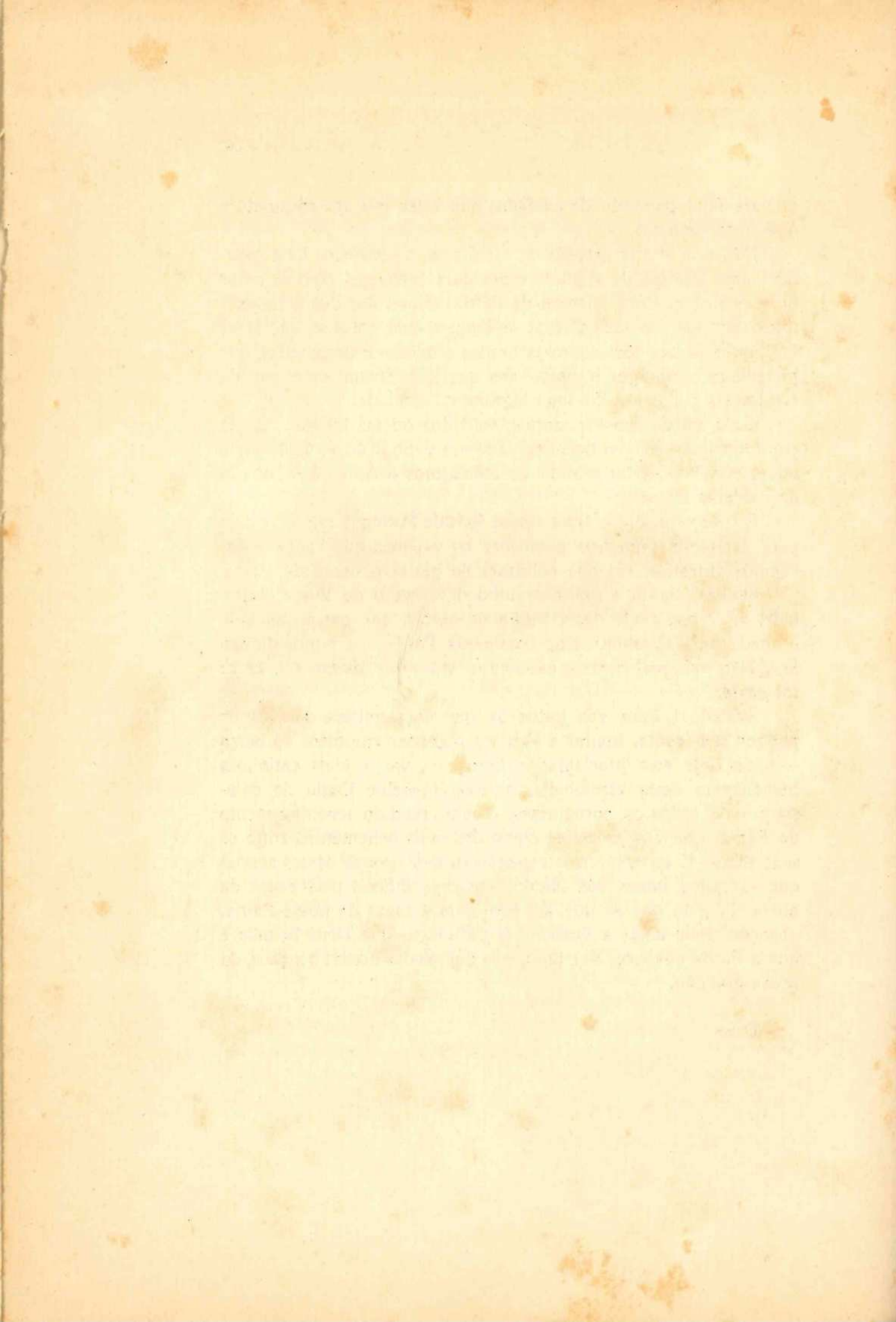
Cada um dos nossos mortos, soldados ou marinheiros, há-de constituir para a nossa nacionalidade um penhor do esforço, que o futuro nos impõe, no sentido de reduzirmos a África à influência da moderna cultura.

E como consola a alma ver os Reis de Portugal adiantarem-se para serem os primeiros a receber os valentes que chegam dos campos africanos, em que cobriram de gloria o nome da Pátria.

Senhor! Santo e nobre orgulho deve ser o de Vossa Majestade, ao ver-se chefe desta legião de heróis, que parece ter sido formada para constituir a glória da sua Pátria e a honra do seu Rei. Não sei qual é mais excelente: *se ser do mundo rei, se de tal gente.*

Soldados! Para vós todos os que conseguistes, através de perigos sem conta, honrar a Pátria e regressar vitoriosos ao berço — onde hoje sois proclamados heróis —, vai a mais carinhosa homenagem desta assembleia, o mais fremente brado de entusiasmo de todos os portuguezes, o mais rendido reconhecimento da Pátria, que vos proclama como dos mais beneméritos entre os seus filhos. E eu como vós conhecedor das agruras dêsses sertões que visitastes, como vós lutador em dias difíceis pela causa da nossa Religião que se une tão bem com a causa da nossa Pátria, abenção dêste lugar a vossa obra patriótica, que Deus bem diz e que a Pátria enaltece. Por tudo, sois dignos das nossas benções, da nossa gratidão.

DISSE.



ANTECESSOR E SUCESSORES DE D. ANTÓNIO BARROSO
NA DIOCESE DO PÔRTO



CARDIAL D. AMÉRICO



D. ANTÓNIO BARBOSA LEÃO



D. ANTÓNIO AUGUSTO



Discurso

RECITADO PELO EX.^{mo} E REV.^{mo} SNR. D. ANTÔNIO BARROSO,
POR OCASIÃO DA ABERTURA DAS AULAS
DO SEMINÁRIO DO PÔRTO, NO DIA 14 DE OUTUBRO DE 1900

A complexidade dos problemas sociais tem dado fadigosos trabalhos a quantos têm pretendido resolvê-los cabalmente, e, ainda por muito tempo, cujo termo se não pode provar, continuará a dá-las aos que generosamente se dedicam a essa fascinadora tarefa.

Por outro lado, é também certo que é uma necessidade instantânea dar-lhe soluções positivas e tranqüilizadoras, a fim de dissipar apreensões e sobressaltos, que podem traduzir-se em verdadeiras convulsões ameaçadoras, terríveis, cheias de incertezas e consequências calamitosas. Há, porém, um ponto que chama particularmente a atenção dos estadistas e que sobressai entre todos: é o problema económico, que rodeado de dificuldades, seduzindo espíritos, aliás cultos, mas exagerados nas soluções que oferecem na decifração deste problema da actualidade, arrasta as multidões sedentas de melhorarem a sua situação, que, por vezes, é, na verdade, digna de lástima.

Não é, porém, com as revoltas e as convulsões que chegará ao termo desejado, porque nunca se poderá extinguir na terra a pobreza, que assim o disse o Mestre Divino: *nam semper pauperes habetis vobiscum*.

É assim necessário, imprescindível, promover por todos os meios, que em tôdas as classes da sociedade se infiltre o espírito cristão, que tanta vez nelas falta — *me autem non semper habetis*.

Se há instituição que tenha trabalhado com empenho em minorar os males que oprimem os sofredores, é indiscutivelmente a Igreja Cristã — Católica. É ela que desde todo o sempre tem posto ao serviço dos desvalidos e dos desprotegidos da sorte a grande força, que tem impedido em tantos momentos da história a dissolução das sociedades e o cataclismo da civilização. Nem isso admira; tôda essa longa e gloriosa lista de serviços prestados à causa da civilização, que vale o mesmo que dizer à causa do bem, ao amparo dos que sofrem; tôda essa maravilhosa actividade dispendida em enxugar lágrimas, guarecer feridas, amparar quedas, desoprimir aflitos, pulverizar os elos das cadeias da escravidão, tudo isso está contido na sua lei orgânica, no seu código fundamental, o Evangelho, e exemplificado na vida adorável do adorabilíssimo dador dessa magna carta; e, num e noutro inspirada, a Igreja tem feito a sua carreira intemerata e firme, colhendo através de tantos séculos opimos frutos da sua acção benéfica e santa.

Do alto da cadeira sublime, donde parte o ensino supremo, tanta vez se tem erguido a voz autorizada, que ensina infalivelmente os homens, e em documentos cheios de unção enternecedora, reproduzindo a doutrina divina do Sermão do Monte, as bem-aventuranças, se têm proclamado verdades sociais, que políticos sagazes, estadistas reputados, não teriam suspeitado, nem conhecido, se assim lhes não fôsem ensinadas.

Dali tem partido a voz que, restabelecendo a ordem perturbada pelo exagêro das paixões humanas, tem reivindicado para o homem as suas mais caras prerogativas, os seus mais santos direitos e entre estes, como distintivo culminante da sua dignidade, correspondente ao da responsabilidade, o direito tão apreciado e por vezes tão esquecido, pelos que dele deviam usar, da *liberdade*.

Ora, senhores, para que esta acção civilizadora da Igreja se faça sentir em tôda a parte, para que ela se infiltre em todos os povos, em tôdas as latitudes e até em tôdas as classes sociais, é necessário que haja ministros dignos, obreiros destros, para que essa edificação portentosa se mantenha e progrida; é indispensável preparar soldados bem disciplinados, capazes de continuar essa cruzada, essa conquista fascinadora, a conquista do bem nas

suas variadíssimas manifestações, que tôdas se reduzem ao bem supremo, alvo das nossas aspirações, e cuja posse realizará o fim para que o Criador nos destinou.

Êsses obreiros, êsses soldados, êsses ministros são os sacerdotes; são êsses a quem Jesus Cristo chamou *sal da terra* (Mat. II, 13) e de quem S. Paulo, escrevendo a seu discípulo Timóteo (1. Tim., IV, 12), disse *que devem ser o exemplo dos fiéis nas palavras, nas relações com o próximo pela caridade, pela fé e pela pureza*. Sendo assim tão melindroso e de tanto alcance êste ministério, e portanto muito difícil e complexo, deve ser cuidada e esmerada a educação e preparação dos que são chamados a desempenhá-lo. Pois que dignidade, que ministério mais árduo, que responsabilidades não impõe o sacerdócio católico destinado a santificar todos os actos livres do homem? Se a propensão dum artista carece de cuidados, se além do talento e aptidões naturais exige sábia direcção, estudo permanente e consciencioso, que cuidados se não devem congregar com os que se preparam para desempenhar a arte mais elevada e mais delicada e de maiores e mais fundamentados melindres, a arte de dirigir as almas? *Ars artium regimen animarum*, como lhe chamam os Santos Padres.

Nos nossos Seminários, não se cuida apenas de ensinar aos jovens aspirantes ao sacerdócio os elementos das sciências e das letras humanas, mas também de cultivar os indícios significativos da vocação para o serviço dos altares, auxiliar-lhes a inexperiência e a natural debilidade e protegê-los contra tôdas as influências funestas tanto internas como externas. Tal a tarefa confiada aos directores e mestres dos nossos Seminários, tarefa e ministério árduo, laborioso, delicado, que exige constante abnegação, mas, por isso mesmo, honroso e digno de todo o reconhecimento e aplauso, que aqui lhes damos como preito de justiça.

Nunca se perderá de vista que se não trata de preparar os jovens confiados à sua guarda e direcção para carreiras mundanas, por mais legítimas e honrosas, mas sim formar-lhes a inteligência, o coração e o carácter para que êles possam vir a ser sacerdotes dignos, isto é, missionários do Evangelho, continuadores da obra de Jesus Cristo, distribuidores da sua divina graça e dos sacramentos.

E se êste cuidado tem de ser grande quando se trata dos que

dão os primeiros passos na carreira da aprendizagem e seguem o curso de preparatórios, maior ou pelo menos mais delicado se torna quando se trata dos seminaristas que vêm cursar os estudos teológicos.

Estes tem de preparar-se de modo mais especial, pela piedade e pelo exercício das virtudes clericais, para a recepção das sagradas ordens, ao passo que vão fazendo os seus estudos das sciências teológicas, que são especialmente as sciências próprias do sacerdote, que, havendo recebido a sua iniciação nelas no Seminário, terá de as cultivar durante tôda a sua vida.

Êsse estudo, caros seminaristas, não deve ser empreendido e continuado só em vista e por motivo do bom e proficiente desempenho do ministério sagrado, que sois chamados a desempenhar. Êsse intuito deveis ter, porque além de legítimo, impõe-se por necessidade imperiosa e categórica; mas não basta, é necessário encarar as coisas de mais alto e erguendo os corações — *sursum corda* — deveis também exigir-vos a maior atenção de vistas e de aspirações. Tôdas as considerações que se invoquem para vos estimular ao estudo dessas sciências, que constituirão o emprêgo principal da vossa vida, que virão a ser, durante ela tôda, o alimento do vosso espírito, o assunto de vossas constantes cogitações, serão débeis e ineficazes se não as exercitardes em vós mesmos, por consideração e reflexão própria, e ponderando que acima de tôdas paira e culmina a consideração suprema do Ser, a quem tôdas elas se referem e procuram fazer conhecer, temer e amar — *initium sapientiae timor Domini*.

A Teologia é a sciência das coisas da fé, diz o Papa Sixto v, que se alimenta nas fontes abundantíssimas da Escritura, das decisões dos Papas, da dos decretos dos Concílios. Em verdade, não se limita a Teologia a apresentar dum modo simples as verdades da fé; esta forma de ensino e de aprendizagem convém sim ao comum dos fiéis, mas não basta aos que se propõem ser mestres em Israel, aos que terão não só de ensinar e cultivar essas verdades, mas ainda de as defender contra os ataques violentos de procedências várias, a que é necessário fazer frente, de pé firme, a fim não só de guardar a cidadela e os próprios arraiais, mas também para seguir à conquista dos do adversário, até alcançar tôda a família humana para Jesus Cristo e para a sua Igreja.

Para tal fim, está o estudo dessas sciências distribuído de modo a ser proficuo e a facilitar a aquisição de conhecimentos profundos em todos os seus ramos. Se no nosso Seminário não é completo o quadro das disciplinas teológicas, é ao menos muito suficiente para instruir os nossos alunos de modo a bem desempenharem as funções a que se destinam e a prepará-los para as continuar e empreender outras proficuamente. O desenvolvimento maior do quadro dêsses estudos pertence regularmente a outros institutos, cuja função assim o exige.

A êles concorrem os que por sua capacidade intelectual, applicação ao estudo e ainda recursos materiais se recomendam para seguir cursos nesses institutos, quer no país, quer fora dele. Dêste número foi o Ex.^{mo} Bispo de Meliapor, Vice-Reitor e Professor dêste Seminário, há pouco elevado ao episcopado; e ainda contamos um membro no professorado actual, que é composto de sacerdotes que fizeram os estudos na Universidade de Coimbra, havendo-os feito quási todos antes aqui neste Seminário; e nestas circunstâncias actualmente se acham matriculados naquela Universidade alguns dos nossos antigos alunos, sendo assim bem cor-deais as relações entre êste Seminário e aquele estabelecimento scientifico, o primeiro do nosso país e glória dele. Por mais dum motivo é grato ao nosso coração fazer esta referência.

Estão na verdade de tal maneira dispostos e distribuídos os estudos do nosso Seminário, que os alunos podem adquirir durante o tirocínio uma habilitação sólida e conducente para novos e mais aprofundados e em todo o caso própria para se prepararem para o alto ministério a que aspiram.

A Teologia fundamental, vulgarmente chamada Dogmática geral, estabelece em primeiro lugar a teoria racional da revelação, isto é, com largos dados da filosofia estuda e pondera as fôrças da razão humana a fim de determinar até onde ela pode chegar na indagação, descobrimento e conhecimento das verdades religiosas, ou antes investiga até onde ela não pode chegar, e como consequência proclama a sua insuficiência para descobrir essas verdades necessárias para satisfazer as necessidades absolutas e relativas do homem em ordem a consecução do seu fim sobrenatural.

Dessa insuficiência e dessas necessidades deriva lógica e natu-

ralmente a necessidade da mesma revelação sobrenatural para que os homens conheçam dum modo positivo e fácil a norma *credendi* e a norma *agendi*, como se diz na escola, isto é, o símbolo e o código de moral, as verdades da fé e regra dos costumes. Mas que importaria a necessidade da revelação sobrenatural, se ela não fôsse possível? Demonstra-se essa possibilidade, possibilidade física e possibilidade moral, da parte de Deus, a quem não faltam meios para ensinar, e da parte do homem, a quem não falta capacidade para aprender.

Não basta porém demonstrar a necessidade e possibilidade da revelação sobrenatural imediata, pois que o *a posse ad esse non valet consecutio*, é necessário demonstrar a sua realidade. Para isso estabelecem-se critérios intrínsecos, como a omnímota verdade e santidade da doutrina, e os critérios extrínsecos ou apodícticos, os milagres e as profecias.

Aqui, vasto campo se oferece à actividade intelectual, vingando a possibilidade física, lógica e moral dêsses critérios, sobretudo a realidade dos milagres, tanto aqueles que nos oferece a Escritura e em especial os referidos pelos Evangelhos na vida, paixão, morte e ressurreição de Nosso Senhor Jesus Cristo, e especialissimamente êste último milagre, sôbre que o Apóstolo das gentes fazia assentar tôda a veracidade da prègação evangélica — *se Jesus não ressuscitou é vã a nossa fé, somos uns impostores*; como outros durante todo o correr da vida da Igreja até nossos dias.

No defender a possibilidade e realidade do milagre tem o teólogo uma tarefa bem grata à sua alma; combate as escolas panteísta, racionalista, mítica e, a mais moderna, a positivista.

Tôdas, umas contestando a verificação da realidade do milagre, outras negando a sua possibilidade e rejeitando-o *à priori*, tôdas recebem a mais cabal refutação e a mais triunfante derrota.

Vinguemos a autoridade humana das Sagradas Escrituras, isto é, a sua autenticidade, genuinidade e fidedignidade, quebrando assim a arma dos corifeus do sistema mítico, tanto em voga não há ainda muito, e empregando o processo positivo experimental no exame dos livros sagrados como mais legítimo de verificação dos factos. Depois de demonstrar a autoridade humana das Escrituras, provamos que elas foram escritas por inspiração

divina e por isso a Santa Igreja teve razão para coleccionar êsses livros — a Bíblia —, propondo-os como livros sagrados formando o *Cânon*, e daí o nome de livros canónicos, expressão equivalente à de livros divinamente inspirados. Como tais, estes livros carecem de ser expostos e interpretados e, por isso, se estuda a constituição do magistério autêntico da Igreja com os seus dotes de inerrância, indefectibilidade e infalibilidade. Estabelecida assim a teoria racional da revelação e demonstrada a necessidade, possibilidade e a realidade da revelação divina sobrenatural e bem assim vingada a autoridade humana e divina das Escrituras, e ainda bem determinada a criação do magistério da Igreja, cujas notas de Unidade, Santidade, Catolicidade e Apostolicidade quadram à Igreja Romana e só a ela, passamos ao estudo da Teologia Dogmática.

Não conhecem estas matérias, o seu âmbito, a sua forma aqueles que a elas se referem com menos gravidade.

Tomar o símbolo da fé cristã — católica e estudar cada um dos seus artigos ou dogmas, expondo-os no seu genuíno sentido, provando-os com argumentos hauridos nas fontes da Revelação, servindo-se da Sagrada Escritura, e tomando-os nos órgãos da tradição —, os Santos Padres; e, por sôbre isso, vingar a racionalidade dêsses dogmas com argumentos fornecidos pelas sciências humanas, é uma tarefa boa para aliciar ao estudo e despertar o empenho de saber.

Demonstrar a existência de Deus contra as escolas, que ou professam expressamente a irracional doutrina do ateísmo ou a ela vão dar, quer directa quer indirectamente; procurar sondar os divinos atributos para mostrar, quanto é possível, conhecer a essência divina, ou dela fazer conceito adequado — eis o que deve fazer o teólogo. Aparecem aqui, relacionadas com êstes estudos, as questões de cosmologia, de cosmogenia, de geologia, de antropologia e tantíssimas outras, que trazem presa a atenção dos maiores sábios do mundo, e que vão sendo resolvidas laboriosamente de modo positivo, saindo de meras hipóteses e, mercê de Deus, concluindo a favor dos dados bíblicos ou pelo menos, e isso já é uma homenagem à sua veracidade, não se opondo a êles. Pairam em campo diferente, podem versar em esfera paralela, e não há nem pode haver assim conflito entre elas. O sonhado conflito

entre a ciência e a fé está hoje já fora da moda e grandes sábios, guardando na sua alma o depósito sagrado das suas crenças religiosas, continuam os seus profícuos estudos nos laboratórios, nos observatórios astronômicos e meteorológicos, sem que essas crenças lhes impeçam as observações e investigações científicas, e sem que estas lhes inibem o daquelas.

Estuda-se a graça, a sua origem, efeitos e aplicação; os canais, por que ela chega aos homens para os animar eficazmente a sustentar no cumprimento do dever, na prática do bem, no caminho da eterna salvação, os Santos Sacramentos, êsses meios de santificação deixados na Igreja pelo seu divino Fundador para acompanhar o homem desde o renascimento até ao último suspiro, desde o berço até aos umbrais do túmulo.

Entretanto, quanto ao sacramento santíssimo, o sacramento da Eucaristia, tem o teólogo vasto campo na filosofia para aí tomar a noção de substância, matéria e forma que, aplicada ao estudo dêste sacramento, racionaliza, por assim dizer, o seu conhecimento, e, esclarecendo-o, mais firma nêle a nossa fé e nos representa, se é possível, mais adorável o bondosíssimo Instituidor, que tendo-se oferecido em holocausto a seu eterno Pai pela salvação dos homens, e tendo operado o resgate e redenção da espécie humana pelo seu sacrifício de morte de Cruz, quis ficar com os homens para se lhes comunicar pessoalmente até à consumação dos séculos.

Outro ramo de estudos teológicos muito necessário e indispensável aos que se propõem ascender ao sacerdócio é a Teologia Moral, ou ética cristã. Se há ciência que necessária se torne ao bom desempenho do múnus sacerdotal, é indiscutivelmente a ciência dos costumes, que o sacerdote deve possuir, não só teórica, mas também praticamente. Não há, não pode haver duas opiniões sobre o valor da moral cristã; à porfia, exaltam a sua sublimidade muitos daqueles mesmos, que lhe negam a sua origem divina. Foi êsse código que adoçou os costumes, que fundiu os grilhões da escravidão, elevou da sua abjecção até às alturas da condição humana, que lhe competia, o escravo, nobilitando assim a espécie humana; santificou o trabalho, humanizou os tiranos, enfim, melhorou tôdas as condições sociais. É pois delicado êste estudo e cumpre que os alunos que o freqüentam, o façam com todo o cui-

dado. Aí se versam as questões tão debatidas da liberdade e responsabilidade humanas, prendendo-se assim êsses estudos com os de antropologia criminal, muito em voga, principalmente na chamada escola italiana. Aqui se estudam os requisitos dos actos humanos e o seu valor, confrontados com as normas, por que hão de pautar-se — consciência e leis.

Há, dentro mesmo das escolas de teologia católica, discordâncias, e é necessário conhecer o que está definido e regulado para o seguir, e no que é livre evitar o rigorismo e o laxismo, não complicar o que muitas vezes é de si simples, ou procurar simplificar o que se nos apresenta complexo, a fim de não gerar escrúpulos na consciência dos timoratos, nem dar ocasião de se tornarem menos respeitosos os que são atreitos a larguezas de paixões.

Para êsse efeito, é necessário que vos deis com afan a êste estudo, que muito servirá não só no exercício do sagrado ministério da administração do sacramento da penitência, em que tereis de dirigir consciências de diversíssima apreciação, mas também porque terá êle ainda, depois de terminado o vosso curso, longa aplicação nos exames a que vos submetereis, assim para irdes ascendendo nos graus da Ordem, como também nos de confessor, prêgador e concurso paroquial. Dissemos nos graus da Ordem. Devereis saber que a hierarquia eclesiástica se compõe, ou distribui por graus de ordem e de jurisdição; que há entre êles sábia e bem ordenada subordinação, da qual deriva a unidade, que deve reinar na Igreja e que Nosso Senhor Jesus Cristo quis que nela existisse; unidade não só entre o corpo docente e discente, como também entre êste — *que sejam um como nós somos um*, disse o Mestre Divino a seu Eterno Pai, fazendo votos por essa união de caridade que queria para os filhos, que deixava na terra.

Essa subordinação com os deveres e direitos correlativos aprende-se no estudo de Direito Canónico, que também se professa neste Seminário.

É atraente o estudo da constituição divina da Igreja, modelo da dos estados. Na cúspide, o supremo hierarca, Vigário de Jesus Cristo, primaz da Igreja Universal; depois vêm os diferentes graus, constituindo o todo uma sociedade perfeita.

Ora conhecer essa admirável constituição e os deveres e direitos que correspondem e competem a cada membro da sociedade,

é obrigação que não pode ser preterida por quem se destina a ser membro do corpo dirigente dessa sociedade. E como a maior parte se destina ao exercício do múnus paroquial, a todos cumpre estudar cuidadosamente a Teologia Pastoral, onde se aprendem os modos de cumprir os deveres dos curas de almas, os cuidados que no apascentamento da grei do Senhor devem ter aqueles a quem foi confiado êsse cuidado.

Vou agora, e por último, referir-me a uma disciplina, a que, por estar colocada no primeiro ano do vosso curso, poderia ter-me referido logo no princípio desta minha alocução: É a História Eclesiástica. Falo agora dela porque o seu estudo continua-se em todo o tirocínio teológico, pois que está relacionada com todos os ramos da teologia: a dogmática, a moral, o direito canónico. Lá vão aprender a evolução da doutrina, os erros que surgiram e que obrigaram a dar nova forma à exposição da ortodoxia; os concílios que os condenaram, as circunstâncias em que estes se celebraram, o que tanta luz lança sôbre a interpretação e melhor inteligência dos seus textos; ali vemos desfilar os sistemas vários de filosofia; ela nos mostra a influência que exerceram nos estudos eclesiásticos as condições diversas da Igreja no tempo e que aconselharam e determinaram a adopção de medidas disciplinares conformes a essas condições.

Ali encontramos os grandes exemplos, modelos a que devemos ligar a nossa vida; enfim, é o estudo mais fecundo, não só para auxiliar da teologia, mas ainda para o de tôdas as sciências sociais, porque a datar do facto inicial da revelação cristã, a qual é objecto capital do nosso estudo, a sua influência tem sido nas sociedades o elemento mais impulsionador e mais decisivo da civilização. Há mais: esta coincide com aquela e a história da Igreja Católica pode dizer-se que é a história da civilização de dezanove séculos, pois que regista o desenvolvimento dessa instituição divina na sua vida íntima e na das suas relações com as outras sociedades tanto religiosas como políticas e com estas em tôdas as manifestações e expansão de sua actividade. Grande interêsse vos despertará, pois, o estudo dêste ramo do saber e por isso a êle applicareis durante o vosso tirocínio todo o cuidado e estudo que merece.

Para que fiqueis entendendo o que sôbre êste assunto pensa

e recomenda quem, de par da autoridade doutrinal que possui pela sua situação na Igreja, de que é supremo hierarca, goza de autoridade sua própria e pessoal pela vastidão do seu saber, aqui me apraz repetir-vos as palavras do nosso amantíssimo Pontífice Leão XIII numa carta dirigida o ano passado ao Episcopado francês: «A história da Igreja, diz o Santo Padre, é um como espelho em que se reflecte a vida da Igreja através dos séculos. Mais ainda do que a história civil e profana, demonstra ela a soberana liberdade de Deus e da sua acção providencial no andamento dos acontecimentos; os que a estudam não devem perder nunca de vista que encerra um conjunto de factos dogmáticos que se impõem à fé e de que ninguém pode duvidar. Essa ideia directriz e sobrenatural, que preside aos destinos da Igreja, é também o facho cuja luz ilumina a sua história.

«Todavia como a Igreja, que é no mundo a continuação da vida do Verbo Incarnado, se compõe dum elemento divino e dum elemento humano, êste deve ser exposto pelos mestres e estudado pelos discípulos com grande probidade, pois, como diz Job: Deus não precisa de mentiras (Job XIII — 77). O historiador da Igreja será tanto mais forte em fazer sobressair a divina origem desta, superior a todo o conceito de ordem puramente terrestre e natural, quanto mais leal fôr em não dissimular as provações a que as faltas de seus filhos, e por vezes as dos seus ministros, sujeitaram a Espôsa de Jesus Cristo no correr dos séculos. Estudada assim, a história da Igreja constitui por si só uma concludente e magnífica demonstração da verdade e da divindade do Cristianismo.» Bastam estas palavras, partidas de tão alto e de tanta autoridade, para vos convencer ainda mais do empenho que deveis empregar neste vosso estudo.

Talvez eu dirigisse estas minhas considerações sôbre assuntos mais próprios para serem versados por professores, do que por mim que o não sou, nem fui; os que o são me desculpem de invadir domínio que pareceria vedado a quem não seguiu essa nobre carreira; foi meu intuito despertar a atenção dos alunos desta casa e empregar um débil esforço em os animar e estimular ao estudo. Melhor e com mais proficiência o farão nas suas aulas os respectivos Senhores Professores, que ao incentivo da sua palavra autorizada juntarão o incentivo mais eficaz dum exemplo

nunca interrompido de trabalho inteligente, fecundo, perseverante, que, não lhes tirando o seu merecimento pessoal, os coloca em condições de melhor desempenharem a sua nobilíssima função.

Estas qualidades de perseverança num trabalho inteligente e com vistas largas, como convém aos que se tendo ilustrado em cursos superiores são chamados a esclarecer, ilustrar e guiar espíritos que um dia — em breve — serão guias do povo cristão, se reconhecem no professorado dêste Seminário.

Se êste corpo docente carecesse de animação, que não carece, porque na consciência e nítida compreensão do seu elevado mister encontra base para estímulo e esforço, e as nossas palavras de aplauso para tanto pudessem acrescentar qualquer motivo, aqui lhas diríamos com a maior satisfação e do fundo da nossa alma agradecida.

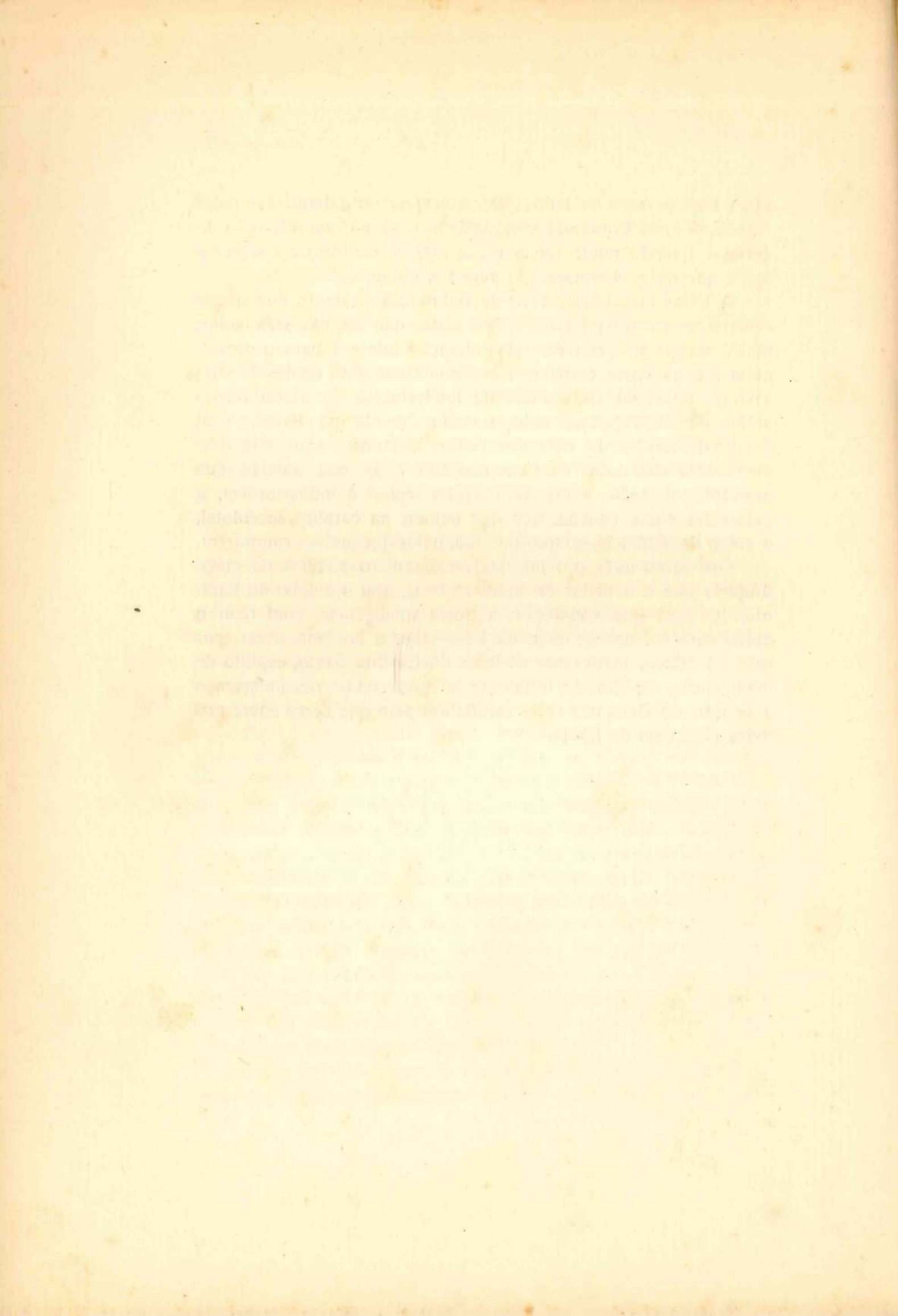
Senhores, hóspedes ilustres e ilustrados, recebei os nossos agradecimentos, não só pela aquiescência ao nosso convite, mas também porque a vossa presença veio trazer animação aos nossos alunos, de quem é principalmente esta festa. É, sim, senhores, é deles, porque vimos glorificar nos mais distintos os trabalhos realizados pelos nossos alunos no ano lectivo passado; e porque é deles, é também nossa, de todos nós; minha, porque é da grei em que deposito esperanças, em quem vejo os futuros auxiliares do árduo ministério que Nosso Senhor me impoz; é também vossa, mestres zelosos e amigos, porque no prémio conferido aos vossos alunos, vedes aureolados aqueles que são os vossos dilectos, e ao mesmo passo glorificados os vossos trabalhos; é também vossa, hóspedes ilustres, deixai-me assim dizer, é também vossa, porque, sendo generosos e ilustrados por sentimentos nobres, sentis satisfação e vos alegrais grandemente, vendo coroados de bom êxito todos os ideais nobres e grandiosos do trabalho de qualquer ordem que seja. Aqui consagramos o valor e o trabalho intelectual, e bem assim o mérito moral, que são os dois polos sôbre que gira a vida das sociedades — saber e moralidade —, e vós senhores, que apreciáis um e outra, acompanhais o vosso humilde Prelado nas alegrias do seu coração, neste momento em que vai galardoar os mais dilectos filhos desta casa.

A vós, queridos filhos, a vós nos queremos por último dirigir para vos agradecer a satisfação que nos dais com a vossa aplica-

ção e com o vosso cuidado, que mereceram ser galardoados pelos vossos mestres. Continuai sem vaidade e só por consideração do dever, e quando muito também por nobres rivalidades, a seguir a senda que dirige à consecução dum fim nobre.

A todos vós, filhos, sirva de estímulo o exemplo dos vossos camaradas e companheiros e ficai certos que vos não será indifferente, para a melhoria da vossa situação futura e para o prosseguimento na vossa carreira, a boa conta que aqui derdes de vós; as boas notas de aproveitamento intelectual e de procedimento moral que alcançardes, tudo o vosso Prelado ponderará, e se depois de sairdes da vista dos vossos superiores aqui, não desmerecerdes das notas de bom conceito e da boa opinião que houverdes deixado, antes continuardes, como é indispensável, a perseverar como convém aos que entram na carreira sacerdotal, o vosso Prelado será sempre por vós, pelos que melhor cumprirem.

Ora como nada por nós podemos sem os auxílios da graça dAquele que é o dador de todos os bens, sem o auxílio do Espírito de luzes que esclareçam a nossa intelligência, confortem o nosso coração, nos animem no bem saber e no bem obrar, por isso, há pouco, invocámos as luzes do Espírito Santo, espírito de intelligência, espírito de fortaleza; e agora sôbre vós invocámos a benção do Deus três vezes santíssimo para que desça sôbre nós todos para bem da Igreja.



O Congo, seu passado, seu presente e seu futuro

COMUNICAÇÃO À SOCIEDADE DE GEOGRAFIA DE LISBOA
NA SESSÃO DE 7 DE MARÇO DE 1889
PELO P.^º ANTÓNIO JOSÉ DE SOUZA BARROSO

MEUS SENHORES:

Observar os costumes, a religião, as instituições embrionárias, as tendências de raça e o modo de viver das populações africanas, demanda uma atenção, um estudo muito mais aturado e persistente do que à primeira vista se nos afigura.

O estado de civilização rudimentar em que neste momento histórico se encontram as raças negras, e talvez mais do que isso o largo período em que foram exploradas pelas raças brancas, tornou-as desconfiadas, a tal ponto que um preto julga uma má acção revelar ao europeu, ao branco, os factos mais triviaes e simples que tenham qualquer relação com a sua vida íntima e económica, social e política.

Eu penso, e sempre assim senti, que tôdas as notícias, que tôdas as informações, todos os estudos, por deficientes que sejam e incompletos, que se refiram ao clima, costumes e modo de ser das sociedades africanas terão sempre algum interêsse real, e prestarão, ainda que modesto, um subsídio apreciável para o conhecimento das coisas africanas, que sobremaneira devem interessar-nos a nós, os portugueses, que temos hoje vinculados ao grande continente africano os interêsses mais vitais e mais sagrados.

O missionário, pela sua posição singular e especialíssima no seio das raças africanas, pela doutrina que lhes anuncia e pela

confiança que lhes inspira, é, a meu ver, sem contestação, o indivíduo que melhor pode conhecer a raça desprotegida e aviltada, e o que melhor pode informar do seu actual estado. Deve, porém, ter bem impressa esta ideia capital: que não deve entusiásmar-se com pequenos resultados, muitas vezes só aparentes, nem deixar-se abater pelas dificuldades sempre grandes. No primeiro caso, teríamos informações dum optimismo sem critério, no segundo, um pessimismo desolador.

Ambos falsos, ambos funestos. Evitarei, quanto puder, um e outro.

Longe de mim a ridícula ideia de vir dar novidades ou ensinar qualquer coisa perante uma Sociedade de homens tão eminentes e versados em negócios africanos; o meu fim é simplesmente contar com singeleza as minhas impressões pessoais e, já que a Providência me não fadou para levar aos caboucos do grande edificio da futura civilização africana os enormes blocos, em que se deve firmar, carrear humilde ao menos o pequeno pedregulho, que também aí encontrará colocação.

Este modesto trabalho é dividido em três partes e tem como título: **O Congo, seu passado, seu presente e seu futuro.**

I — PRIMEIRA PARTE

Durante o meu tirocínio eclesiástico em Sernache do Bom Jardim no colégio das missões portuguesas, colégio para mim de inolvidáveis recordações, li incidentalmente alguns livros sobre assuntos africanos em geral e em particular sobre as antigas glórias nacionais. Aí passavam como meteoros luminosos, diante do meu entusiasmo de rapaz, os nossos ousados marinheiros, que ensinaram o mundo a navegar, que mostraram à Europa, estupefacta, não só os contornos dos continentes, mas as enseadas e baías do Atlântico.

Em seguida, eu admirava o *intimo consórcio da Cruz e da Espada* ⁽¹⁾, o *missionário e o soldado*, duas entidades que eu

(1) Estava já a imprimir este apêndice quando tive conhecimento duma publicação sobre *missões religiosas e ensino indígena*, tese apresentada ao 3.º Congresso Colonial Nacional em 1930, pelo Snr. Álvaro da Fontoura, capitão de



O ACTUAL REI DO CONGO COM OS MISSIONÁRIOS — PADRES PINTO,
MATIAS E FONSECA — E CONSELHEIROS

Publicou o *Missionário Católico*, do mês de Abril
passado, o grupo supra e entendi que também devia
ficar nas páginas deste livro, atestando a vitalidade
da missão de S. Salvador, onde se notabilizou o
Padre António Barroso.

F. P.

igualmente amava. A figura dum velho quebrado pela doença, arquejante de fadiga, e sentado à sombra protectora duma acácia, rodeado de neófitos, era para mim dum encanto extraordinário. Pois isso que me elevava a alma e que tinha alguma coisa de fantástico e sublime teve uma realidade; o missionário português foi tudo o que eu sonhava e foi ainda mais. Esta segunda parte só a conheci quando tive de tragar o fel da ausência da pátria na soledade do sertão, aguilhoado pelo desconforto.

Reagi, e aí daquele que se deixa esmagar pelo desalento!

O audaz explorador Henrique Stanley descia o Congo em 1877, tendo resolvido, em parte, ao menos, graves problemas hidrográficos da África central; feita uma peregrinação de reclamo pela Europa, voltava ao Congo em missão especial e misteriosa. O governo português que, desde 1846 era impedido na sua expansão ao norte do Ambriz por quem nos devia auxiliar, sobressaltou-se. Daqui a insinuação ao rev.^{do} bispo de Angola D. José Neto, actual Patriarca de Lisboa, para que se organizasse e partisse para o Congo uma missão religioso-política, que restaurasse a nossa influência combalida pelas intrigas de estrangeiros pouco escrupulosos e sobretudo pouco reconhecidos. Governava a província o ex.^{mo} conselheiro Eleutério Dantas, carácter nobre, alma de boa ténpera, mas que conhecia do sertão tanto como o snr. bispo, como eu ou como os meus companheiros. Daqui uma péssima organização da expedição que devia levar ao rei do Congo os presentes que lhe enviava Sua Majestade El-Rei de Portugal.

Eu tive de vencer uma grande dificuldade em Luanda para persuadir que devíamos subir o Zaire até o Mussuco ou Noki e

Engenharia. É um brado eloquente, mostrando que o melhor agente civilizador nas colónias portuguesas é o missionário católico. A pág. 18 diz, transcrevendo o Snr. Hipólito Raposo: «Sobre a glória do apostolado do Padre Barroso, cuja figura e alma deixaram lenda no Congo, descem sombras de esmorecimento, enquanto o nosso domínio vai abdicando, ao uivar das cobiças alheias. Mais que as canhoneiras e desembarques demonstrativos, valeu um dia o coração intrépido do futuro Bispo do Pôrto, armado apenas com a sua cruz de missionário, que lhe alentava no peito o espírito de sacrifício até ao martírio, atravessou e reabriu à penetração portuguesa a linha Zaire-Sembe, antigo caminho para Luanda, por então ladeado de perigos e traições pelos ressentimentos insubmissos dos Musurongos...»

que dêste ponto é que devíamos partir para a velha capital do Congo. Êste itinerário tinha sôbre o do Ambriz duas vantagens: a primeira era ser mais curto o trajecto a fazer a pé e conhecermos essa região de Noki na margem esquerda do Zaire a S. Salvador; a segunda era evitarmos os povos que tinham sofrido com as nossas últimas campanhas do Bembe, e que de modo algum nos receberiam como bons amigos.

Dir-se hia que, enquanto ao tempo, a capital do Congo distava de nós, pelo menos dois alentados séculos. Em Luanda falava-se em S. Salvador do Congo, como do Muata Cazembe, e ninguém atinava em fazer uma indicação razoável, porque realmente nada sabiam do que se passava no interior, ao norte do Ambriz. E a verdade é que poucos anos mediavam entre a retirada das nossas tropas daquela região, um passo altamente impolítico, a meu ver, e o ano a que me estava referindo — 1880. Como em S. Salvador devia haver igrejas derrocadas para atestarem a valentia dos elementos destruidores nas regiões equatoriais e também a nossa incúria e desleixo pelos legados venerandos dos nossos antepassados, um dos artigos das minhas instruções rezava que o superior da missão requisitaria do rei do Congo pessoal e material adequados para serem reedificados êsses templos ou pelo menos alguns. Em ordem a conseguir-se êste louvável desejo eram adidos à missão dois carpinteiros, um europeu, outro indígena, e como material, de pregaria levavam 2 quilogramas! Dois pedreiros indígenas sem ferramentas completavam o pessoal trabalhador da expedição. O capitão Mena e outro oficial, o guarda-marinha Mota e Sousa, o rev.^{do} Sebastião José Pereira, o rev.^{do} Joaquim Folga e eu dávamos a última demão às nossas pobres malas, e, dado o último apêto de mão aos companheiros e amigos, entrávamos na baía de Luanda para a canhoneira *Bengo*, da marinha real portuguesa, no dia 20 de janeiro de 1881.

A bordo só encontrámos verdadeiros amigos. A canhoneira levantou ferro e eu fui examinar a costa. Grandes barreiras cortadas quási a pique, apresentavam as camadas geológicas mui distintas, predominando a côr amarelada e a cinzenta. Num ou noutro ponto divisávamos uma praia de areia e uma vegetação pouco abundante, que vai crescendo à medida que caminhamos para o equador.

.....
 (Segue a história das missões no Congo, o Congo actual,—
 mas não é possível a sua publicação, porque são duas partes
 muito extensas).

TERCEIRA PARTE

Será sempre uma empresa difficil, laboriosa e erichada de espinhos e grandes sacrificios, arrancar às trevas da selvajaria e do preconceito, uma sociedade primitiva e embrionária, e fazê-la gozar, mesmo contra sua vontade, dos benefícios duma sociedade organizada, polida e perfeita.

As grandes glórias nacionais, como as individuais, os grandes prémios conferidos aos grandes esforços, só os dá a história aos que se sacrificaram por algum grande princípio que impulsionou a marcha da humanidade para o seu fim supremo — a perfeição.

Grande honra, pois, caberá ao povo português, honra que nem a inveja de estranhos, nem o despeito dos mais fortes, fará murchar, quando na África tiver implantado a sua religião, as suas instituições, a sua língua, os seus costumes e toda a sua civilização.

Para realizar esta grande e legítima aspiração é preciso que a santifiquem os esforços, mesmo à custa de grandes sacrificios, de toda a ordem, é preciso toda a coragem de que são capazes as nações; é, sobretudo, necessário esclarecer e interessar nesta cruzada santa da civilização africana todas as camadas sociais, desde o alto funcionário até ao último habitante da charneca. Para se obter este resultado, é bom o livro, o folheto, o artigo da imprensa diária, a conferência, todos os meios que conduzirem ao grande fim: cristianizar as raças pretas, civilizando-as.

Que direitos podemos nós, podem todas as nações coloniais, apresentar como títulos legítimos para a posse de suas descobertas e conquistas, a não ser a de as civilizarem, enriquecerem e tornar felizes os seus antigos possuidores? Não conheço outros.

O problema da civilização da nossa África é muito complexo e grande número de factores harmónicos devem concorrer paralelamente para a sua resolução definitiva. Um desses factores é, e creio que ninguém o negará, o elemento religioso, que terá sempre uma importância decisiva na educação dos povos.

Restringirei, quanto me fôr possível, as minhas observações a este ponto por ser aquele que melhor conheço, deixando outros, bem importantes também, sobre os quais não tenho a luz suficiente, aos homens de boa vontade, que os poderão tratar com fartura de conhecimentos teóricos e práticos.

*

* *

Julgo que ninguém de boa fé porá em dúvida os serviços que podem prestar e realmente prestam à civilização africana, as missões religiosas; poderá, porém, haver divergência no modo de tornar mais profícuos e eficazes êsses serviços e, conseqüentemente, os sacrifícios a que obrigam.

O honrado Marquês de Sá, que durante uma longa vida lutou enèrgicamente a favor dos infelizes africanos, conseguindo em fim que fôsem quebradas as cadeias infames que estrangulavam a liberdade de milhares de homens, cujo crime era serem pretos, opina que uma boa remuneração pecuniária atraíria às missões de África abundância de missionários. Tenho outra opinião e estou certo de que o missionário levado à África com a mira única nos bons ordenados seria inútil, ou, pelo menos, pouco proveitoso, talvez até nefasto.

Parece mais deduzir-se do seu livro notável, *Trabalho rural africano*, que se pode civilizar primeiro e cristianizar depois. O cristianismo nas terras africanas há de propagar-se com a civilização.

Na minha humilde opinião seria mais lógico dizer: nas terras africanas com o cristianismo entrará a civilização. Efectivamente é assim. Onde penetra o cristianismo surge o trabalho, o amor entre os homens, enfim, a luz e a liberdade.

As verdadeiras missões religiosas na África datam de eras recentes; os resultados obtidos até hoje provam-nos exuberantemente o muito que colheremos de bons frutos se as animarmos com ardor e as dotarmos com largueza habilitando-as a fazerem uma rasgada propaganda cristã e portuguesa. Onde elas tomarem pé não haverá mais rebeldes e os nossos soldados não serão desapiedadamente trucidados pelo indígena, que vê neles usurpadores, como tem acontecido na Guiné e em Moçambique. Onde elas tomarem pé será repelida a propaganda estrangeira dos aven-

tureiros de tôdas as ordens, que empregam contra nós tôda a influência de que dispõem, para derruírem o prestígio que temos adquirido à custa de grandes sacrifícios entre os indígenas.

Uma nação eminentemente colonial, como a nossa, com vastos territórios nas duas Áfricas, não pode ficar indiferente perante êsse enorme movimento europeu que se irradia no vasto continente africano. Tôdas as nações europeias que possuem colônias têm o padre, o frade, o amigo nato dos desprotegidos, do africano, portanto, para que, junto com o lábaro da redenção, leve ao centro da África os seus costumes, a sua língua, as suas leis, e até o seu comércio e as suas ambições, nem sempre justas.

Lembremo-nos pois, senhores, que tôdas essas nações concorrentes têm mais ou menos inveja do legado que tantas e tantas vidas custou aos nossos heróicos avós. Lembremo-nos de que elas se aproveitam largamente dum meio de civilização poderoso, de que nós também podemos lançar mão, mas que temos até agora quasi desprezado como um brinco de crianças. Para mim, não é uma lisonjeira utopia a formação duma *nova lusitânia* na África: — o grande ideal desta sociedade. Temos ainda o pulso vigoroso para levantarmos um novo Brasil. É preciso, porém, não descansar; o período agudo da nossa doença de indiferentismo parece agravar-se, e, se lhe não acudirmos com pressa, tudo se perderá.

Desmintamos por uma vez essas calúnias, a que temos dado aparências de verdade, de que somos um povo incapaz de colonizar; que temos dado tôdas as provas possíveis de incapacidade colonizadora; desmintamos por uma vez tôdas essas calúnias, repito, sufoquemos duma vez êsse grasnar de aves de mau agouro, que profetizam a nossa ruína, e levantemo-nos como um só homem para tomarmos conta da nossa rica herança nas terras de além-mar, aceitando com coragem todos os encargos que ela nos impõe. Criemos as missões, e teremos dado um grande passo no caminho do progresso colonial. Bem sei que as missões só por si não são suficientes para salvarem as nossas colônias; são, porém, uma grande garantia de segurança interna das mesmas e auxiliarão poderosamente todos os melhoramentos que as devem acompanhar.

Mas, senhores, para criarmos missões é preciso termos missionários, e são êsses exactamente que nos faltam; — é doloroso,

mas é preciso reconhecê-lo. É esta uma questão importante e cheia de espinhos. Eu direi o que penso a êste respeito; não desejo ofender pessoa alguma e procurarei evitá-lo; se o não puder conseguir a culpa não é minha, acima de tudo está o nosso irmão africano, êsse pária que é preciso regenerar pela religião e pelo trabalho.

A África não é a Ásia nem a América; o missionário africano do século xix não pode ser talhado nos moldes em que o foi o do xvi e xvii na Ásia; um abismo de diferença separa os dois continentes. Ali prégava-se a doutrina santa do Evangelho, e uma força divina e irresistível atraía êsses povos para as grandes verdades nele contidas. Na África o missionário empregava iguais esforços, e a mesma semente de doutrina não produzia senão frutos raquíticos e sem aroma.

Donde provém esta diferença? Da doutrina? Não. Do missionário? Também não. Provém do meio. E porque se não atentou a êste, as missões africanas não corresponderam, e ainda hoje na África há muitos baptizados, mas pouquíssimos cristãos dignos dêste nome.

O missionário africano actual deve levar ao indígena desconfiado e estúpido, numa das mãos a cruz, símbolo augusto da paz e da fraternidade dos povos, e na outra a enxada, símbolo do trabalho, abençoado por Deus. Deve ser padre e artista, pai e mestre, doutor e homem da terra; deve tão de-pressa pôr a sua estola para confortar com a esperança eterna o padecente nos estertores da hora extrema, como empunhar a picareta para arrotear uma courela de terreno; deve tão de-pressa fazer uma homilia, como pensar a mão escangalhada pela explosão duma espingarda traiçoeira.

As aptidões, porém, do homem são tão limitadas, as doenças africanas prostram com tanta violência e o tempo corre tão veloz para o missionário que impossível nos é exigir tantos serviços dum só homem.

Que remédio então? O remédio é estabelecer centros principais de missões, nos lugares menos insalubres e dotar êsses centros com um pessoal suficiente. *O remédio é a congregação* ⁽¹⁾,

(1) No diário do Snr. D. António há a seguinte nota interessante: «1-7-93... Vou mandar o Padre Pinheiro ao Natal para visitar a missão dos Trapistas que é

em que os membros sejam ligados por meio de laços morais que sustentem a coesão desses membros, pelo menos o tempo preciso para que os trabalhos empreendidos com sacrifícios e enormes perdas não sejam baldados. Se não soar bem aos nossos ouvidos delicados de meridionais a palavra «*congregação*», invente-se outra, por exemplo «*instituto geral das missões portuguesas*». Inventaram-na já os homens patriotas e insuspeitos que formavam a primeira comissão das missões. Repugnam os votos perpétuos, a nós, pouco acostumados a permanecer na mesma opinião? Pois sejam temporários; atendendo, porém, sempre a que o missionário que vai para as missões por uns certos anos precedentemente determinados numa lei, é pouco profícuo; será uma máquina de fazer civilização por contador.

Em geral, o missionário, ligado ao seu instituto, sabendo que terá sempre garantido o seu futuro na velhice e nas enfermidades, trabalhará todo o tempo que lhe fôr possível e terá a consolação de ver, quando cair extenuado pela fadiga, que um outro irmão continua a sua obra e a sua memória no caminho do bem e da paz.

Assim obteremos missionários experimentados, que transmitirão, com os seus ensinamentos, os costumes, as virtudes e o conhecimento dos vícios dos povos onde por muitos anos têm residido, aos missionários que os hão de substituir, quando a doença ou a morte os tiverem pôsto fora do seu lugar de honra.

Pelo sistema actual não passamos de ter missionários sem tirocínio; não há unidade de vistas, o que um julga óptimo meio de propaganda, o outro julga detestável; e, pior ainda, quando um morre, leva tanto tempo a substituição, que tudo que êle fez

uma maravilha, e mais se aprende assim em 8 dias do que em 3 anos por si só; vamos a ver se tiramos algum resultado de todos estes trabalhos».

O Snr. D. António empenhou-se em fundar na província de Moçambique uma missão de Trapistas. As negociações correram bem, mas só se tornou efectiva a missão em 1908; durou pouco.

Sobre o funcionamento e importância das missões dos Trapistas na África do Sul, há um curioso relatório na revista «Portugal em África», 1896, ano 3.º, pág. 94. Lá se diz: «É negócio resolvido a criação duma missão de Trapistas em Moçambique. Será estabelecida no planalto de Manica. A situação é excelente e muito há a esperar dos esforços desses exímios civilizadores».

se perde nesse intervalo. Mais. Que incentivos tem actualmente o missionário para trabalhar? Únicamente a caridade.

E, neste estado, não será para recear que o missionário afrouxe no seu zêlo, pensando todos os dias que em pouco tempo pode ficar inutilizado, e, portanto, em luta aberta com a miséria, tendo, para o consolar, apenas a amarga esperança duma cama no hospital? Não será uma cômputo de 350\$000 reis, como têm os missionários de Angola, um incentivo para nada gastar em propaganda religiosa e deixar-se cair numa vil dependência dos míseros indígenas que êle devia dirigir?

Como há de atrair os pretos à sua escola e à catequese, se êle não os pode vestir nem alimentar, condição indispensável pelo menos nos lugares onde eu tenho missionado? Eu não venho aqui pedir riqueza, nem para mim nem para os meus colegas, que também a não desejam; não me faria missionário, e muito menos na nossa África, se fôsse êsse o motivo que me animava. Venho simplesmente chamar a atenção desta ilustre Sociedade para um estado de coisas que não deve continuar, que exige do missionário enormes sacrifícios sem resultados nem para êle, nem para a religião, nem para o bem das colónias.

Organizemos uma *congregação* ou *um instituto de missões portuguesas*; temos para isso um núcleo em Sernache do Bom-jardim, à frente do qual se encontra um homem tão ilustrado e trabalhador como o snr. dr. Boavida ⁽¹⁾. Pode acaso recear-se a

(1) Por várias vezes foram nomeadas comissões para estudar êste assunto. Uma das mais importantes foi nomeada pelo ministro Eduardo Vilaça, em portaria de 19 de Dezembro de 1899, presidida por D. António Barroso, já bispo do Pôrto. Entrava também o superior de Sernache, Cónego Boavida. Era bastante numerosa a comissão, o que representava já um obstáculo para resoluções úteis.

Do colégio de Sernache saíram missionários importantes, mas ouvi muitas vezes dizer que a formação não era adequada às missões e, *sobretudo, eram insuficientes em número.*

Não havendo, pois, missionários suficientes, nem religiosos portugueses, *a solução era chamar e proteger missionários estrangeiros.* Contra esta corrente saiu à estacada o Cónego Boavida. A êste respondeu o Conselheiro Barros Gomes, em dois discursos nos dias 20 e 25 de Abril de 1893, na Sociedade de Geografia. Já em 1890 fôra debatida a questão no parlamento. Deve referir-se a esta polémica a seguinte página que se encontra no diário do Snr. D. António Barroso:

- 24-2-75 -

Famos para o culto que é uma pegada,
na casa, porém muito bem arranjada
e uma magnífica situação junto
ao mar. Olli almeida com o nome
Cecilia e os filhos ainda vivem em
pequenas mas boas. Aqui e depois
do de momento do meu pai, que
que o Sr. Patriarcha temendo que
que os seus arranjos de negócios
nos mandam a todos os outros.

já lá deixei negócios para que
sejam os meus futuros. De Lisboa
nos devem respeito; isto é
que isto de países nos dá a
peça. São sempre assim.

Partimos pois de Lisboa no dia 10 de
Fevereiro e depois de uma viagem sem
nada de chegada a Lisboa em 28
de ~~Março~~ chegada. Havia de tarde de
mas a hoje pela manhã chegamos a
Amsterdã. É uma terra com
um pouco mais alta, tem uma
misericórdia católica de Espírito Santo,
uma paróquia alemã e outra
inglesa. Olli está ainda a fazer
que fez a União da Grã-Bretanha e as suas
crianças das paróquias. Estes são
deixados entre os outros de paróquia.
Do Inglês e capelães por uma
paróquia, e outros ainda com
a bandeira, mas para que é só
isto. O kisp comment, vigas e
olhos de vidro já estão para a Europa.

falta de vocações? Impossível; pois os descendentes dos grandes missionários que honraram êste abençoado torrão, levando o seu nome a todos os pontos do globo, já não sentem o entusiasmo do sacrifício pela sua Religião e pela sua Pátria?

Pois os descendentes dos que levaram à capital da China e às costas do Japão a cruz com a alta astronomia e a imprensa, os descendentes dos que congregaram em aldeias, modelos de repúblicas, as tribus selvagens da América, não terão a coragem de ir implantar a santa cruz abençoada, nos sertões africanos, mais humildes e menos selvagens? Impossível. Contra essa suposição protestam todos os dias os muitos pretendentes à entrada no colégio das missões. Contra isto protestam todos os meus colegas que estão prontos a passar a vida na África, quando não temerem morrer de fome na Europa. Contra isso protesta a nossa dignidade

« 20-6-93. — O tempo aqui está muito bom, quasi temos frio de noite. Vamos ver se é possível fazer alguma coisa durante o tempo que a Providência nos conceda e que permita seja ocupado no seu serviço. No último correio, que ainda recebi em Moçambique, vinha para mim uma carta do Boavida em que me pede para o auxiliar na campanha em que está envolvido como em 1890 contra os que dizem que os nossos missionários são insuficientes, e isto a propósito da discussão do parecer sobre missões da sub-comissão africana. Desde que vim de Lisboa nunca o Boavida se lembrou de me escrever apesar de lhe ter escrito 4 vezes e só agora que se meteu numa camisa de 11 varas, numa questão de que nada percebe, é que deseja que o vá defender ou as missões portuguesas que não existem, sendo certo que o parecer da sub-comissão africana em nada ataca os nossos missionários, sendo até benevolente para com eles. Resolvi pois não lhe responder, fico à minha vontade e o Boavida também, porque eu teria de lhe responder dum modo que não lhe servia. Como seguem, as coisas do colégio que o Boavida dirige não vão bem... E é com estes elementos que querem impedir que os outros façam missões?! Que estudem primeiro e depois então dirão alguma coisa sobre o assunto; enquanto o não fizerem é melhor estarem calados ».

Afinal, em tudo isto, havia um mal entendido, caturrice ou opinião antecipada contra as ordens religiosas.

A seara não tem limites, abrange campos onde podem trabalhar milhares e milhares de operários e Sernache não podia atender senão a uma diminuta sementeira. Nem pela qualidade e muito menos pelo número podia o colégio das missões mandar missionários suficientes.

Havia uma revista «Clero Português», dirigida pelo Padre Manuel Dámaso Antunes que não agradava ao Cónego Boavida e por isso êste publicou outra que intitulou, «Anais das Missões Ultramarinas» imprimindo-lhe o seu modo de pensar —pensar acanhado ao desenvolvimento das missões e à sua boa organização.—F.P.

de nação colonial, habituada às fadigas de além-mar; contra isso protesta, enfim, tôda a tradição da nação portuguesa.

Organizemos, pois, êsse *instituto*, e se essa organização não puder ser mais perfeita, seja ao menos modelada pela do seminário de S. Sulpício em Paris, que fornece bons e muitos missionários às missões estrangeiras. Dotemo-lo com meios suficientes para um pessoal avultado; interessemos nesta grande obra a caridade do país, que, assim como socorre as missões em países não portugueses, com mais razão ainda o deve fazer a favor dos pretos, nossos irmãos abatidos é verdade, mas que têm direito ao nosso amor e solicitude até porque a sorte os fez portugueses.

*

* *

Fazendo isto teremos ainda a nossa obra em meio, e é urgente concluí-la. É indispensável uma *congregação de irmãs educadoras*. Sem elas os resultados dos missionários serão sempre efêmeros, pouco sólidos e não atacarão o mal na sua origem.

O colono do Congo há de ser o mesmo Congo, já disse esta verdade; é, pois, indispensável educá-lo para êste fim. Essa educação, porém, será incompleta se não abranger os dois sexos; é urgente formar a família cristã na África, onde não existe.

De que aproveitarão todos os esforços dos missionários para educarem o preto, se a mulher dêste, se a mãe dos seus filhos continua na abjecção da poligamia? De bem pouco. A mulher do Congo tem aptidões mais pronunciadas para entrar num franco caminho de progresso do que o preto. Ama com exagêro os seus filhos, é terna para com êles e tem embrionariamente tôdas as boas qualidades da mulher civilizada. Gosta de saber e empenha-se para êsse fim; é mais religiosa que o preto e tem, como enorme vantagem sôbre aquele, os hábitos e mesmo a dedicação ao trabalho.

Com tais predicados será, se não fácil, ao menos muito possível, fazer dela a boa espôsa, a boa mãe, a boa dona de casa, enfim, a boa companheira e não a fêmea do homem, como o é actualmente.

Abri em S. Salvador uma escola para as raparigas indígenas, escolhendo uma hora adequada para que depois de regressarem

das suas plantações pudessem freqüentá-la; o resultado ultrapassou a minha expectativa: um grande número se matriculou, e ali aprendiam a doutrina cristã e a ler.

Era o que razoavelmente lhes podia ensinar, mas não é com certeza aquilo de que elas mais necessidade têm de saber. Pouco importa que a mulher do Congo não saiba ler, o que é preciso é que conheça os seus deveres de mulher cristã; o que precisa saber é o modo como com seus pequenos recursos deve governar a sua casa, o que precisa saber é preparar a roupa, com que deve cobrir a sua nudez, o que deve saber é como há de tratar do seu marido e dominá-lo para o bem.

Ora, tôda esta instrução, que é a única que por enquanto lhe pode ser proveitosa, só outra mulher lha pode ministrar; e essa outra mulher só pode ser a irmã educadora, cheia de dedicação, animada por uma fervorosa caridade, que se transforma em mil sacrifícios para nobilitar e engrandecer a sua irmã africana.

Em poucos anos, em volta duma missão surgirá uma geração nova, verdadeiramente cristã, laboriosa e feliz. As aptidões da africana serão estudadas cuidadosamente, e ela, hoje estúpida e bronca, será costureira, será a dona da casa, será, enfim, um instrumento de civilização poderosíssimo.

As irmãs educadoras, pelas circunstâncias económicas em que costumam viver, não sobrecarregarão muito a instituição, sendo contudo preciso aumentar-lhes tanto mais as garantias, quanto maior é a sua fraqueza, já para resistirem às intempéries, já para viverem nos sertões.

O preto do Congo designa as irmãs por *mulheres padres* e terá por elas o mesmo respeito e acatamento que tem pelos missionários.

Como já disse, a falta dêste elemento nas missões antigas, manifestou-se claramente nos pequenos resultados que delas pro-manaram. Se, pois, novamente nos não queremos arriscar a um insucesso, criemos junto de cada internato de rapazes dirigidos pelos missionários, o internato para raparigas dirigido pelas *irmãs* educadoras, e assim completaremos a obra da regeneração do preto, criando a família cristã, base de tôda a sociedade bem organizada e próspera.

Mas ainda não é tudo; as nossas missões precisam de um

novo elemento, além dos mencionados; necessitam do irmão leigo, do lavrador, do artista.

Estes não devem, no meu entender, formar um corpo à parte, um apêndice; devem fazer parte da *congregação* ou *internato*. O seu futuro será garantido como o do missionário, a sua educação deve ser animada e aquecida com as mesmas regras, os mesmos deveres. O amor para com o indígena deve animá-lo tão intensamente como ao missionário presbítero. Se não fôr educado no mesmo meio, se não tiver o mesmo amor entranhado pela missão de que êle é membro, o seu sacrifício será inútil e prejudicará muitas vezes.

Se a estes obreiros do progresso e da civilização faltar o fervor religioso e afrouxar a caridade, que tudo sofre, para educar o selvagem, a sua obra será fria e morta e os resultados hão de ser fatalmente pobres e escassos.

É por estas razões *que eu creio pouco em missões leigas*, não negando, contudo, que alguns serviços podem prestar, se houver rigorosa escolha no seu pessoal. Há de ser difícil encontrar homens que sofram de boa mente aos indígenas o que o missionário lhes sofre, esperando apenas dêesses sacrifícios uma recompensa que nem as invejas, nem a maledicência, nem tôda a malícia dos homens lhes pode tirar, uma recompensa além da vida das misérias, das paixões ruins e dos despeitos; enfim, uma recompensa que só receberá quando soar a hora do descanso.

Com três padres e três irmãos leigos podem fundar-se em África missões modelos.

Actualmente, todos estão convencidos de que as missões sem trabalho não podem dar resultado; o missionário isolado e só, na África, pouco pode fazer de bom. Morre de nostalgia e aborrecimento; o preto que ouviu a sua catequese, mas que não comprehende as verdades que lhe são reveladas, vem um dia por curiosidade, mas não volta. No fim de dez anos de catequese, por êste sistema, estará tão selvagem como no primeiro dia; continuará analfabeto, vicioso e bêbado como dantes. Apelo para os que conhecem um pouco da África; será o preto de Luanda mais morigerado hoje do que o era há cem anos? Duvido.

O primeiro cuidado das missões deve ser a agricultura; nunca será próspera uma missão que tenha de importar tudo o que con-

some. Da agricultura tira logo três resultados capitais: aliviar as despesas, ensinar os hábitos de trabalho ao indígena, introduzir novas culturas e processos no país, que em pouco tempo serão seguidos pelo indígena, suficientemente observador para tirar os corolários lógicos destas inovações.

Na missão que dirigi sempre tive a peito este ramo de serviço, e, se não tirei todos os resultados desejados, foi isso devido à falta de pessoal dirigente; consegui contudo que os mesmos indígenas trabalhassem e vissem os bons frutos que do trabalho se derivam. Este importante ramo de serviços pode ser desempenhado perfeitamente por um irmão leigo, que prestará tão bons serviços como um presbítero. Em seguida vêm os oficiais mecânicos, que as missões devem animar, já para se protegerem a si mesmas, já para que os indígenas aprendam para seu proveito e bem-estar.

O preto no Congo ainda hoje fabrica a sua cubata como a fabricou o seu avô no tempo em que invadiu estas províncias; e como poderia êle mudar, como poderia aperfeiçoar-se, se nunca lhe ensinaram a desbastar um tronco, se êle nunca viu um esquadro, se êle nunca soube como se lançava um prumo?

Vá o irmão leigo ensinar-lhe tôdas estas cousas e veremos que, em poucos anos, no lugar de trinta *chimbeques* de palha, surge como por encanto a casa confortável, que o garantirá do frio, cacimba e das pesadas chuvas.

Enfim, a missão deve ser uma escola completa, onde com o pão do espírito se ministrem os elementos de prosperidade material dos povos. O estado actual das raças do Congo, e o mesmo se pode afirmar de tôdas as africanas, não comporta uma alta cultura intelectual, que em lugar de beneficiar o indígena lhe seria prejudicial. De que nos serviria ministrar ao indígena uma instrução aprimorada e desenvolvida, se o meio social em que a natureza o colocou lhe não permite, por enquanto, o passar de um artista, de um pequeno lavrador ou de um medíocre negociante?

Que saiba bem a nossa língua, ler e escrever correctamente, com uns princípios de aritmética e história natural, e ter-lhe hemos dado o que êle mais precisa para o espírito. Seja lavrador, artista ou pastor, e terá tudo o que lhe é preciso para o corpo.

Compreendo assim as missões na África e penso que todos me acompanharão nesta maneira de vê-las.

Se as criarmos, veremos como terminam revoltas, como o preto nos é afeiçoado, como as nossas colônias prosperam e como teremos no fim dalguns anos modificado profundamente a sociedade indígena, trazendo-a ao cristianismo, ao progresso, à civilização, e, enfim, a tôdas as aspirações justas das sociedades adiantadas.

II

Pela exposição resumida que fiz das condições climatológicas (1) do Congo, será fácil deduzir que as missões, principalmente no norte da província de Angola, terão sempre a lutar com um inimigo terrível, que resistirá aos esforços e energias das raças europeias, o clima; seria ilusão ocultar esta circunstância, que desempenhará sempre um lugar importante no número dos obstáculos com que é preciso contar para a civilização do Congo.

Êste obstáculo não é invencível debaixo do ponto de vista missionário. Os missionários que para ali enviarmos, continuarão a ser vitimados pelas febres, como o foram os das antigas missões. Poderemos, porém, e deveremos até, na minha opinião, criar o clero indígena, que poderá resistir, com grandes vantagens sobre o europeu, à malignidade do meio climatérico. Esta vantagem e êste grande recurso não é invenção minha; há muito que os primeiros descobridores lhe reconheceram as vantagens. Um parente do segundo rei cristão do Congo D. Afonso, foi o primeiro bispo da ilha de S. Tomé e do Congo, o bispo titular de Útica. Em 1779, Martinho de Melo enviava ao Congo uma missão composta de vinte e dois missionários, um dos quais era o preto congo André do Couto Godinho, bacharel em cânones. Não posso afirmar que fôsse êle o chefe desta importante missão; alguns papéis que encontrei pertencentes ao mesmo autorizam até certo ponto esta suposição. Nos conventos, tanto de freiras como de frades, encontramos entre os seus membros os filhos do Congo. A ordem emanada do govêrno português, em princípios do século passado, para que fôsse criado na capital da província um seminário para a educação do clero indígena, seminário que,

(1) Omiti tôda essa exposição, que é de 5 páginas. — F. P.

ou nunca foi aberto ou, se o foi, com pouco resultado, mostram claramente a persuasão em que estavam os nossos antepassados (que tinham mais obras e menos palavras que os seus descendentes), que o preto podia ser padre.

Ainda que me faltassem estes precedentes a minha opinião seria a mesma. O preto congo, segregado desde pequeno do meio vicioso em que nasce e transportado para a Europa ou mesmo para uma região do sul menos insalubre e longe da sua, não só daria à raça tôdas as garantias exigidas de estudo, mas ainda as que se referem à moral e bons costumes.

Em S. Salvador, mandei muitas vezes alguns dos melhores alunos da missão a ensinarem a doutrina cristã às povoações vizinhas. É de-veras consolador observar o entusiasmo que os animava quando desempenhavam uma missão reservada de ordinário ao branco. Para obtermos, pois, os melhores propagandistas católicos entre os indígenas, duas condições essenciais são precisas e bastam: formar-lhes o espírito pela instrução e o coração pelo sentimento para os lugares em que nasceram, porque seria a família que os perverteria, inutilizando-os; segundo, agregá-los às missões dirigidas pelo missionário europeu. Debaixo da inspecção imediata dêste, com as suas boas qualidades de humildade e reconhecimento de maior capacidade no branco, estes missionários fariam milagres na educação e cristianização dos seus irmãos selvagens.

Conhecendo a fundo a língua do país, os costumes, as tendências dos seus compatriotas, estão aptos para serem os melhores evangelizadores não só do Congo, mas de tôda a África.

As febres que dizimam o europeu, as quais, quando o não matam, ao menos, o impossibilitam para desenvolver tôda a sua energia e vontade, encontrariam no missionário preto um zombador dos seus golpes, sempre apto a resistir incólume a tôdas as intempéries do clima.

As missões do Espírito Santo, que muito bem conhecem a vantagem que podem tirar dêstes missionários, educam-nos na África e, quando os supõem aptos, enviam-nos a Paris para estudarem a teologia e receberem as ordens sagradas.

O preto morre sempre por parecer branco; iniciando-o no sacerdócio, lisonjearíamos a sua vaidade em proveito da raça

preta, nosso e da religião. Ainda mesmo pelo lado económico êle seria vantajoso, e êstes mesmos sacrificios que nos impõem, seriam largamente retribuídos com óptimos serviços.

As nossas antigas missões do Congo decaíram completamente quando ainda tôdas as cidades, vilas e aldeias de Portugal regor-gitavam de conventos. Êste facto é muito importante e mostra-nos claramente que o Congo era temido dos institutos monacais por causa do seu clima.

Poderia parecer difícil obter candidatos já experimentados, com os quais se pudesse contar com certas probabilidades de bom êxito; esta dificuldade desaparece, atendendo a que êsses candidatos deviam ser tirados das missões que temos em África, como a da Huíla e Congo. Entre os mais distintos educandos dos internatos das mesmas deviam escolher-se os que mais garantias offerecessem de capacidade e deviam ser depois enviados à casa-mãe da congregação para que os educasse no espírito de desinterêsse, caridade e abnegação, tão indispensáveis a todos os sacerdotes e absolutamente requeridos no missionário. Na sua terra natal não seria possível a educação; para o demonstrar aí temos o seminário de Luanda, que até hoje nenhum resultado tem produzido. A congregação resolveria se convinha transportar o preto para o clima da Europa ou se seria mais vantajoso estabelecer uma casa filial na ilha de S. Tomé ou em Cabo Verde.

O ex.^{mo} sr. bispo de Angola e Congo está tão convencido desta necessidade, que se offerecia a educar à sua custa, para o estado eclesiástico, um dos pretos que me acompanharam a Lisboa; não foi porém possível, atendendo à idade já avançada do indigitado.

E porque não principiaremos desde já a ensaiar êste sistema que dará resultados? Porque, à falta de institutos mais apropriados a formar o clero missionário, não se mandam desde já alguns dèstes indígenas para os seminários que temos nos climas quentes ou muito temperados, como Cabo Verde, Madeira e Açores?

A mim, senhores, afigura-se-me tão óbvia, clara e vantajosa a criação desta milícia, como refôrço ao missionário europeu e sempre dirigida por êle, que só me admiro de que até hoje não tenhamos lançado mão dum meio fácil, a meu ver, e que dará um resultado magnífico, especialmente debaixo do ponto de vista das influências do clima.

bonum cum ha-
bunde capere non
posset. Investigato
cum & cum tempore
que tunc fuerunt.
Sicunt.

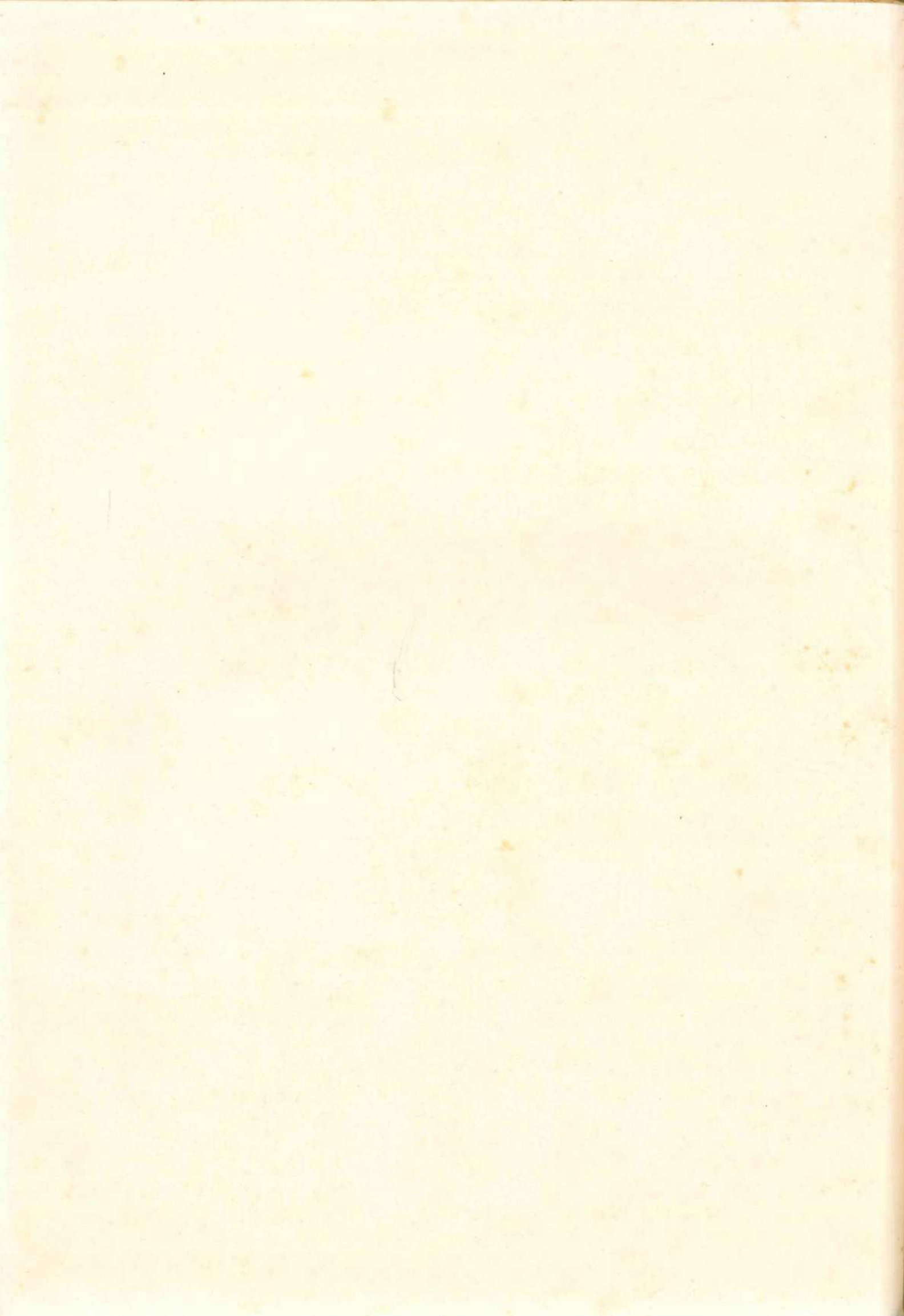
Deinde quia non
repperit & hoc Li-
vius - & Gellius di-
cunt. - nec paucos
nec paucos. Sed
si modo pauci & non
quonia[m]que non
hunc utat pauci.

to the barracks:

Dray's - the 4 months
confined & given S. 7 years
in total participation,
have been in company

M. D. H. - a

+ others, Big & Big



*
* *
*

Agora, senhores, permitir-me heis que resuma em poucas palavras o que mais diffusamente vos apresentei.

O Congo, grande império indígena na época da nossa descoberta, dissolveu-se de tal modo que se converteu em milhares de povoações por assim dizer autónomas e sem laços de dependência entre si.

Não creio que êste esfacelamento fôsse uma consequência dos nossos costumes e civilização ali introduzidos; tem-se observado o mesmo fenómeno onde nós não tivemos quasi influência alguma; onde estão hoje os impérios do Muata Yanvo e do Cazembe? Seguiram a sorte do Congo. Os clarões da civilização cristã e portuguesa, que os nossos heróicos missionários ali levaram à custa de mil sacrifícios, não puderam dissipar a densa névoa que envolvia a sociedade indígena.

Foram praticados heroísmos sem conto, mas para civilizar uma sociedade como a do Congo, entrincheirada no seu recinto de morte, não bastam sacrifícios heróicos; é preciso também o raciocínio e os meios adequados. Com as desgraças da mãe pátria, vieram as desgraças do Congo. Guerras sem fim, guerras de família, as mais terríveis em África, disputando a honra do mando, ensangüentaram por muitas vezes o país, e S. Salvador, a grande capital do tempo do esplendor, chegou a ficar deserta.

Os últimos representantes das raças europeias que lograram triunfar do clima retiraram para Luanda ou para a costa, vendo a região assolada e sem comércio.

As relações tão freqüentes e cordiais entre brancos e pretos quasi se cortaram e, quando mais tarde se tentou reatá-las, surgiram alguns atritos que felizmente foram removidos.

Em nossos dias voltaram à tela os assuntos do Congo; não o indígena, mas o europeu, negou-nos desalmadamente os nossos direitos; direitos exarados em todos os documentos históricos, direitos atestados nos escombros das nossas velhas igrejas, direitos proclamados nas cruces que implantámos nos confins dos sertões.

Concederam-nos ainda assim o favor de não nos arrebatarem tudo; devemos ser gratos por esta munificência!

O que nos resta é ainda muito; trabalhemos pois activamente

na civilização dêsses súbditos da coroa portuguesa, trabalhemos nos seus melhoramentos morais e materiais. Demos-lhes missões e com elas a felicidade e a paz. Em todo o vasto território ao sul do grande rio Zaire até Luanda, temos apenas três estações missionárias; isto é pouco, é quási nada. É urgentíssimo criar uma nova no Bembe, lugar onde ainda há poucos anos existia a sede dum concelho e a exploração dum rico minério, e hoje só existem ruínas e escombros. Criemos aí uma missão e depois dessa criemos mais algumas em todo o país, mandemos o padre e, mais tarde o soldado, se por acaso fôr preciso.

Temos de colonizar por evolução. É êste o caminho que convém aos nossos recursos e ao nosso grémio; apressemos, porém, essa evolução, e os sacrifícios que hoje nos custa serão retribuídos amanhã largamente. Salvemos o Congo da decadência a que chegou, pelo comércio que ainda produz e pela exploração do minério em que é rico. Um caminho de ferro de via reduzida do Ambrizete até ao Bembe seria de grande alcance material para tôda aquela região. Salvêmo-lo moralmente pelas missões, protegendo-as eficazmente, criando um pessoal que não temos, dispensando tôda a protecção aos institutos que ali desejem trabalhar a coberto da nossa bandeira.

Nunca nos arreponderemos do que fizemos pelas missões católicas nos nossos territórios de além-mar; dispersos por uma vez um montão de preconceitos que nos têm obrigado a adiar êste problema momentoso das missões, chamemos novamente ao Congo *o frade, o congregado*, todos os portadores da paz e do progresso; um govêrno forte tem sempre elementos para coibir abusos, se êles surgirem em alguma parte.

Tomemos para exemplo de tacto colonizador a nossa vizinha Espanha, que protege altamente as missões filipinas e recebe em troca a prosperidade material e moral dêsse arquipélago. Preparemos pelo W. de África uma forte barreira para opormos à influência árabe e maometana, que se alastra pelo oriente e pelo centro. A humanidade agradecida bem dirá o nome da nação pequena, mas briosa, que, tendo nos séculos xvi e xvii feito recuar as invasões dos turcos otomanos na Europa, pela guerra que lhes moveu nos estreitos da Ásia, mais uma vez conteve a barbaria árabe, que como a lava dum vulcão, ameaça assolar a África inteira.

DOM ANTÓNIO BARROSO

ORAÇÃO FÚNEBRE PROFERIDA NAS EXÉQUIAS CELEBRADAS NA IGREJA PAROQUIAL
DE REMELHE POR ALMA DO GRANDE E SAÚDOSO PRELADO,
QUANDO SE FEZ A TRASLADAÇÃO DOS SEUS RESTOS MORTAIS
PARA O JAZIGO-MONUMENTO

PELO

CÓNEGO CORREIA PINTO

5-XI-1927

Quos dedisti mihi custodivi.

Ego dedi eis sermonem tuum.

Guardei as almas que houveste por bem confiar-me.

Dei-lhes a tua palavra.

(S. JOÃO, XVII — 12 e 14)

EX.^{MOS} E REV.^{MOS} SENHORES ⁽¹⁾:

CRISTÃOS:

O grande Bispo de Meaux enviou um dia duas orações fúnebres ao abade de Rancé, venerável superior da Trapa, com esta dedicatória: « ofereço-vos essas duas orações fúnebres; creio que ficarão bem na cela dum solitário ».

Valem por uma admirável lição de eloquência cristã estas palavras dum prègador inspirado, dum mestre prodigioso.

A oração fúnebre deve copiar fielmente a serenidade, a frieza, a rigidez, o luto e o desengano da morte.

Deve exprimir severamente aquela verdade nua, descarnada, que os mortos, com o seu silêncio, com a sua lividez e com a sua imobilidade, estão sempre a dizer a tôda gente...

(1) D. Manuel Vieira de Matos, Arcebispo de Braga e D. António Barbosa Leão, Bispo do Pôrto.

Se assim não fôr, mal vai ao prègador que a faz e mal vai também às almas que a escutam.

Se assim não fôr, sucederá talvez haver ainda no púlpito, quem procure, mesmo diante da morte, tornar mais bela e mais sedutora a vida.

Que ninguém tente iludir-se com palavras mais ou menos brilhantes e lisonjeiras!

A vida é uma sombra que foge; o mundo é uma figura que passa.

E, para além da vida e do mundo, a alma fica, em plena eternidade, inteiramente à mercê da justiça e da misericórdia de Deus.

Tal é o ensinamento formidável, mas grandemente salutar, que a morte sugere e impõe à oratória cristã.

Dom António José de Sousa Barroso exprimiu no seu testamento a vontade de no seu entêrro não haver oração fúnebre. Aquela voz de além-túmulo, que o beneficiado Malhão supunha ouvir, nas exéquias do Conde de Barbacena, voz de alguém que lhe dizia: «ou me louva como cristão ou então cala-te!» ainda permitia o elogio ponderado, discreto, edificante.

Dom António Barroso, porém, não queria que, por forma alguma, depois da morte o louvassem.

Bispo dotado duma abnegação luzente e rara, pastor que se sacrificou heròicamente por aqueles que Deus entregara à sua solicitude, só queria paz para as suas cinzas e sufrágios para a sua alma.

Mais nada.

Era assim, ainda na morte, humilde e bom, pobre e simples como nos dias em que se criara aqui, no meio de vós, entre a graça de Deus e a graça da sua terra...

Não tinha mêdo da verdade; tinha mêdo da retórica artificiosa e vã, que nunca fala dos mortos sem pensar no louvor e no aplauso dos vivos.

Tinha mêdo do elogio pomposo, affectado, descomedido.

Receava talvez que a oração fúnebre não deixasse ouvir bem o *Miserere*, que é a grande palavra, a grande esperança dos mortos.

Se por virtude das determinações litúrgicas, não pudesse omitir-se a oração fúnebre, pedia então que o prègador falasse apenas dos deveres do episcopado. Dele, não!

O que importava sobretudo era dar aos fiéis, diante da morte, uma lição salutar.

Que todos soubessem as virtudes que devem constelar o sacerdócio na sua plenitude; que todos vissem a cruz peitoral a entranhar-se no coração do Bispo até o repassar inteiramente do gosto do sacrifício; que todos notassem como o poder, na Igreja, é, ao mesmo tempo, soberano e amável, hierático e humilde; que todos compreendessem bem o que simboliza a mitra, o que significa a cruz, o que representa o báculo.

O santo Bispo que fez esta disposição testamentária com uma singeleza tocante, estava longe de imaginar como era profundo, radicado e extremoso o amor que o povo lhe consagrava.

Contra o que êle previra, não foi a oratória do púlpito, foi o povo que lhe desacatou a derradeira vontade, incumbindo-se de lhe fazer espontaneamente a mais sentida, a mais bela e a mais comovedora de tôdas as orações fúnebres.

A eloquência de Bossuet teria remontado mais alto com as suas asas enormes.

Teria feito uma obra prima de fé, de pensamento, de emoção, de desengano e de arte.

Mas não seria tão sincera e condoída e patética, tão cortada de lamentos e tão ungida de lágrimas...

Há homens que cedem sombriamente à investida da morte, parecendo que caem desamparados no chão. São os egoístas, os soberbos, os violentos, os perversos, que, no dizer do Salmista, só trazem na boca amargura e maldição.

A cerimoniosa frieza que os rodeia na vida é, ao mesmo tempo, repulsa e afastamento. Quando se vão dêste mundo, diz a Escritura que até o nome, que usaram, apodrece.

Pelo contrário, há outros que a própria morte trata com devoção e carinho, como se estivesse a deitar uma criança, enternecidamente, no regaço de sua mãe...

Descer à sepultura, para êles, o mesmo é que resvalar docemente sôbre as almas que os seguiram e os corações que os amaram...

São os bons, os justos e os santos.

São os que adormecem no Senhor inteiramente confiados na sua bondade e na sua misericórdia.

É sempre assim.

Propagandistas sem escrúpulos, falsos apóstolos têm procurado obstinadamente apagar na alma do povo a crença religiosa, para lhe darem em troca o sensualismo na vida e a desesperança na morte.

Desgraçadamente são raros os homens que do alto duma tribuna falam ao povo, como lhe falou Lacordaire no púlpito de Notre-Dame: « Ó povo, ó meu irmão! eu amo-te profundamente, porque vejo nos teus sofrimentos uma imagem inspirativa e tocante dos sofrimentos de Cristo ».

Perfeitamente à vontade, impunemente, os falsos apóstolos espalharam a mãos largas êrros funestos, mentiras torpes e suspeitas monstruosas.

Quantos e quantos, por escutá-los e segui-los, deixaram de frequentar as igrejas, que foram sempre casas de Deus e do povo?...

Mas a nossa fé cristã que, em certo modo, procede também da raça, da família, da educação recebida ao pé do berço, do ambiente em que por muito tempo vivemos, do céu que nos cobre, da própria terra que pisamos, amassada em catolicismo, como diria Barrés — esta nossa crença cristã, apesar de tudo, tem raízes tão profundas e vigorosas na alma da diocese do Pôrto, que foi de ver como o povo se impressionou e comoveu com a morte de Dom António Barroso, reconhecendo abertamente que êle era o seu Prelado, o seu Bispo!

Nessa multidão reverente e entristecida quantos e quantos inteiramente alheios ao passado que o erguera tão alto e o levava tão longe; quantos e quantos que não lhe ouviram nunca as exortações pastorais; quantos e quantos que nem ao menos o viram alguma vez a pontificar na Sé com uma majestade apostólica, com uma grandeza antiga!

Todos, porém, sentiam e confessavam que êle tinha vindo em nome de Deus para ser acolhedor, paternal, justo e bom, triste com os tristes, pobre com os pobres, humilde com os humildes, para realizar inteiramente esta palavra dum santo: « O bispo como o sol é para todos ».

Bondade enternecida, profunda, enorme, irreprimível, desbordante; bondade que dilatas o coração e transfiguras a vida; bondade que te acrisolas, exaltas e divinizas na brandura, na paciên-

cia e na caridade de Cristo; bondade santa e perene; bondade que, mesmo na dor, mesmo na Cruz, és para todos indulgência, perdão, solicitude, bondade! como tu embalas o povo, como tu edificas os bons, como tu vences os maus, como tu confundes os ímpios, como tu fazes apologética cristã, a mais oportuna, a mais acessível, a mais persuasiva e a mais comovedora!

Bondade que em nome do Senhor, vens até nós, bemdita, bemdita sejas!

Enquanto a alma do povo fazia inspiradamente a oração fúnebre do Bispo, em tórno do ataúde, a morte acendia luzes, como a noite lá no céu acende estrêlas: — a luz do apostolado indefesso, a luz da devoção patriótica, a luz do destemor apostólico, a luz da bondade excelsa... Morte cristã, morte santa queria assim que se vissem melhor estas palavras que êle aprendeu no Coração de Jesus para nunca mais as esquecer: «*Quos dedisti mihi custodivi. Ego dedi eis sermonem tuum*».

SENHOR ARCEBISPO DE BRAGA E SENHOR BISPO DO PÔRTO:

A veneranda presença de V.^{as} Ex.^{as} Rev.^{mas}, do mesmo passo que abrilhanta estas exéquias, é uma comovida e piedosa homenagem à memória de Dom António Barroso, o grande e involvidável Prelado.

Bemvindos, bemvindos sejam!

Por ter visto V.^{as} Ex.^{as} baterem-se nobremente, ao lado dêle, pelos direitos da Igreja em Portugal, anima-me já a certeza de que vão ouvir com indulgência esta minha pobre oração fúnebre que só tem o merecimento de lembrá-lo com viva admiração e pungente saúde.

CRISTÃOS E MEUS SENHORES:

Quando Deus quiere bem a uma terra, suscita-lhe um filho que a honre e a illustre, que a envolva amorosamente no brilho da sua vida e no prestígio do seu nome.

Sucede um pouco a essa terra o que succedeu a Belém com ser a mais obscura das cidades de Judá.

Quere isto dizer que Deus Nosso Senhor deu uma grande

prova de amor à vossa terra, confiando-lhe o berço de Dom António Barroso, que nasceu aqui, num lar retintamente português pela fé, pelo sangue, pela honradez, pela lisura, pelo amor à virtude e pelo amor ao trabalho.

Foi muito longe e subiu muito alto êste vosso eminente conterrâneo.

Passou pela África, pela Índia, pelo Pôrto, pelas Missões, pelos tribunais, pelo destêrro...

Mas foi daqui que êle partiu, crente e robusto, leal e bom, activo e corajoso, como costumam ser os homens do vosso Minho, criados com a graça Deus entre flores e cruzeiros, pombais e igrejas, relvas aveludadas e árvores vigorosas, águas cristalinas e searas prometedoras...

A par e passo que fazia os seus estudos, ia nele falando, e de cada vez mais alto, a vocação generosa e abnegada, pois que era vocação para padre, e padre missionário.

Ficaram-se-lhe muitas vezes os olhos presos da graça bucólica e da paz inspirativa dos presbitérios do Minho; mas as pobres almas infiéis, deprimidas por um fetichismo grosseiro e sentadas à sombra da morte, mesmo de longe, de muito longe, exerciam sobre êle uma atracção empolgante.

Tentar resistir-lhe, fazendo um desvio cómodo?... Inteiramente impossível, quando a voz que chama é a voz da Fé e da Raça.

Em cada dia que passava, êle ia, pois, sentindo mais fundamentalmente que as suas energias, os seus votos, os seus ideais e as suas aspirações só caberiam bem num ministério especialmente destinado a levar aos indígenas das nossas possessões de África a Boa-Nova de que Jesus também os remira, também morrera por êles.

*

* *

Foi em 1881 que o padre António José de Sousa Barroso embarcou enfim para Angola com o Bispo D. José Sebastião Neto.

Sigamo-lo, embora de longe no espaço e no tempo. Sigamo-lo que as suas pisadas de evangelizador do bem, de missio-

nário da paz por onde quer que se encaminhem sulcam a terra de luz.

O liberalismo sectário de 1834, que, suprimindo as Ordens religiosas, designadamente além-mar, cometera um crime de lesa-pátria e de lesa-civilização, tinha ainda parlamentos informados inteiramente por êle, que punham os mais caros interesses das Colónias muito abaixo da intangibilidade minaz dos seus princípios. Perca-se tudo, menos a liberdade de espezinhar a consciência religiosa e o passado cristão de Portugal.

Era assim. Quando se tratava de contrariar o apostolado da Igreja no país e no Ultramar quasi se pode dizer que não havia feição partidária a distinguir êste ou aquêlê govêrno.

Todos obedeciam cegamente à mesma ideologia geradora, praticamente, de incúria, desordem, abandono e ruína. Sofriam com isso as almas, sobretudo as pobres almas que lá nos sertões africanos pediam luz, moralidade e confôrto; mas ninguém se prendia com elas. Os governos da metrópole davam-se por contentes quando sabiam que os indígenas continuavam a ser carregadores submissos e a pagar pontualmente o impôsto de palhota.

É preciso ler atentamente o Dr. Pires de Lima nos discursos que proferiu no Parlamento, em 1879, e Barros Gomes na discussão da concordata de 1886 para se ver bem, ao través dos factos e dos números, o abatimento, o abandono e a ruína a que chegaram as nossas missões Ultramarinas, desde a Guiné a Timor.

Era o sudário do Portugal cristão e colonizador...

Era a razão porque o padre Campo Santo dizia nuns versos que têm ainda hoje uma funda e magoada tristeza de elegia: «*Acorda, Padroeiro, e acode ao teu maninho!*»

Os homens que estavam à frente dos destinos do país eram assim quasi todos. Ficaram.

Por ser diferente, por valer mais do que êles, o padre Barroso, piedosamente fiel à mais alta vocação da sua Pátria, partiu em *serviço de Deus* como os navegadores e os missionários do Portugal doutras eras... Sigamo-lo, vamos com êle! De que nos servem os outros?...

Mal pisou terra do Congo, entre florestas quasi virgens e ruínas seculares, o Padre Barroso começou a dar provas de que tinha realmente a alma e o arcabouço dum grande missionário. Fé ardente,

vontade tenaz, assimilação fácil, iniciativa pronta, saúde vigorosa, fôrça calma, abnegação comovedora, confiança absoluta, inabalável em Deus, que tão longe andava a servir através de agruras, desconfortos e sacrifícios sem conta. Presença insinuante e, a espaços, dominadora, gesto de pai e de guia, passo firme e resoluto de quem pretende acentuar fortemente o domínio de Portugal, voz robusta, extensa e bem timbrada — voz da fé, da terra e da raça, capaz de se erguer calorosa e trovejante contra o êrro, contra o mal, contra a traição, contra a heresia desnacionalizadora e estrangeira.

Mas, Deus do céu, que isolamento, que esterilidade, que penúria, que abandono! Falta-lhe tudo, quasi tudo — a estima leal do rei, a curiosidade, a simples curiosidade do indígena, residência, capela, catequistas, auxiliares, materiais de construção — tudo, quasi tudo!

Os poucos companheiros que levara vão sendo dizimados pela morte. Falta-lhe tudo. Falta-lhe até o conforto moral de ver a sua Pátria lá, no Congo, como a tinha na alma, grande, querida e respeitada.

Os padrões da descoberta derrubados, as igrejas em ruínas, o Zaire, o próprio Zaire a chorar dia e noite pela glória e pela fé do Portugal doutros tempos... Cristo era um nome sem significação e sem prestígio, um pobre nome dito a almas sem fé por um passado sem luz...

Deus do céu, que isolamento, que penúria, que aridez, que abandono! Para as reclamações mais instantes o formalismo burocrático e o desleixo rotineiro tornavam a capital da província tão distante como a capital da metrópole!

Celebrou a primeira Semana Santa num telheiro desabrigado e como que viu um triunfo para a missão no baptismo duma criança doente, que morreu pouco depois. Já temos agora, no céu, dizia êle no seu diário, uma alma a pedir por nós.

Pois bem, o Padre Barroso tão evangêlicamente desdobrou a alma e o coração ao sabor das necessidades e dos interesses da missão, que acudiu a tudo, supriu tudo, logrou remediar tudo!

Foi prègador, catequista, diplomata, engenheiro, agrônomo, architecto, metereologista, botânico, músico, explorador e artífice. Ou Deus não fôsse com êle!

Até nas doenças era o médico, o que assistia desveladamente aos outros, o último a cair aturdido e queimado pelas febres nas pobres esteiras da missão.

Sofreu muito, sofreu o que só Deus sabe; lutou indefessamente e heróicamente, como um soldado se bate a peito descoberto num pôsto a tôda a hora varrido pela metralha; lidou incessantemente por efectivar no Norte de Angola o domínio da sua fé e o domínio da sua Pátria; deu-se inteiramente, de braços abertos, à cruz do seu ministério e do seu apostolado. Mas acabou por se impor; mas a vitória foi dele, missionário católico, missionário português. A semente que tinha lançado nas almas penosamente, *a chorar*, como lá diz a Escritura, frutificou, voltando-se, como por milagre, numa seara esplêndida.

Por onde se vê mais uma vez que, não havendo nada que nos separe da caridade de Cristo e do amor da nossa terra, podemos tudo nos combates da fé e nos trabalhos da vida.

Quando, em 1889, Dom António Tomás da Silva Leitão e Castro, eminente Bispo de Angola, visitou a missão do Congo, encontrou o Padre Barroso profundamente minado pela doença. Mas a missão era uma obra admirável, manifestamente abençoada por Deus. Tinha uma igreja que os indígenas, com o rei à sua frente, enchiam devotadamente, casas de residência, escolas, granja agrícola, postos de catequese dispersos aqui e além pelo sertão.

A missão revia-se já com amor e ufania na filial de Madinga, que irradiava a mesma fé e erguia a mesma bandeira.

A missão servia e honrava por igual a Igreja Católica e a Pátria portuguesa.

Êste, sim, tornou a Pátria maior! Com uma grandeza épica, soube opor à rapacidade estrangeira a afirmação documentada de que havia ainda missionários e colonizadores portugueses. O Congo era realmente nosso. Tínhamos sobre êle o mais incontroverso dos direitos, porque a ocupação era um facto.

Saberiam disto os homens que o trataram depois com desconfiança e rudeza, como se a Pátria tivesse nele um inimigo perigoso? Quem sabe? Talvez não soubessem...

Missionário em África e apóstolo em Portugal. Não o fazia por menos o egrégio Padre Barroso. Lá evangelizava os indígenas; cá dentro exortava o país a proteger desveladamente as

missões, se queria verdadeiramente firmar o seu domínio colonial e ser fiel à sua missão histórica.

E era de ver como as suas conferências, os seus relatórios e as suas comunicações se impunham à atenção e ao louvor dos coloniais mais ilustres.

Sobre a impressão, o rasto que deixou no Congo a passagem do Padre Barroso escreveu o Snr. D. António Barbosa Leão palavras comovedoras e belas. Quando lá esteve, em visita pastoral, passados quási vinte anos, espalhou-se logo, como a mais grata e mais risonha das novas, que o Snr. Bispo vinha prègar a doutrina do Padre Barroso. Queria, por isso, o rei que todo o povo o ouvisse. Que prestígio!

Para terem crédito nas casas comerciais os indígenas juravam ainda pelo *sacramento* do Padre Barroso. Que conceito!

E na despedida, depois de seguirem o Snr. Bispo em multidão enorme e até longe, pediram encarecidamente a volta do Padre Barroso à sua missão do Congo. Queriam vê-lo e ouvi-lo. Que amor e que saúde!

Como devia ser terno, solícito, piedoso, condoído, agasalhador e bom, como devia imitar fielmente a Jesus compadecido da turba, compadecido dos pobres, o Missionário que deixou atrás de si e por tão dilatado tempo êste prestígio, êste conceito, êste amor, esta saúde!

Nem os cânticos religiosos que Padre Barroso ensinara na missão tinham esquecido. Lá se erguiam ainda nas igrejas, nas capelas, nas cubatas, nos sertões, talvez com a mesma fé e a mesma devoção, mas numa toada cada vez mais triste e mais lamentosa...

Falei-lhe nisto um dia, ao cair duma tarde de Junho, no jardim do Paço de Sacais. Comoveu-se profundamente; e volvendo para muito longe a alma santa e os olhos rasos de lágrimas, disse, murmurou com saúde e ternura: — « Filhos do meu coração! Pobrezinhos! »

Como Vieira para os indígenas do Maranhão, êle tinha sido também para os indígenas do Congo, o *grande padre*.

*
* *
*

Depois foi Prelado de Moçambique e Bispo de Meliapor.

Como vedes já vai tão alto e tão longe, que segui-lo é para mim, nesta tribuna, uma impossibilidade manifesta. A oração fúnebre cede o passo à história—à história da Igreja em Portugal.

Lá o podereis encontrar na falange dos missionários da sua raça eleita, da sua família excelsa, ao lado de Vieira, de Nóbrega, de Gonçalo da Silveira, de D. António Medeiros, de D. João Gomes Ferreira...

Em Moçambique visitou tôda a parte sul da província em jornadas intermináveis e singularmente penosas, que não só o levaram até onde Prelado algum jámais fôra, mas também o fizeram surgir um dia inesperadamente diante dos *Namarrais*, que, apesar de não reconhecerem o domínio de Portugal, se mantiveram submissos e reverentes, como bárbaros do século v, diante do Bispo que chegara até ali, quasi só e desarmado, para dar-lhes a paz e abençoá-los em nome de Deus e do fundo do coração...

Docete omnes gentes!

Só os missionários conhecem bem, dentro e fora de si mesmos, o poder destas palavras!

Fundou institutos de educação e ensino, restaurou igrejas, fez reformas profundas e duradoiras e, como muita e muita vez se lhe confrangera dolorosamente a alma de pastor e de português diante das ruínas da nossa grandeza antiga, deu-lhe Deus a compensação deslumbradora de ser ainda Prelado de Moçambique durante a prodigiosa campanha de África, que agrupou em torno da bandeira nacional Galhardo, Eduardo Costa, Aires de Ornelas, Couceiro, Mousinho de Albuquerque e tantos outros soldados do orgulho, da tradição e da honra da nossa terra. Pôde ver então na glória militar um poderoso factor de ressurgimento patriótico.

Estava ao tempo de licença na Metrópole. De passagem em Coimbra, aceitou o convite para prègar, com uma preparação rapidamente improvisada, numa festa de acção de graças.

Pois bem; no púlpito da capela da Universidade, tão exigente e tão alto, a sua figura, a sua voz, o seu gesto, o seu nome, o seu passado, todos os seus traços característicos de grande

missionário cristão empolgaram prontamente a alma clara e gentil da mocidade, que, à saída, atapetou o chão com as suas capas negras, côr da noite, para que êle, passando, as constelasse com o fulgor das suas virtudes, dos seus trabalhos e das suas bene-merências.

Que patriótica lição e que esplêndido triunfo! Teve na sua palavra o fervoroso lusitanismo dos soldados que se batiam na África, como se para êles fôsse, ao mesmo tempo, um Bispo e um irmão de armas...

*

* *

Depois foi para Melipor, na Índia maravilhosa... Precisava muito de para lá ir, de lá ser Bispo, para fechar com chave de ouro, a sua carreira de evangelizador católico e português.

Não lhe competia passar altivamente, como um triunfador antigo, por debaixo do *Arco dos Vice-Reis*, na Velha Goa; mas devia ser uma consolação suprema para êle ajoelhar diante dos túmulos de S. Tomé e S. Francisco Xavier, já um tanto ou quanto alquebrado por vir, como êles, de longe, de muito longe, e sempre a evangelizar o Bem e a Paz, deixando atrás de si um grande rasto de luz... Ajoelhar e dizer humildemente:— Senhor, guiado pelo exemplo, que irradia destas cinzas, tenho procurado guardar aqueles que entregaste ao meu amor e à minha solicitude. Ensinei-os, dei-lhes a tua palavra, que trouxe a ressurreição e a vida a esta velha Índia entorpecida e dormente...

Esteve em Meliapor poucos anos. Tão zelosa e patriótica e eficiente foi, porém, a sua acção pastoral, que tôdas as Cristianidades dispersas pela diocese, encravada em território inglês, sentiram e reconheceram que êle foi um dos bispos que mais fervorosamente se integraram no espírito e na tradição do Padroado português no Oriente.

Padroado do Portugal missionário, do Portugal da Cruz de Cristo, do Portugal que êle mais sentia e mais amava!

*

* *

Na fisionomia moral de Dom António Barroso, inolvidável

sobretudo para os que o trataram e conheceram de perto, havia uma feição pessoal, muito característica, que importa rever agora atentamente.

Ele foi um grande, um esplêndido português. A sua compleição moral prendia-se ao Portugal de hoje e ao Portugal do passado, como as árvores se prendem pela raiz ao seio misterioso da terra. É por isso que só Deus sabe quantas virtudes antigas reviveram na sua alma de padre e quantas aspirações da nossa terra se concretizaram na sua vida e no seu apostolado.

Amou a pátria na tradição, na história, na lenda, na ciência, na literatura, na arte, no céu que a cobre, no mar que a seduz, no berço das crianças, na sepultura dos mortos...

Por a ter encontrado abatida e apoucada por esse mundo em fora, ainda lhe queria mais, porque do mesmo passo que a servia, e cada vez com mais ardor, ia notando que havia nela uma ternura discreta e magoada de mãe, que tudo sofre e perdoa...

Era um grande, um esplêndido português. Da bandeira nacional pensava o que pensava Melchior de Vogué da bandeira do seu país: é uma fraqueza abatê-la, é pecado duvidar dela. O domínio de Portugal, o bom nome de Portugal, o prestígio de Portugal constituíram para ele, onde quer que se encontrasse, cuidados de sempre e cuidados absorventes.

Bateu-se por tudo isso na tribuna, na imprensa, no apostolado longínquo, nas comissões de serviço, na própria Cúria romana onde defendeu o Padroado português no Oriente com razões que foi expor pessoalmente a Leão XIII.

Era um grande, um esplêndido português.

Quando se efectivou a nossa participação na guerra, pensou em alistar-se, como capelão militar, não só para que os seus padres o seguissem prontamente, mas também para salvar o país da vergonha de mandar para as trincheiras soldados inteiramente desprovidos de assistência religiosa.

Pensou, torno a dizer, em ir ele mesmo, com a sua cruz de Bispo, animá-los a lutar e dispô-los, se tanto fôsse mister, a bem morrer.

Era um grande, um esplêndido português. A poucos passos da morte, fez no *Ateneu Comercial* do Porto um discurso repassado da mais funda e comunicativa emoção religiosa e patriótica.

Até hoje, que me lembre, nenhum outro ouvi, que vibrasse tão comovedoramente na minha alma de padre e de português.

Foi numa sessão solene, a que êle presidia, ladeado por literatos de talento e de renome.

Quando se levantou para falar estava nervoso, trémulo e pálido como um grande orador que era. Ia dizer palavras de ensino e talvez de despedida... Estou ainda a vê-lo. Trajava sobrecasaca e cabeção preto. Dos seus distintivos prelatícios tinha apenas a *cruz* sôbre o peito e o *solidéu* na cabeça. Era assim naquele tempo.

Falou da grandeza que tivemos no passado e do que éramos hoje, divididos por tantas paixões, retalhados por tantos ódios. Somos tão poucos, e, todavia, há momentos, em que damos ao mundo o triste espectáculo de não vivermos em paz na nossa terra, de não cabermos bem na nossa casa! Entendamo-nos como irmãos, se queremos amar mais e melhor a nossa Pátria, se queremos realmente servi-la e engrandecê-la.—Como êle disse isto! Como êle fez sentir isto!

Na assembleia, inteiramente à mercê da eloquência do Prelado, as lágrimas, em muitos olhos, davam aos aplausos uma nota de tocante sinceridade; e houve um momento em que os literatos se ergueram, como se quisessem ver melhor a palavra do grande Bispo a caminho das almas que, a recebê-la, se abriam sôfregamente...

Que beleza rara e que lição inolvidável! Uma voz eloquente, dizia o Dante, é o rio do falar...

Era um grande, um esplêndido português, herdeiro do melhor sangue, da melhor fibra e da melhor sensibilidade da raça.

Foi louvado por Pinheiro Chagas, então ministro da marinha, colaborou com Barros Gomes no célebre *mapa côr de rosa*, que era o esboço dum vasto império português de Angola à Contra-Costa e foi querido e venerado pelos coloniais mais ilustres do seu tempo—Capelo e Ivens, Serpa Pinto, Silva Pôrto, António Enes, Luciano Cordeiro e recebeu, já no Pôrto, em ouro, a medalha de serviços relevantes, prestados no ultramar.

Foi um grande, um esplêndido português êste Padre, êste Bispo que levou, primeiro para a África, depois para o Oriente, o Evangelho de Cristo e os *Lusíadas* de Camões, com o propósito

firme, inabalável de pela vida fora, ser governado e dirigido por êles.

*

* *

A recepção excepcionalmente luzida e grandiosa, que lhe fizeram no Pôrto, quando fez a sua entrada solene como Bispo da diocese, mostrou bem a admiração que rodeava a sua obra e o prestígio de que dispunha o seu nome.

Como alguém disse nessa hora ao Snr. Dom António Barbosa Leão, depois dum bispo de gabinete, convinha um Bispo missionário, que levasse a todos os recantos da diocese a sua palavra de apóstolo e a sua bênção de pastor. Imitando um magistrado francês, que sabia escrever bem, direi também por minha vez que a cadeira episcopal do Pôrto estendia para êle os braços, como que estava a chamá-lo...

É que os erros que *de longe vinham*, começavam a ter efeitos inquietadores. Escureciam os horizontes; não vinha longe a tormenta... Precisávamos, pois, dum Bispo afeito a tudo — a triunfos e amarguras, a honras e privações...

Com uma longa carreira em Angola, em Moçambique e na Índia, queimado por tantos sóis, minado por tantas febres, qualquer outro julgar-se ia com direito a vida mais repousada. Êle não. Êle aceitou a transferência para se dar todo, com o mesmo amor e a mesma abnegação, à diocese do Pôrto. A sua cruz de missionário e Bispo havia de ser até o fim sua cruz bem amada.

Vindo de longe, habituado a exercer uma jurisdição amplíssima, Dom António Barroso procurou adaptar-se à organização e à disciplina que encontrou na sua nova diocese com boa fé, lisura e até, não raro, com uma humildade tocante. Quando alguém, num ou noutro caso, lhe dizia autorizadamente que era preciso manter integralmente a observância da lei, punha a lei acima de tudo, mesmo do seu coração bondoso e compassivo.

Nunca teve hesitações nem delongas no cumprimento das determinações pontifícias, não só por dedicação incondicional à Santa Sé, mas também por julgar, e bem, e muito bem, que obedecer prontamente era ter direito a ser também prontamente obedecido.

Melhorou consideravelmente os seminários; fez o ensino pastoral com zelo e proficiência; instituiu e protegeu carinhosamente obras de manifesta eficácia religiosa e social; e teve desvelos comovedores, desvelos de pai e de fundador com a *Assistência aos clérigos pobres*, que foi talvez a sua obra mais querida.

Visitou a diocese desde as lombas do Marão às lagunas da Beira-mar... Quando tinha muito povo a ouvi-lo, muita gente para crismar não tinha horas esquecia-se inteiramente de si próprio, dava-se todo ao serviço e à compaixão das almas.

Quando seguia de noite por caminhos pedregosos, à beira de barrocais, dizia confiadamente aos que, a custo, o seguiam: — «Não tenham medo! Vamos em nome de Deus!»

Por mais longa e mais penosa que fôsse a visita pastoral, sentia-se bem a fazê-la, porque não via melhor forma de realizar a sua missão e reviver saudosamente o seu passado... Ar, luz, movimento, acção imediata, apostolado directo, a palavra e o gesto do Pastor atraindo os corações e afeiçoando as almas...

*

* *

Mas o que mais recomendou o Snr. Dom António Barroso aos seus diocesanos foi a sua bondade enorme. Indulgência, brandura, solicitude, carinho, paciência, compaixão, misericórdia... A bondade do grande Bispo revestiu santamente tôdas estas modalidades. Sentimento profundo e virtude acrisolada, com raízes no coração e raízes no Evangelho.

Chama íntima e sagrada, resistia a tudo — amarguras, desalentos, ingratidões, desenganos, para se erguer logo depois mais radiosa e mais alta.

Bondade que permanentemente se lhe espalhava no olhar, na voz, no gesto e na presença venerável, como se êle fôsse Bispo dum velho rito oriental e, ao mesmo tempo, atraente, acolhedora e doce, como dum pai que só vive para prender a si o coração dos seus filhos... Bom para todos e sempre! Bom no govêrno do bispado, bom no trato social, bom na intimidade afectuosa, bom na exortação, na advertência, no conselho, bom até para aqueles que algum dia foram injustos e rudes para com êle...

Bom para todos, mas sobretudo para os pobres. Quando a

Mitra tinha ainda um património de todo o ponto legítimo, o melhor das rendas era sempre para êles. Embora se sentisse algumas vezes a falta na mordomia do Paço, não havia forma de pôr côbro a essa imprevidência tocante. Quando a Mitra empobreceu, repartia com êles os subsídios, as esmolas que a generosidade e a devoção dos fiéis iam levar-lhe. Para êle tudo era demais; para êles tudo era pouco.

Andou a pé, vestiu mal, privou-se de muita coisa por amor deles, para ter mais que lhes dar. Póde, seguramente, afirmar-se que no Pôrto o confisco dos bens da Mitra foi sobretudo o confisco do património dos pobres. Os bens lá se foram, porque importava fazer com êles, a expensas da Igreja, um ensaio de socialização; os pobres, cada vez mais pobres, ficaram entregues à caridade do Bispo.

Um dia disse-me um deles, com os olhos rasos de lágrimas: De desgraça em desgraça cheguei a esta miséria negra em que me encontro. Já não posso descer mais. Vou ter com o Snr. Bispo. Se êle me não receber, se me não puder dar a mão, só me resta morrer ao abandono para aí, em qualquer canto... Para quantos, como êste, o Santo Bispo era a derradeira esperança!

E dava tudo — conselhos salutareis, palavras de conforto, cartas de recomendação e — tantas, tantas! — em que a sua alma bondosa e compadecida como que ia pela cidade a pedir de porta em porta... É que êle pensava com S. Jerónimo que o Bispo deve ser o pão dos famintos, a esperança dos infelizes, a consolação dos que choram. E não podia pensar melhor... Ser bom para os pobres era realmente a melhor forma de os instruir e guardar.

Esta bondade profunda, densa, irrepemível, desbordante, mesmo quando tinha a aparência de fraqueza, ennobrecia-se pela intenção e pela finalidade. Êle queria passar, com o Jesus, fazendo o Bem. Hoje condoído das privações dolorosas e dos arrependimentos sinceros; amanhã erguido severamente, se tanto fôsse mister, diante das prevaricações obstinadas e das violências injustas. É preciso reparar nisto. Quem julga superficialmente não julga com rectidão. A bondade é uma das formas do zelo sacerdotal.

*

* *

Publicada a pastoral colectiva — e com que ansiedade era esperada! — Dom António Barroso, em termos muito expressos, ordenou a sua leitura imediata em tôdas as igrejas do bispado. Era isso precisamente o que se não queria, lá no alto, donde lhe fizeram advertências tendentes a fazê-lo reconsiderar. Advertiam? Ameaçavam?... Como não era por amor da Igreja, mais um motivo para manter firmemente a sua determinação. *Verbum Dei non est aligatum*. A palavra de Deus não se encadeia.

Por saber com quem lidava, muito de caso pensado, preparou-se para tudo. Como estive então muito perto dele, posso dar testemunho disso. Todos sabem o que se passou depois. Chamado a Lisboa, pôs-se a caminho e foi. Metido no meio da turba a rugir insultos e invectivas, possivelmente de encomenda, teve mais do que nunca saúde dos indígenas do Congo... Tanto que o ouviram, fizeram-lhe, em breves horas um processo sumarríssimo, fechado por uma sentença que o público conheceu primeiro do que o réu! Era de esperar. Quando os juizes não são justos têm pressa e têm medo. Não confiam na paixão da turba nem no decorrer do tempo. Já foi assim na Paixão de Nosso Senhor Jesus Cristo...

Foi destituído de Bispo da diocese do Pôrto, como se Pombal tivesse ressuscitado com a alucinação das *prerogativas da Coroa*...

Depois do julgamento, o destêrro! O Prelado, longe do rebanho estremecido, a guardá-lo ainda, e talvez melhor do que nunca, com as suas orações, com o seu exemplo e com a sua saúde.

Foi por esta forma tocante que êle pôs na pastoral colectiva o selo indelével do martírio. O martírio, diz S. Cipriano, é um desprezo e um abandono geral de tôdas as coisas do mundo.

E Dom António Barroso viveu realmente horas assim... O Bispo caiu de pé, disse-me por então no seu gabinete de trabalho o governador civil do Pôrto. A homenagem destas palavras, de todo o ponto insuspeitas, não corrige suficientemente o êrro de visão que nelas há.

O Bispo que diziam ter caído era para nós o Bispo heróico, o Bispo glorificado. Nunca houve, entre os fiéis, tanto interesse,

tanto empenho, tanta devoção em procurá-lo, em vê-lo, em pedir-lhe a bênção, em beijar-lhe fervorosamente o anel. Parecia envolvê-lo com luz de transfiguração, um nimbo de santidade.

As penas para êle eram glorificações. Quanto mais se atea a fogueira, diz Vitor Hugo, tanto mais o mártir avulta e resplandece.

*
* *

A combater com extremos de abnegação o bom combate envelhecera prematuramente o grande Bispo. Nunca soubera poupar-se. A sua organização, aliás tão forte e tão resistente, acabou por ceder, visivelmente, às febres, às fadigas dum longo apostolado, aos trabalhos pastorais de cada dia e também à ingratidão e à injustiça dos homens. Mas isso para êle era o menos.

Onde quer que reclamassem a sua presença, a sua palavra, a sua benção, lá aparecia a sorrir e prontamente. Destino dos Bispos do Pôrto. O Snr. Dom António Barbosa Leão vai pelo mesmo caminho com um zêlo que nem a idade afrouxa nem a doença quebranta. Conhecia Bispos assim Lacordaire quando disse que, cedo ou tarde, se vive apenas para as almas.

Se lhe pedíamos encarecidamente que olhasse por si, que se poupasse, sorria-se e continuava a imolar-se, a ter em pouca ou nenhuma conta a sua pobre saúde.

Até que enfim veio a morte que êle soube receber como quem era.

O Bispo, diz um grande orador francês, mesmo na sua derradeira doença pontifica.

É o Pastor, é o Bispo! Deve, pois, receber a morte como um hóspede que vem da parte de Deus e que só uma vez na vida se recebe.

Assim o fez Dom António Barroso, para descansar, para adormecer no Senhor.

Assim nos deixou suavemente, depois de dizer, de rezar com o Coração de Jesus:

— Guardei, Senhor, aqueles que houveste por bem confiar-me. Ensinei-os. Fiz quanto em mim cabia pela pureza e integridade da doutrina. Por ti que és o meu tudo, por êles que são meus filhos e por mim que sou Bispo católico e português.

O funeral enorme, imponentíssimo, como nenhum outro se fez jamais no Pôrto, não se recompõe nem se descreve. Comoveu e movimentou a cidade, porque as virtudes do grande Bispo, a convidarem para êle, clamavam ainda mais alto do que os sinos de tôdas as igrejas do Pôrto.

Atrás do ataúde, os representantes do govêrno, como quem pratica um acto de desagravo e simultâneamente reconhece que todos os poderes do Estado não chegam para destituir um Bispo, nem para *fazer* um santo.

Com as figuras mais ilustres e representativas da cidade, os pobres em turba, em multidão, chorando e repetindo estas palavras do testamento do Prelado, que todos sabiam de cor: «*nasci pobre, vivi pobre e pobre quero morrer*».

Não quis que o seu corpo ficasse na cripta monumental da Sé do Pôrto, junto das cinzas de Dom Gonçalo de Moraes e do Cardial Dom Américo.

Antes quis vir para aqui, para Remelhe, porque lhe disse o coração que na terra do seu berço havia de dormir mais profundamente o sono eterno da morte.

E veio, e aqui está nesta terra, que, como nenhuma outra deve ser carinhosa e leve para êle, filho do seu coração, excepcionalmente grande e excepcionalmente querido.

E veio, e aqui está junto das cinzas de seus pais, na doce e comovedora ilusão de, mesmo na morte, ser aquecido e embalado por êles...

E veio, e aqui está entre as colinas, as veigas, as árvores, as relvas e as flores que foram sempre, onde quer que se encontrasse, um dos seus grandes amores e uma das suas grandes saúdades.

Como um lampadário antigo, continua a velar-lhe o túmulo a veneração popular, cada vez mais convencida de que a bondade do santo Bispo, por ter a abnegação prodigiosa que teve, não podia arrefecer inteiramente na morte, não podia desaparecer inteiramente do mundo...

— Senhor Deus, Senhor da vida e da morte! dá à alma de Dom António Barroso a paz que é só tua — a paz eterna e permite que trasladar hoje os seus despojos mortais o mesmo seja que espalhar a bondade e a concórdia neste nosso querido país, que êle tão extremosamente soube servir e amar!

ÍNDICE

<i>Prefácio do Ex.mo e Rev.mo Snr. Bispo do Pôrto</i>	Pág. V
<i>Cooperando também...</i>	IX

I — NAS MISSÕES

Disposições Sagradas	1
De Remelhe ao Congo	7
No Congo	13
Em Moçambique	27
Em Meliapor	37

II — NO PÓRTO

Entrada Solene	47
Espírito Caritativo.	53
Orador Sugestivo	57
Acção Pastoral.	67
Capitólio e Rocha Tarpeia	73
Os Seminários e o Colégio Português	85
Ordenações e Sagrações	91
Actividade Social e Missionária	105
Na Jazida de Remelhe	111
Palavras Finais	119

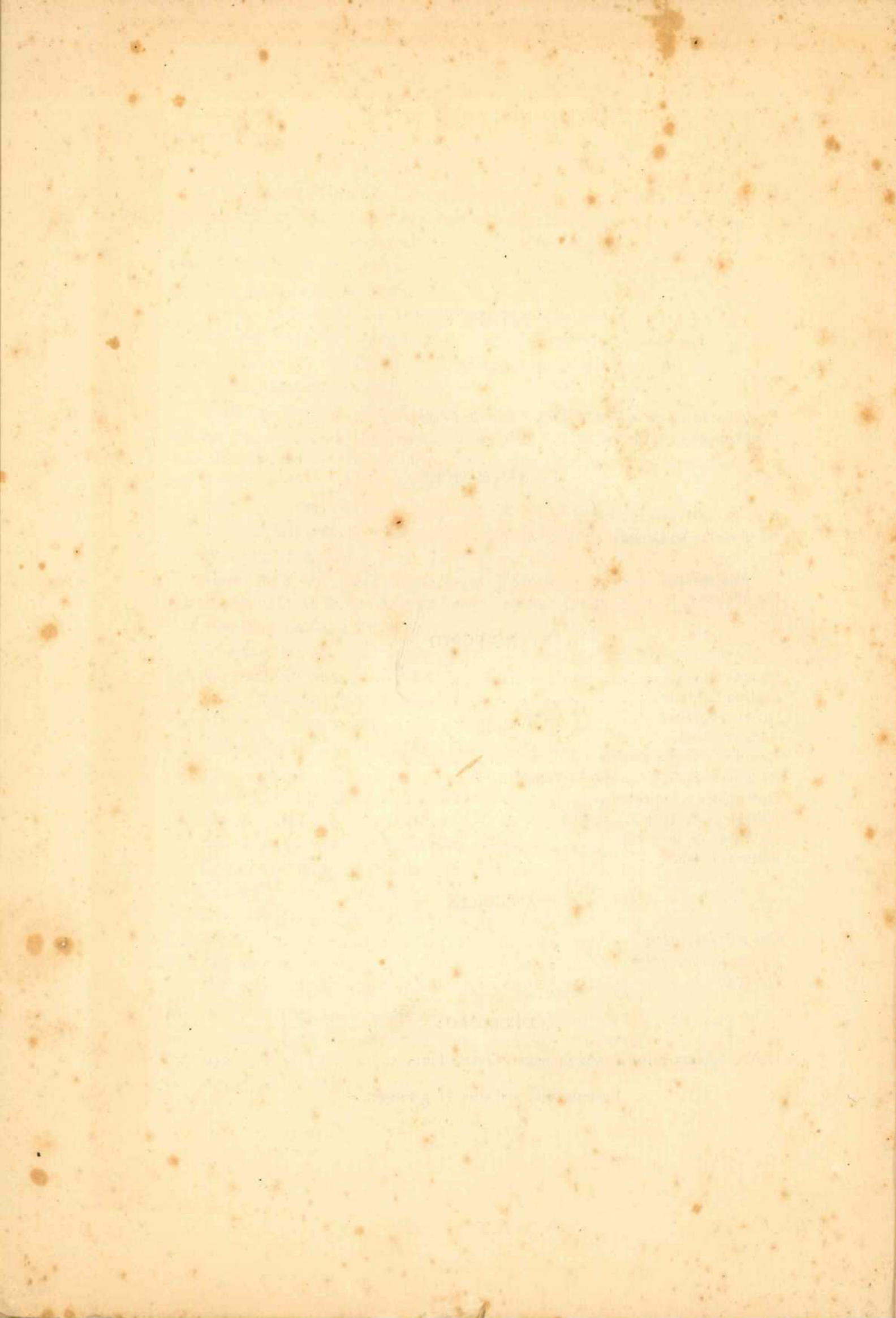
APÊNDICES

Oração Gratulatória	133
Oração de <i>Sapientia</i>	145
O Congo	159

CONCLUSÃO :

Oração fúnebre pelo Cónego Francisco Correia Pinto	179
--	-----

Ilustram este trabalho 21 gravuras.



biblioteca
municipal
barcelos



60176

D. António Barroso